

JERUSALEM CALIPHATE AND THE THIRD JIHAD



PUBLISHED BY PRAIRIE SYMMETRY MARKS

HELENA, MONTANA

JOHN C. WITCOMBE

CALIFADO
DE
JERUSALÉM
E A
TERCEIRA
JIHAD

JOHN C. WITCOMBE

PUBLICAÇÕES PROPHECY WAYMARKS

HELENA, MONTANA

Layout da página por Page One Communications

Design da capa por Lars Justinen—Justinen Creative Group Imagem

da capa: Jerusalem at Night—© Depositphotos Inc.

Imagem da capa: O Islã dominará o mundo—© TC & Reve Ltd.

Copyright © 2013 por John C. Witcombe

Impresso nos Estados Unidos da América

Todos os direitos reservados

Número de controle da Biblioteca do Congresso: 2013918859

Entre em contato com o autor visitando: JerusalemCaliphate.com

Também disponível em formato e-book

ISBN: 978-0-9911047-0-3

CONTEÚDO

Uma Nota do Autor	v
Introdução	vii
1. A Jihad Final.....	11
2. Restauração do Califado.....	23
3. Visualizando as Manchetes de Amanhã.....	37
4. O Primeiro Ai—O Primeiro Jihad.....	49
5. O Segundo Ai—O Segundo Jihad	65
6. A Terceira Ai—A Terceira Jihad	77
7. Você está preparado?.....	93
Apêndices	
` A: História do Conflito no Oriente Médio	103
` B: Pronome Identidade	115
` C: A Revolução Francesa	119
` D: Rei do Sul.....	127
` E: Guerra Triangular	131
` F: Michael Quem?.....	139
` G: Cheirographon Tois Dogmasin.....	141
` H: A Besta e Sua Marca.....	151
` I: Garantia Definida.....	167

UMA NOTA DO AUTOR

Livros sobre a crise do Oriente Médio estão proliferando como coelhinhos nestes dias! Com tal seleção disponível, por que você deveria investir seu tempo na leitura deste livro? Se o título da capa não despertou interesse, talvez eu precise ser mais claro: se eu morasse em Israel hoje e não quisesse viver sob a lei islâmica da Sharia, colocaria minha casa à venda e “fugiria”. Por que? Daniel 11:45 é o motivo: “E ele plantará as tendas do seu palácio entre os mares, no glorioso monte santo. . .”

Com base em uma interpretação razoável dessa profecia, este livro propõe que o líder da Turquia estabelecerá um califado (1) restaurado no Monte das Oliveiras, com vista para o Domo da Rocha em Jerusalém. Sim, eu sei que esta é uma proposta bastante ousada de se fazer; mas as evidências apresentadas neste livro são absolutamente convincentes.

E se você não mora em Israel? As consequências do que acontecerá em breve afetarão aqueles que vivem nas sociedades ocidentais. Uma Terceira Jihad atingirá especialmente os países ocidentais com a mesma intensidade que a história relata sobre as duas primeiras Jihads. A tragédia de 11 de setembro parecerá leve em comparação com o que está por vir.

Este livro apresentará uma visão do futuro próximo que você provavelmente nunca ouviu antes, mas foi amplamente ensinado no século XIX. Tenho em minha posse uma velha edição de Daniel e o Apocalipse de 1891, encadernada em couro, que comprei no eBay por US\$ 60. Este livro mofado de 854 páginas é um comentário versículo por versículo dos dois livros apocalípticos da Bíblia. Um best-seller, vendeu quase um milhão de cópias em vários idiomas.

Em 2010, li a interpretação do autor de Daniel 11:45 e imediatamente vi sua relevância para o que estava acontecendo em nosso mundo hoje. O

-
1. Um califado é o governo político-religioso do califa, que governa sob a lei islâmica (Sharia). O califa é o chefe da ummah – a comunidade muçulmana em todo o mundo.

O autor de Daniel e do Apocalipse aplicou sua interpretação desse versículo às condições geopolíticas de sua época. Simplesmente atualizei seu aplicativo para refletir o cenário geopolítico de nossos dias e vi que estávamos à beira de uma crise estupenda.

Mesmo sem o benefício da profecia bíblica, pode-se simplesmente olhar para o que está acontecendo hoje e ser capaz de prever o cenário que este livro apresentará. Mas, depois de um exame cuidadoso do capítulo 11 de Daniel, acredito que você também verá claramente o futuro anunciado pelo título deste livro – Califado de Jerusalém e a Terceira Jihad.

John Witcombe

Nota: muito aconteceu no mundo islâmico desde que este livro foi publicado pela primeira vez em 2013. Os principais meios de comunicação árabes reconhecem a importância do que aconteceu na votação do referendo na Turquia em 16 de abril de 2017. Em uma manchete intitulada: “Finalmente Erdogan conseguiu na transformação da Turquia no Novo Califado Otomano”, escreve Al-Dehi:

“A OTAN agora ficará em silêncio sobre a Turquia? O referendo agora transforma Erdogan em um semideus. Essa conquista é a formação do califado otomano. A Turquia agora entrará em um túnel escuro. Há uma grande divisão na sociedade turca e o sucesso de Erdogan o fará vingar os curdos e os nacionalistas. É o fim do Atatürkismo e o começo do Califado Erdoganiano.”
<https://www.elbalad.news/2720966>

Para as últimas notícias e informações sobre as profecias abordadas neste livro, acesse **JerusalemCaliphate.com** e clique na guia NEWS.

INTRODUÇÃO

Naquela fatídica manhã de setembro de 2001, quando as Torres Gêmeas na cidade de Nova York foi atacada e destruída, a atenção do mundo ocidental de repente se concentrou em palavras desconhecidas: terrorismo, Al Qaeda e até mesmo o Islã.

Nos anos que se seguiram, a consciência dos objetivos de um determinado mundo islâmico cresceu – embora ainda hoje muitos no Ocidente não entendam totalmente os planos que o Islã tem para o mundo. Enquanto nós, nas Américas e na Europa, levamos nossas vidas ocupadas, preocupados com nossas atividades e preocupações diárias - família e relacionamentos, carreira, saúde, finanças, entretenimento - muitos no mundo muçulmano se concentram principalmente no objetivo único de trazer o mundo inteiro sob o domínio do Islã.

“O Islã deseja destruir todos os Estados e governos em qualquer lugar na face da terra que se opõem à ideologia e ao programa do Islã, independentemente do país ou nação que o governa.

O Islã requer a terra – não apenas uma parte – mas o planeta inteiro.”

Jihad in Islam, pelo falecido estudioso islâmico Sayyid Abul Ala Maududi.

Maududi foi um influente jornalista paquistanês, teólogo e líder revivalista muçulmano, que escreveu mais de 120 livros e panfletos.

Ele viveu de 1903 a 1979 e é descrito no prefácio de um dos livros como um autor que “forneceu ao atual renascimento do Islã seus fundamentos intelectuais”.

Poucos entendem exatamente o que está acontecendo “sob o radar” de sua consciência. Menos ainda entendem o nível de comprometimento que o Islã – a segunda maior religião do mundo e, segundo algumas medidas, a religião que mais cresce – traz para sua missão de dominação global.

1. <<http://www.israelnationalnews.com/News/News.aspx/154434#.UktbHoZwqY1>>.

O livro que você tem em mãos é único e tem dois objetivos. Em primeiro lugar, nestas páginas, o autor apresentará a ascensão do Islã na história, seus esforços atuais para alcançar seus objetivos e seus planos para unir o mundo sob a lei islâmica da Sharia.

Ao apresentar esses fatos, este livro falará necessariamente sobre os “três Jihads” — tempos de luta épica e expansão do Islã por meio de conquistas em grande parte militares. A história é testemunha de que esses Jihads (dois no passado) foram militantes, violentos e resultaram em milhões de mortes. Um futuro terceiro e último Jihad provavelmente não será diferente a esse respeito.

Mas reconhecer que o Islã foi, é e continuará a usar meios militantes e violentos para seus fins não é - e este ponto é vital - caracterizar todo o Islã como composto apenas por aqueles que acreditam e usam a violência. Muitos muçulmanos individuais são tão amantes da paz quanto os encontrados em muitas outras religiões. Assim como historicamente, a Igreja Católica Romana também empregou a violência na busca de seus objetivos, mas hoje é composta predominantemente por membros devotos e amantes da paz, o mesmo é verdade para o Islã.

Portanto, é importante observar a grande diferença entre o sistema do Islã e o caráter de muitos de seus membros.

Um segundo objetivo deste livro será apresentar informações proféticas surpreendentes da Bíblia sobre a ascensão do Islã, seu papel nos eventos finais da história deste mundo e o significado profético dos três Jihads do Islã no cumprimento dos três “ais” da Profecia bíblica encontrada no livro de Apocalipse.

A esperança do autor deste livro é que aqueles de todas as fés fiquem intrigados com as informações aqui apresentadas - informações não encontradas em nenhum outro lugar impresso até o momento. Espera-se especialmente que os muçulmanos fiquem impressionados com a importância do papel que desempenharam — e estão prestes a desempenhar — nos eventos mundiais e no cumprimento das Escrituras cristãs, a Bíblia.

Deus usou o Islã no passado para aplicar a disciplina redentora nas nações que apoiam religiões apóstatas. E hoje, especialmente no Ocidente, grande parte do cristianismo contemporâneo está em um estado de compromisso rebelde em uma ampla gama de questões. Deus poderia estar pronto para trabalhar através do Islã mais uma vez para trazer Sua disciplina sobre as nações que apoiam o Cristianismo comprometido?

Quer você seja islamita, cristã, judaíta, budista, hinduísta, ateu, de qualquer outra religião ou de nenhuma religião, este livro é um convite para ir além das manchetes para aprender a verdade sobre o que está silenciosamente se construindo em direção a um poderoso e final choque das civilizações concorrentes do mundo. É um

alerta revelador para se informar, com antecedência, sobre o que em breve dominará todos os ciclos de notícias, todas as manchetes, todas as conversas familiares e da vizinhança.

Califado de Jerusalém e a Terceira Jihad é a sua janela para uma luta global muito real e iminente pela dominação mundial. E com isso, vamos começar o capítulo 1!

A JIHAD FINAL

“O pico, o pináculo, a busca, o ponto mais alto, o pivô,
o ápice do Islã é... a Jihad”.

—Sheik Feiz Mohammad, chefe, Centro Global da Juventude Islâmica

Jihad.

Para muitos de nós no mundo ocidental, Jihad é apenas mais uma daquelas palavras estranhas do mundo do Islã que lentamente encontraram seu caminho em nossa consciência – especialmente desde o 11 de setembro. Palavras como mujahedeen, intifada, califado, fatwa, Ramadan, Talibã, sunitas e xiitas, Al Qaeda ou Sharia.

Mas qual é o significado de Jihad? (1)

E por que se referir a um Jihad como “final”?

A palavra islâmica Jihad significa “luta”. E para os muçulmanos, isso

1. O influente *Dicionário do Islã* define a Jihad como “Uma guerra religiosa com aqueles que são incrédulos na missão de Muhammad. É um dever religioso incumbente, estabelecido no Alcorão e nas Tradições como uma instituição divina, e ordenado especialmente com o propósito de promover o Islã e repelir o mal dos muçulmanos.... [citando da escola Hanafi, Hedaya, 2:140, 141] A destruição da espada é incorrida pelos infiéis, embora eles não sejam os primeiros agressores, como aparece em várias passagens nas tradições que são geralmente aceitas para este efeito . ”—Thomas Patrick Hughes (Londres: WH Allen & Co., 1895).

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

pode significar tanto a luta interna e pessoal para cumprir os deveres religiosos de alguém - quanto a luta física externa contra os inimigos do Islã, a quem os muçulmanos frequentemente se referem como infiéis. Essa luta externa pode ser violenta ou não violenta. Aqueles que enfatizam a luta violenta referem-se a ela como “guerra santa” – geralmente militar em sua execução.

A história registra dois grandes Jihads, durante os quais o Islã se expandiu rápida e amplamente por meio de conquistas militares. Um tema primário e urgente deste livro é que uma terceira e última Jihad profetizada é iminente. Cada um desses Jihads será abordado com mais detalhes em capítulos posteriores, mas, resumidamente, aqui está uma visão geral dos três Jihads.

A Primeira Jihad

O primeiro Jihad² do Islã ocorreu quando seu profeta fundador, Muhammad, enviou seus exércitos para conquistar a Arábia, começando em 622 DC. Após a morte de Mu hammad em 632 DC, esse Jihad continuou por mais de cem anos até 750 DC. conhecidos como califas: Abu Bakr, Umar, Uthman, Ali e outros califas, que lideraram esta primeira grande Jihad, ou expansão do Islã.

Depois de conquistar a Arábia, os exércitos islâmicos - com a surpreendente rapidez de uma blitzkrieg - invadiram a Terra Santa, incluindo também o Iraque e o Irã, depois avançaram para o oeste através do norte da África e para a Espanha e a França. O avanço oriental desta primeira Jihad atingiu profundamente a Ásia Central.

A Segunda Jihad

Uma segunda grande Jihad (3) ocorreu entre 1071 dC e 1683 dC Uma vitória importante nessa Jihad foi a tomada da capital cristã de Constantinopla em 1453 dC. Os exércitos muçulmanos avançaram para a Europa desde o sudeste até a Áustria. Eles expandiram seu alcance mais profundamente no norte da África e no leste, na Índia. Milhões incontáveis — africanos, árabes, cristãos, hindus, budistas e judeus — foram mortos nesses dois primeiros Jihads.

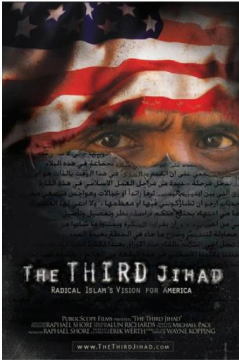
A Terceira Jihad

Muitos acreditam que as primeiras ações de um terceiro e último Jihad (4) já estão em andamento. Outros consideram essas agressões - incluindo tais

2. <<http://www.jihadwatch.org/islam-101.html>>; <<http://www.peacewithrealism.org/jihad/jihad05.htm>>. 3.

<<http://www.jihadwatch.org/islam-101.html>>. 4.

<<http://www.thethirdjihad.com/>>.



ataques como o 11 de setembro e os bombardeios do USS Cole, do metrô de Madri e do voo 103 da Pan Am — como ações relativamente menores que precedem uma terceira Jihad iminente.

De qualquer forma, fica claro pelas intenções declaradas dos líderes islâmicos que uma terceira Jihad — com o objetivo de colocar o mundo inteiro sob o domínio do Islã — é inevitável. Nada menos do que subjugar todas as outras religiões e não deixar um centímetro de solo global onde o Islã não esteja no controle será aceitável para aqueles que entendem os ensinamentos do Alcorão sobre o destino do Islã.

Despertador

A maioria de nós no mundo ocidental vive em grande parte inconsciente da crescente onda do Islã no mundo - e de seu compromisso de colocar o mundo inteiro sob o domínio da lei islâmica.

Afinal, estamos ocupados. Nosso tempo e atenção estão focados em nossas próprias rotinas diárias: trabalho e carreira, família e amizades, a luta contínua para sobreviver financeiramente e todas as outras reivindicações insistentes de nossas listas de “coisas a fazer”. Temos pouco tempo ou oportunidade para refletir sobre o que está acontecendo do outro lado do mundo — ou mesmo nos concentrar muito nas incursões do Islã aqui mesmo em nossos próprios quintais.

O Islã — a segunda maior religião do mundo e, de acordo com algumas medidas, a que mais cresce — está muito à frente do Cristianismo em sua taxa de crescimento. Se as taxas dessas duas principais religiões continuassem inalteradas, não demoraria muito para que elas trocassem de lugar, com o Islã superando o Cristianismo para se tornar a maior religião do mundo.

Preocupados com nossas próprias vidas, nós que vivemos como cristãos, ateus, hindus, budistas, membros da fé judaica, ou sem nenhuma fé, nos tornamos complacentes, apáticos, em grande parte inconscientes do que é - pelas declarações dos próprios líderes islâmicos — tornando-se uma enorme ameaça ao nosso modo de vida e às nossas crenças.

Somente quando um evento desastroso ocasional, como o 11 de setembro ou, digamos, os atentados na maratona de Boston, captura as manchetes, notamos que os Jihadis não têm dormido e estão constantemente planejando trazer morte e destruição ao mundo ocidental. Somente por meio de esforços vigilantes já (até agora, pelo menos) fomos poupados da destruição da Sears Tower de Chicago, de ataques mortais aos metrô e outros.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Este livro é o garotinho que gritou “Lobo!”? É o Chicken Little, avisando que “o céu está caindo!”? Talvez uma maneira de chegar a uma conclusão sobre essas questões seja examinar alguns dos comentários pertinentes dos próprios líderes do Islã. O que estão dizendo?

“Conquistaremos o mundo pela vitória do ditado [do Islã]: 'Não há Deus senão Alá, e Maomé é o mensageiro de Alá, sobre as cúpulas de Moscou, Washington e Paris.’” — Aiatolá Ah mad Husseini Al-Baghdadi .

“Na Jihad que você está procurando, você procura o inimigo e o invade. Esse tipo de Jihad ocorre apenas quando o estado islâmico está invadindo outros [países] para espalhar a palavra do Islã e remover obstáculos em seu caminho.... O Islã tem o direito de tomar a iniciativa... esta é a religião de Deus e é para o mundo inteiro. Tem o direito de destruir todos os obstáculos na forma de instituições e tradições... ataca instituições e tradições para libertar os seres humanos de suas influências venenosas, que distorcem a natureza humana e restringem a liberdade humana. Aqueles que dizem que a Jihad Islâmica era apenas para a defesa da 'pátria do Islã' diminuem a grandeza do modo de vida islâmico.” — Sheikh Yusuf al-Qaradawi (um dos estudiosos modernos mais reverenciados do Islã).

“A guerra santa é um dever religioso, devido ao universalismo da missão muçulmana e (a obrigação de) converter todos ao Islã por persuasão ou pela força” — Ibn Khaldun (um dos mais respeitados filósofos do Islã).

Jihad cultural

Particularmente em partes do mundo como o Ocidente, onde o Islã não é a religião dominante, a batalha das ideologias é realizada menos por meios militares e violentos do que por infiltração constante na cultura social. Mas não se engane - os objetivos do Islã permanecem inalterados:

Um documento de 15 páginas conhecido como Manifesto da Irmandade Muçulmana na América do Norte diz o seguinte na página 7: “A Grande Jihad está eliminando e destruindo a civilização ocidental por dentro”. O objetivo declarado é que “a religião de Allah seja vitoriosa sobre todas as outras religiões”.

“Antes que Alá feche nossos olhos pela última vez, você verá o Islã deixar de ser a segunda maior religião da América — é onde estamos agora — para ser a primeira religião da América.” — Imam Johari Abdul Malik, presidente, coordenador Conselho de Organizações Muçulmanas.

A Jihad Final

Um dos meios mais eficazes de se infiltrar na sociedade ocidental e “ganhar de dentro” é o esforço crescente para atrair as mentes e os corações daqueles que estão na prisão. No estado de Nova York, por exemplo, estima-se que 18% dos presos sejam muçulmanos. Contribuindo para este resultado estão as atividades de recrutamento de capelães de prisões islâmicas. Considere as palavras de um ex-capelão do Departamento de Correções da cidade de Nova York para os presos:

“Irmãos, preparem-se para lutar, preparem-se para morrer, preparem-se para matar. É uma parte da fé, e isso não é seu irmão apenas dizendo isso. Isso é história, isso é o Alcorão, ninguém pode negá-lo... Quando você luta, você infunde o terror no coração do descrente.” — Warith Deen Umar, ex-capelão do Departamento de Correções de Nova York.

E uma vez libertados, muitos ex-prisioneiros são instados a ingressar em centros de treinamento jihadista, como “Islamberg” no interior do estado de Nova York, um dos pelo menos 30 desses complexos conhecidos nos EUA. Aqui, surgiram vídeos mostrando treinamento no uso de várias armas, bem como a fabricação de bombas. Muitos desses centros são operados por Sheikh Gilani, chefe do Movimento Al Fuqra no Paquistão, com links para várias atividades jihadistas.

A Ameaça Nuclear

Claro, a ameaça mais temida é que os dispositivos nucleares cheguem às mãos de grupos militantes islâmicos ou de um Estado muçulmano dominante como o Irã. Muitos suspeitam que o Irã está muito perto de ter capacidade nuclear - e que, uma vez que esse ponto seja alcançado, o Irã não hesitará em usar tais armas.

O antigo impedimento da “Guerra Fria” – MAD, ou Destruição Mutuamente Assegurada – não se aplica mais a grupos ou países islâmicos, pois eles não hesitariam em pagar o preço de sua própria destruição para garantir a destruição de seus inimigos. Afinal, Alá conhece os seus, como eles os vêem – e ele pode resolver quaisquer baixas e dar um passe rápido para o paraíso para aqueles “martirizados” em uma possível guerra nuclear.

Hoje em dia, cabe numa mala um dispositivo nuclear com potência comparável à que destruiu Hiroshima. E um nível abaixo dos dispositivos nucleares em poder destrutivo estão as chamadas “bombas sujas”, que poderiam usar uma carga nuclear menor para espalhar agentes químicos ou biológicos mortais para destruir dezenas de milhares.

Restauração do Califado: o destino do islã?

Antes que o Islã esteja totalmente preparado para reafirmar sua marcha para a

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

dominância, no entanto, as facções díspares e fragmentadas do Islã devem de alguma forma ser unidas sob um único líder muçulmano - um sistema que prevaleceu através dos séculos até o ano de 1924. Esse líder era conhecido como o califa, e o sistema de governo conhecido como califado.

Considere agora um ex-comentarista da Fox News conhecido por seus longos e às vezes emocionais discursos sobre tópicos politicamente orientados, que pega a ideia de um califado islâmico restaurado e a segue. O Islã, diz ele, está se preparando para estabelecer um governo islâmico unificado com a intenção de nada menos que dominar o mundo.

Os críticos - o suficiente para encher um estádio do Super Bowl - o chamam de maluco. Um conspiracionista. Um idiota tagarela.

Vamos admitir que os especialistas da rede não são profetas da Bíblia com informações internas sobre o que está por vir. E o sensacionalismo é a matéria-prima das avaliações, então não é de surpreender que as teorias dessas “cabeças falantes” sejam frequentemente vistas com desconfiança ou sejam consideradas risíveis. Além disso, neste nosso mundo cada vez mais fragmentado, os divulgadores de todas as tendências extremistas encontram hordas de crédulos dispostos a abrir mão de seu próprio bom senso e segui-los até a periferia ou até mesmo a destruição final. Jim Jones ou David Koresh, alguém?

Tudo isso dito, uma questão permanece: sob as camadas de medo, a publicidade e a histeria que a mídia emprega para aumentar o número de espectadores - e apesar da confusão e contradições de suas chamadas previsões - há uma verdade surpreendente à espreita lá. que descartamos por nossa conta e risco? Por exemplo, o antigo Bom Livro em si tem algo a dizer sobre o crescente poder e influência do Islã que agora faz parte das notícias diárias? A Bíblia do Cristianismo ao menos sugere ou permite uma ideia aparentemente bizarra como a restauração de um califado islâmico?

Falando nisso, o que é um califado? Simplificando, califado deriva do nome árabe (khilāfa) para o primeiro sistema de governo no Islã - e o califa era o chefe de estado e líder religioso. Inicialmente, o califado foi formado pelos discípulos de Muhammad como uma continuação do sistema político-religioso que o próprio profeta estabeleceu.

O primeiro califa islâmico foi Abu Bakr, sogro de Maomé, que governou de 632 a 634 dC, após a morte do profeta. O califado continuou através dos séculos até 1924, quando, em 3 de março, Mustafa Kemal Atatürk, o primeiro presidente da República Turca, aboliu constitucionalmente o cargo do califado.

A Jihad Final

Hoje, de muitos quadrantes do Islã surgem apelos para a restauração do califado – para a união do Islã sob um governo e governante centralizado. Esse objetivo é absurdo? Impossível? Tais chamadas devem ser consideradas como sonhos islâmicos ociosos? Ou esta é uma determinação sólida?

Precisamos acertar isso.

Considere e reflita: Já “entendemos errado” como nação? Alguma vez deixamos de ouvir - calculamos mal, subestimamos, presumimos?

Tínhamos chances de saber que Pearl Harbor estava prestes a acontecer? A arrogância nos levou a pensar que nosso poder de fogo superior poderia acabar com o Vietnã rapidamente? O 11 de setembro foi realmente uma surpresa, depois de todos os avisos diretos de que era iminente? O eventual imbróglio do Iraque não deveria terminar dentro de dias de “choque e pavor”?

E hoje? Estamos realmente ouvindo o que muitos líderes religiosos do Islã estão dizendo?

Quando eles dizem que seu objetivo é unir o mundo sob o Islã como a única religião mundial – nós rejeitamos, desculpamos, ignoramos ou minimizamos suas palavras e nos recusamos a levá-las a sério? Suas ações até agora corresponderam às suas palavras - ou não?

Antes de Pearl Harbor, antes do Vietnã, antes do 11 de setembro, antes do Iraque - e muitas outras vezes em nossa história - talvez tenhamos respondido com muita frequência àqueles que traziam avisos de antemão, ignorando-os ou ridicularizando-os. Nós os chamamos de traficantes de medo, vendedores ambulantes de pânico, mercadores de conspiração.

Agora, não se engane. Vivemos em um mundo cheio de todo tipo de medo - tanto real quanto imaginário. Vivemos em uma sociedade que obtém sua adrenalina diária do assustador e do sensacional. E o empreendimento escolhido e lucrativo da mídia é alimentar esse medo, atizar o sensacionalismo e perpetuar o pânico. E, sem dúvida, a grande maioria dessa histeria de medo é totalmente artificial. Mas os mundos do marketing e da mídia conhecem o poder motivador do medo. Eles sabem que podem obter lucros enormes quando as pessoas estão com medo. As pessoas pagarão quase tudo para estarem seguras. Levante o espectro da insegurança e você ganhará dinheiro. Deixe as pessoas com medo, e controlá-las torna-se muito fácil.

E o governo sabe que pode aumentar seu controle sobre a vida de seus cidadãos citando a “segurança nacional” como a justificativa para eliminar constantemente os direitos civis, humanos e até constitucionais básicos.

Assim, o Departamento de Segurança Interna; a Administração de SEGURANÇA de Transporte.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Mas só porque muito do medo, pânico e teorização da conspiração abundante hoje é induzido artificialmente - e só porque alguns locutores da TV estão realmente traficando fantasias rebuscadas - isso não significa que podemos descartar ou descartar com segurança todos os avisos, mesmo alguns deles. Talvez mesmo nos discursos mais exagerados possa ser encontrado um núcleo, um cerne, de verdade e realidade.

Se um especialista ou político nos disser para ter medo, muito medo, do Islã militante, podemos considerar a fonte e decidir que nada do que ele diz deve ser confiável.

Mas e se, nesse aviso de que o céu está caindo, uma verdade importante puder ser encontrada? E se assim for, como podemos saber – entre a verdade e o sensacional – qual é qual?

Não é tão difícil. Ouça a fonte original, ou fontes. Podemos sabiamente ser céticos em relação ao que os outros relatam ou opinam que devemos temer. Mas se, talvez com razão, podemos duvidar da credibilidade de, digamos, um comentarista, político ou jornalista que adverte sobre os objetivos do Islã, o que dizer dessas próprias fontes islâmicas? O que eles dizem? E ainda mais importante, o que — para aqueles que confiam nos profetas da Bíblia — eles dizem?

Sim, sobre a agenda e a veracidade do medo de segunda ou terceira mão da mídia, podemos muito bem ter fortes reservas, mas e as fontes de primeira mão? Leia estas palavras recentes - então decida por si mesmo se esses oradores querem dizer o que dizem. Decida se eles estão exagerando apenas para causar efeito ou declarando com determinação inabalável o que pretendem fazer:

Trechos de um discurso do parlamentar do Hamas e clérigo Yunis Al-Astal, em Al-Aqsa TV, 11 de maio de 2011:

“Os [judeus] são trazidos em massa para a Palestina para que os palestinos – e a nação islâmica por trás deles – tenham a honra de aniquilar o mal dessa gangue....

“Todos os predadores, todas as aves de rapina, todos os répteis e insetos perigosos e todas as bactérias letais são muito menos perigosos do que os judeus....

“Em apenas alguns anos, todos os sionistas e os colonos perceberão que sua chegada à Palestina foi com o objetivo do grande massacre, por meio do qual Alá quer aliviar a humanidade de seu mal....

“Quando a Palestina for libertada e seu povo retornar a ela, e toda a região, com a graça de Alá, se transformar no

A Jihad Final

Estados Unidos do Islã, a terra da Palestina se tornará a capital do Califado Islâmico, e todos esses países se transformarão em estados dentro do Califado.”

Declarações foram ao ar na TV Al-Aqsa em 3 de novembro de 2011, em uma manifestação do movimento palestino pró-Hamas Al-Ahrar em Gaza. Organizador do rali:

“Louvado sejas, nosso Senhor. Você fez nossa matança dos judeus um ato de adoração, através do qual nos aproximamos de você....

“As orações de Allah sobre você, nosso amado Profeta [Muhammad]. Você transformou seus ensinamentos em constituições para nós - a luz com a qual dissipamos a escuridão da ocupação e o fogo com o qual colhemos os crânios dos judeus.

“Sim, nossos amados irmãos, embora o mundo inteiro se aproxime de Allah por meio do jejum, da fome e das lágrimas, somos um povo que se aproxima de Allah por meio do sangue, das partes do corpo e dos mártires....

“Ó filhos da Palestina, ó filhos da Faixa de Gaza, ó Mujahi deen – promovam a Jihad, causem destruição, explodam e ceifem as cabeças dos sionistas. As palavras são inúteis agora. A mentira da paz se foi. Apenas as armas são úteis - o caminho de [recém-morto] Yousuf e Ali, o caminho do martírio e da Jihad. Apenas nossas feridas falam por nós. Não falamos nada além da linguagem da luta, da Jihad, [de] foguetes, bombas, canhões e caçadores de martírio. Esta é a linguagem em que falamos e negociamos com o inimigo sionista...

“Dizemos aos sionistas: como uma semente ruim, nós os arrancaremos de nossa terra, para que ela possa florescer à luz do sol eterno de nossa Jihad e de nossa religião invencível. Jerusalém não é sua – saia dela! Haifa não é sua — saia dessa! Tel Aviv não é sua - saia dela! Ó sionistas, saiam antes que os expusemos. Estas são as palavras dos Mujahideen.”

Shaykh egípcio Safwat Hegazy, membro da Irmandade Muçulmana, em um vídeo postado no YouTube em 2 de outubro de 2009:

“Digo-vos que voltaremos. Jerusalém nos pertence. Al Aqsa nos pertence. Jerusalém nos pertence e o mundo inteiro nos pertence. Cada terra em que o Islã pisou retornará para nós. O califado voltará para nós, na plataforma da profecia. A grandeza e a glória do Islã retornarão.”

Simples o suficiente?

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

“Oh”, alguns irão protestar, “mas essas são apenas vozes isoladas. Esses são apenas os extremistas ou militantes do Islã falando. A grande maioria do Islã é composta por membros amantes da paz que rejeitam esse tipo de conversa”.

Podemos ter tanta certeza disso?

Pintar qualquer grupo — especialmente qualquer religião — com o mesmo pincel seria repreensível e injusto. Concluir que todos os seguidores de Muhammad buscam a guerra e a destruição seria um erro enorme e flagrante. Muitos dos 1,57 bilhão de muçulmanos do mundo vivem pacificamente e desejam a paz tanto quanto a maioria dos cristãos e judeus.

Mas, como acontece com qualquer grupo organizado de humanos — político, religioso, organizacional ou institucional —, os líderes lideram e os seguidores seguem. E, sem dúvida, os líderes muçulmanos de hoje buscam a restauração de sua autoridade — a unidade de todo o Islã e, finalmente, do mundo, sob uma fé centralizada em um só lugar.

Se houver qualquer dúvida de que populações inteiras podem ser manipuladas ou forçadas por líderes extremistas a seguir uma agenda maligna, simplesmente lembre-se do Holocausto.

Muitos leitores terão vivido o suficiente para se lembrar de uma época em que o Islã mal era conhecido ou falado - pelo menos aqui nos Estados Unidos. Alguns de nós se lembram de uma época em que os conflitos incessantes do homem centravam-se nas guerras mundiais — a primeira e a segunda. Então veio o interlúdio da Guerra Fria — um impasse assustador entre as duas grandes superpotências mundiais.

Mal a União Soviética entrou em colapso, as Guerras Mundiais e a Guerra Fria foram abruptamente substituídas por um novo tipo de guerra - a Guerra ao Terror. E surgindo com ela na consciência pública veio a agenda e as táticas até então pouco conhecidas do Islã.

Nunca chegará o tempo em que o Islã simplesmente recuará até que mais uma vez mal se registre em nossa consciência coletiva. O Islã veio para ficar. A marcha progressiva do Islã é rápida e implacável. Sua presença e agenda não devem ser ignoradas. E aí de quem escolher minimizar ou ridicularizar suas palavras ou subestimar suas intenções.

Pelo menos esse não é um erro que o governo americano provavelmente cometerá. A possibilidade de um califado islâmico restaurado é uma parte reconhecida de seus cálculos de política externa. Na declaração a seguir, talvez como o autor, você também notará a ironia de uma nação que emprega rotineiramente o medo para seus próprios fins, mas que muitas vezes opera por medo:

“Apesar de o governo Obama ter abandonado a expressão 'guerra ao terror', os impulsos codificados nela ainda moldam poderosamente a formulação de políticas de Washington, bem como seus medos e fantasias geopolíticas. Acrescenta-se a uma versão absurdamente modernizada da teoria do dominó. Esse **medo irracional de que qualquer pequeno revés para os EUA no mundo muçulmano possa levar diretamente a um califado islâmico se esconde por trás de muitos dos pronunciamentos de Washington e muito de seu planejamento estratégico.**” —Juan Cole, CBSNews.com, 28 de janeiro de 2011 (originalmente em TomDispatch.com, 25 de janeiro de 2011), ênfase fornecida.

A história e os eventos atuais nos dizem muito sobre o crescente impacto do Islã em nosso mundo. Mas este livro tem uma intenção maior do que simplesmente revisar o passado do Islã e descrever seu presente. Guiado pela luz dos antigos profetas da Bíblia, busca prever seu futuro. Aceitar acriticamente as previsões dos tabloides dos comentaristas da mídia é uma coisa. Depositar confiança, esperança e crédito nas palavras de profetas como Daniel e seu livro homônimo do Antigo Testamento — e João, que escreveu o livro de Apocalipse do Novo Testamento — é outra bem diferente.

O foco deste livro será especialmente em um único capítulo do livro de Daniel. E ainda mais, em um único versículo daquele capítulo. Pois nessas palavras, para aqueles que “têm ouvidos para ouvir”, encontra-se uma mensagem antiga que descreve o papel do Oriente Médio e do Islã ressurgente, tanto agora quanto nos últimos dias do mundo, logo à frente.

Alguém pode saber com precisão e detalhes como até mesmo as profecias da Bíblia se desenrolarão, quando elas realmente acontecerem? Podemos combinar essas profecias com os objetivos inequivocamente declarados do Islã militante de hoje e então descrever com certeza o que está prestes a acontecer em nosso mundo?

Não. Não mais do que podemos conhecer perfeitamente qualquer coisa que ainda não tenha ocorrido.

Mas o autor deste livro está convencido de que o histórico de profecias da Bíblia é 100 por cento, e que não é especulação ilegítima e selvagem imaginar um cenário que começa com o que a profecia bíblica garante - e se baseia nesses detalhes conhecidos.

Portanto, antes de começar a examinar cuidadosamente os livros bíblicos de Daniel e Apocalipse - e o que eles podem nos sugerir sobre o Islã e seu crescente papel no mundo - considere a possibilidade de um mundo islâmico recém-unido sob a liderança de um califado restaurado. . Desde o fim do califado em 1924, o Islã perdeu em grande parte a força que

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

sempre reside na unidade. Desde então, as várias facções do Islã têm trabalhado com objetivos opostos entre si.

Mas o que poderia acontecer se um único califa unisse o Islã a partir de seu quartel-general na Terra Santa? E isso poderia acontecer mais cedo do que a maioria poderia imaginar?

RESTAURAÇÃO DO CALIFADO

- **Osama bin Laden** imaginou: o mundo inteiro unido sob um califado islâmico restaurado, governado pela lei Sharia.
- O comandante **talibã** Omar Khalid al Khurasani disse: “Até que o Islã seja implementado no Paquistão e no Afeganistão e o califado seja estabelecido em todo o mundo, nossa jihad continuará. Este é o nosso primeiro e principal objetivo.”
- **A Al Qaeda** tem como objetivo final a restauração do califado. Eles batizaram seu noticiário na Internet de “A Voz do Califado”.
- **A Irmandade Muçulmana** - fundada em 1928 pelo professor egípcio Hassan al Banna, apenas quatro anos após a abolição do califado, é agora uma das maiores e mais influentes organizações islâmicas e declarou seu objetivo final como restabelecer o califado em busca do “domínio do mundo” islâmico.
- O **Hamas** — um desdobramento da Irmandade Muçulmana localizada na Palestina — defende o objetivo islâmico final de um califado restaurado, juntamente com a destruição final de Israel e a reocupação do território israelense.
- O **Hezbollah**—baseado no Líbano—ambiciona restaurar um califado.
- **Hizb ut-Tahrir** rivaliza com a Irmandade Muçulmana em tamanho e influência no mundo islâmico e como uma das organizações mais comprometidas com o objetivo de um califado restaurado, elaborou uma constituição provisória para um califa moderno, governado pela Sharia, estadopan-islâmico

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

- **Uma pesquisa recente** mostrou que mais de dois terços das pessoas em quatro nações muçulmanas dizem apoiar a idéia de unificar todos os países muçulmanos em “um único estado ou califado islâmico”.

Califado, como observado no capítulo anterior, é uma palavra árabe (de khilāfa) que se refere a um estado islâmico governado por um califa – uma palavra que significa “sucessor” (do profeta fundador Maomé) – um líder religioso e político supremo que unifica o Islã sob o estado de direito da Sharia.

Desde que o califado terminou abruptamente em 1924 com o fim do Império Otomano (Turco), o sonho islâmico de um califado restaurado continuou, tornando-se cada vez mais um objetivo comum de praticamente todas as facções e organizações do Islã.

Desde o primeiro califa, Abu Bakr - que sucedeu Muhammad após a morte do profeta em 632 dC, até o último califa, Abdülmecid II, que foi deposto pelo primeiro presidente da Turquia, Mustafa Kemal Atatürk, em 3 de março de 1924 - o califado foi o sistema do Islã de governança. Ao longo do caminho houve alguns “solavancos na estrada (califas rivais, por exemplo), mas o sistema sobreviveu por quase 1.300 anos. A partir de meados de 1500, o cargo de califa no Império Otomano - até então principalmente religioso - tornou-se também um cargo mais político, muitas vezes combinando os títulos de califa e sultão.

Breve História do Califado

Os primeiros quatro califas a liderar o Islã após a morte de Muhammad em 632 DC foram: Abu Bakr as-Siddiq, Umar ibn al-Khattab, Uthman ibn Affan e Ali ibn Abi Talib. Juntos, esses quatro califas passaram a ser conhecidos como os “sucessores corretamente orientados” de Muhammad, tendo sido seus companheiros íntimos durante sua missão profética. Após esses quatro, o califado continuou por uma sucessão de dinastias: os omíadas (661–750 d.C.), os abássidas (750–1517 d.C.) e os otomanos (1517–1924).

Outras dinastias concorrentes (os fatímidas, os ramânidas, os almóadas) não foram universalmente aceitas no Islã e governaram apenas partes do mundo islâmico.

Talvez o mais notável dos califas históricos tenha sido Suleiman I (“o Magnífico” e “o Legislador” — 1494–1566 DC), cujos títulos incluíam Califa do Islã e Sultão do Império Otomano. Durante seu reinado, o Império Otomano atingiu o auge de sua expansão, conquistando a maior parte do Oriente Médio, norte da África e avançando na Europa.

Mas no início dos anos 1900, o antigo Império Otomano estava muito enfraquecido, contraído e em declínio. Após a Primeira Guerra Mundial, Mustafa Kemal Atatürk

Restauração do Califado

(seu sobrenome, que significa “pai dos turcos”, foi concedido a ele pelo parlamento turco), com o apoio do governo britânico, liderou o estabelecimento da Turquia como um estado laico, transferindo a capital de Constantinopla (Istambul) para Ancara. E em 3 de março de 1924, por meio da Grande Assembleia Nacional Turca, ele dissolveu o cargo de califado. O califa final, Abdülmecid II, foi deposto e enviado para o exílio.

Expectativas de um Califado Restaurado

Ao longo dos nove séculos desde 1924, o sonho de um califado restabelecido nunca desapareceu para a maioria dos muçulmanos. Cada vez mais, de muitos cantos do mundo islâmico vêm apelos para — refletindo as expectativas — de um califado restaurado. Alguns exemplos:

“A nova era do califado está a caminho!”

—Shaykh Abdul Majeed al-Zindani, Iêmen, março de 2011.

“O Califado no caminho do Profeta retornará... O povo quer a restauração do Califado.”

—Jordanian Sheik Nader Tamimi, Mufti do Exército de Libertação da Palestina, na Memri TV (a Internet), 15 de dezembro de 2011.

“Podemos ver como o sonho do Califado Islâmico está sendo realizado, se Alá quiser... Podemos ver como o grande sonho, compartilhado por todos nós – o dos Estados Unidos dos Árabes – será restaurado, se Alá quiser. ...

A capital do califado - a capital dos Estados Unidos dos árabes - será Jerusalém, se Alá quiser. ... Nossa capital não será Cairo, Meca ou Medina. Será Jerusalém, se Alá quiser.”

—Clérigo Safwat Higazi, 1º de maio de 2012, em um comício em apoio ao então candidato e eventual presidente egípcio (desde então derrubado) Mohamed Morsi (da Irmandade Muçulmana).

“Ouça, Obama, o Califado vai voltar... o Califado é a resposta... Escute, Obama, nós somos uma nação que não se curva, e o Califado vai voltar!”

— Hizb ut-Tahrir Imam, falando na Mesquita de al-Aqsa em Jerusalém, 12 de julho de 2013.

Assim, de todo o mundo muçulmano vêm apelos cada vez mais frequentes para o restabelecimento do califado. E muitos fora da ummah (comunidade) islâmica também expressam expectativas - ou pelo menos temores - de uma restauração do

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

califado, unindo um mundo muçulmano atualmente dividido em um superestado coeso e obstinado (um “Estados Unidos Islâmicos”?) empenhado na dominação global sob o domínio mundial da lei Sharia

Lei Sharia

A propósito, uma palavra aqui antes de prosseguir, sobre a lei da Sharia. Considerada a lei infalível de Allah, a Sharia é a lei moral e religiosa do Islã. Aborda muitos tópicos de interesse secular — política, crime, economia —, mas também assuntos pessoais como comportamento sexual, higiene, dieta, oração e jejum.

A Sharia tem duas fontes primárias. Primários são os preceitos contidos no Alcorão, mas perdendo apenas para o Alcorão é a Sunnah - os ensinamentos, práticas e exemplo do profeta Muhammed. A Sunnah inclui suas palavras específicas, hábitos, práticas e até mesmo suas aprovações silenciosas.

Uma batalha de irmãos

Um califado global impondo a lei Sharia em todo o mundo? Isso é apenas uma fantasia criada? apenas se preocupando com nada? Afinal, o Oriente Médio é...

Uma caixa de isca. Uma mina terrestre. Uma bomba viva.

Restauração do Califado

Durante décadas, o Oriente Médio ferveu, enquanto Israel e as nações árabes se apegavam a ódios antigos. Tão antigo quanto o Antigo Testamento. Abraão, de cujos filhos Isaque (Israel) e Ismael (nações árabes) descenderam.

“E o anjo do Senhor lhe disse: Eis que concebeste, e darás à luz um filho, e chamarás o seu nome Ismael; porque o Senhor ouviu a tua aflição. E ele será um homem selvagem; a sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele; e habitará na presença de todos os seus irmãos.” — Gênesis 16:11, 12.

“E quanto a Ismael, eu te ouvi: Eis que eu o abençoei e o farei frutificar e o multiplicarei extraordinariamente; doze príncipes ele gerará e eu farei dele uma grande nação.” — Gênesis 17:20.

Ambos os descendentes de Isaque e Ismael traçam suas concorrentes reivindicações de terra e favor divino às promessas de Deus a Abraão.

Nas últimas décadas, o impasse mais amplo entre Israel e todo o mundo árabe se estreitou, de modo que hoje é mais entre Israel e a Palestina – já que algumas nações árabes assinaram acordos de paz inquietos com o Estado judeu.

Mas toda a área do Oriente Médio e Norte da África continua sendo um lugar de constante turbulência e ameaça - e com o crescente crescimento do Islã na região, outras nações árabes também compartilham o objetivo final de devolver Jerusalém e todo o Israel à ocupação e controle árabe-islâmica. .

Mais recentemente, o foco mudou para incluir não apenas a Palestina como uma ameaça mais imediata a Israel, mas também ao Irã. Ambos continuam negando que Israel como nação tenha o direito de existir.

Irã: até 1935 conhecido como Pérsia - e desde 1979 um teocrático islâmico república de 78 milhões governada por um aiatolá islâmico conhecido como o líder supremo. Subordinado ao Líder Supremo está o presidente do Irã – embora presidentes recentes tenham algumas vezes, mas sem sucesso, desafiado o líder islâmico pelo controle do país.

Irã: Uma nação de “canhão solto” à vontade para usar a violência e o terror para promover sua visão de um mundo finalmente sob o poder de um califado islâmico.

Irã: Uma ameaça crescente e preocupação tanto para Israel quanto para todos os seus aliados ocidentais, incluindo os Estados Unidos, porque continua desafiadoramente a desenvolver um programa de armas nucleares. E é improvável que o Irã esteja fazendo isso apenas para se defender ou usar a energia nuclear para fins pacíficos – a maioria tem poucas dúvidas de que, se o Irã obtivesse plena capacidade nuclear, seu primeiro alvo seria Israel.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Qualquer um que acompanhe as notícias continua a ouvir especulações - e está ficando mais forte a cada mês e ano - de que Israel não está prestes a esperar que o Irã atinja seus objetivos nucleares. Em vez disso, torna-se cada vez mais evidente a probabilidade de que Israel possa muito bem lançar um ataque preventivo ao Irã para eliminar essa ameaça nuclear.

Enquanto este livro vai para a impressão, um novo presidente iraniano está dando uma nova cara ao Irã. O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu chama esse novo rosto de “ofensiva de charme” iraniana. Ron Ben-Yishai chama isso de “armadilha de mel iraniana”.

“WASHINGTON— A conselheira de segurança nacional dos EUA, Susan Rice, tenta amenizar as preocupações de Israel e outros aliados dos EUA no Oriente Médio sobre a possibilidade de Washington cair em uma manobra iraniana para ganhar tempo em sua busca por uma arma nuclear.”— Yitzhak Benhorin, publicado em 29.09.13, *Israel News*.² O que muitos não

sabem é que a mesma Bíblia que apresenta a história de Abraão, Isaque e Ismael está repleta de profecias divinas. Muitas delas já aconteceram. Alguns estão sendo cumpridos mesmo neste momento. Mas a Bíblia também prediz o que ainda está por vir – incluindo detalhes surpreendentes sobre a ascensão e os objetivos hegemônicos de um Islã determinado.

Este livro abordará em detalhes algumas dessas profecias bíblicas. Mas neste capítulo, gostaríamos de compartilhar pelo menos um cenário possível para o que poderia acontecer - com base em uma projeção razoável do que está acontecendo agora nos eventos mundiais atuais e no que a própria Bíblia diz que VAI acontecer - no futuro próximo.

Claro, qualquer cenário futuro inclui especulação e talvez um pouco de imaginação criativa. Mas esse cenário não é aleatório ou tirado do ar - é realmente uma projeção educada das próprias profecias da Bíblia (que examinaremos juntos nos capítulos seguintes a este).

A palavra segura da profecia apenas nos diz o resultado final - que este autor acredita apontar de forma convincente para um Califado Islâmico implantado em Jerusalem, juntamente com uma terceira e última Jihad. Como chegaremos a esse fim é uma incógnita. Portanto, o que se segue é apenas isso - um cenário possível, mas razoável, baseado em considerar a história, a profecia bíblica e os eventos atuais.

Então, como o palco pode ser montado para a restauração de um califado global? Poderia envolver um poderoso e carismático jihadista islâmico entrando no vácuo de liderança deixado pelos levantes da Primavera Árabe? Os jihadistas seguirão de bom grado tal pessoa, dando suas vidas para garantir o estabelecimento de um

1. <<http://www.ynetnews.com/articles/0,7340,L-4434217,00.html>>.

2. <<http://www.ynetnews.com/articles/0,7340,L-4434492,00.html>>.

Restauração do Califado

califado. Poderia de fato envolver o Irã alcançando capacidade nuclear – uma nação que se vangloria de que, quando tem armas nucleares, não espera um dia para usá-las? Será que um ataque repentino a Israel por um ou mais de seus vizinhos árabes desencadearia uma série de eventos que levariam ao resultado surpreendente de um novo califa governando a partir de seu quartel-general na cordilheira de três picos em Jerusalém, conhecidos coletivamente como o Monte das Oliveiras?

Considere um cenário possível (e novamente, esta é apenas uma possibilidade de muitos, mas não irracional, dados os eventos atuais):

“Não há como estabilizar o Oriente Médio hoje sem derrotar o regime iraniano. O programa nuclear iraniano deve ser interrompido”.

— Ex-chefe do Estado-Maior das Forças de Defesa de Israel, Moshe Ya'alon,
janeiro de 2008

“Como uma célula cancerosa que se espalha pelo corpo, esse regime [Israel] infecta qualquer região. Deve ser removido do corpo.”

—Mahmoud Ahmadinejad, então presidente do Irã, maio de 2011

“Israel testou um míssil de uma base militar na quarta-feira, dois dias depois que o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu alertou sobre a 'ameaça direta e pesada' representada pelo programa nuclear do Irã.”

—Reuters, 2 de novembro de 2011

Como a inteligência israelense conclui que o Irã está finalmente muito perto da capacidade nuclear total, com a probabilidade alta de que o Irã não hesitaria em fazer chover destruição nuclear nas principais cidades de Israel, Tel Aviv decide tomar uma ação preventiva.

Ele lança um único míssil Jericho III no centro-norte do Irã, carregando uma ogiva de pulso eletromagnético (EMP), e o detona.

O EMP faz com que a energia gama não letal reaja com o campo magnético, produzindo uma poderosa onda de choque eletromagnético que destrói dispositivos eletrônicos. O London Sunday Times de 9 de setembro de 2012 publicou uma reportagem sobre essa possibilidade, intitulada “Israeli gamma pulse 'poderia enviar o Irã de volta à Idade da Pedra’”.

Não haveria explosão - e nenhum efeito de radiação no solo. Mas tal ataque poderia paralisar a rede elétrica do Irã com pulsos eletromagnéticos, desativando todos os componentes eletrônicos – especialmente os que integram as usinas nucleares do país. As estimativas são de que as centrífugas de enriquecimento de urânio do Irã em Fordo, Natanz, e amplamente espalhadas em outros lugares, congelariam por décadas.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Não há mais computadores ou telefones celulares. Não há mais Internet. Chega de transporte. Não há mais sistemas de comunicação. Chega de serviços financeiros. O Irã ficaria totalmente aleijado. A economia entraria em colapso. O caos reinaria. Militarmente, o Irã seria impotente.

Mas devemos sequer sonhar que o resto do mundo islâmico - a maior parte já comprometida em varrer Israel do mapa - ficaria de braços cruzados diante de tal ataque a uma de suas nações irmãs? Dificilmente!

O pesadelo que há muito enche os políticos de Washington de medo e ansiedade chegou. Síria, Egito, Jordânia, Líbano, até mesmo a antiga amiga dos EUA, a Arábia Saudita - todas as nações árabes maiores e menores - respondem com indignação e trabalham furiosamente e apressadamente para coordenar sua resposta - a aniquilação total de Israel.

Mas antes que a Terceira Guerra Mundial possa estourar...

Canais anteriores

É o que a mídia noticia.

É o que acontece por meio de negociações formais e conversações de paz.

Mas tudo isso é apenas um oitavo do iceberg visível acima da superfície.

Oculto abaixo está um mundo de sigilo, coleta de informações e negociações não oficiais - os “canais de apoio” que incluem muito mais do que um “telefone vermelho” da Casa Branca ou uma reunião de embaixadores em algum “local remoto”.

Às 2h45, a maior parte do capitólio dormia. Poucos teriam notado a chegada constante de limusines passando pelo portão da Casa Branca e estacionando em uma entrada escondida da Ala Oeste. Os que chegavam rapidamente se dirigiam aos elevadores, desciam e tomavam seus lugares na longa mesa de reuniões laqueada da Sala de Situação no subsolo.

Este não foi um alerta menor. Aqui, na calada da noite, todo o Conselho de Segurança Nacional estava reunido. Estavam presentes o Presidente, o Vice-Presidente, os Secretários de Defesa e de Estado, o Diretor de Inteligência Nacional, o Conselheiro de Segurança Nacional, o Diretor da Agência Central de Inteligência, o Chefe de Gabinete da Casa Branca, o Secretário de Segurança Interna, e alguns outros funcionários altamente colocados.

“Vamos ao que interessa”, disse o presidente. Então, para o diretor nacional de inteligência: “Preencha-nos.”

Restauração do Califado

“O Mossad israelense soube que o Irã completou seu dispositivo nuclear e está planejando atacar Israel – talvez dentro de 24 horas”, começou o Diretor de Inteligência Nacional. Os presentes entenderam bem que, embora o Mossad opere no mais alto sigilo, a inteligência dos EUA é eficiente o suficiente para descobrir com antecedência os planos mais secretos de Israel.

“Nossas fontes de informação nos dizem com certeza verificável que o ministro da Defesa acaba de aprovar e realizar um ataque EMP preventivo ao Irã que extirpou suas instalações nucleares e desativou totalmente todos os seus sistemas operados eletronicamente no solo. Agora é militarmente, economicamente e em todos os outros aspectos uma nação completamente incapacitada.

“Senhor. Presidente, senhoras e senhores, as nações árabes vizinhas estão em preparativos finais para uma retaliação militar e massiva contra Israel, com o objetivo de sua destruição completa. Não podemos permitir este início de hostilidades. Se for permitido que ocorram, isso envolverá rapidamente o Ocidente de um lado e a China e a Rússia do outro, levando diretamente a um conflito e uma catástrofe mundial”.

Mais relatórios breves, do Estado, da CIA e da Defesa.

Um telefone prioritário tocou para o presidente. “Este é o presidente”, disse ele. respondeu. Longos momentos se passaram enquanto o presidente ouvia.

“Entendo”, ele respondeu. “Você tem certeza que isso vai funcionar? Em quanto tempo você poderia se comunicar com a nação árabe e a liderança israelense? Obrigado — apresentarei isso ao nosso NSC e retornarei sua ligação em minutos — percebemos a urgência.”

Com isso, o Presidente encerrou a ligação e dirigiu-se ao seu conselho.

“Podemos ter uma opção viável para superar essa confusão”, disse ele. “A ligação era do presidente da Turquia. Mas sua proposta tem um lado negativo.”

O Presidente apresentou então ao NSC um resumo da proposta turca. A iminente resposta dos vizinhos de Israel, a Turquia com razão, sem dúvida se transformaria em uma guerra nuclear global - e provavelmente total.

“Então, aqui está o que a Turquia propõe”, continuou o presidente.

Para evitar um conflito nuclear global, a Turquia pedia que se movesse imediatamente para estabelecer em Jerusalém a sede de um califado islâmico restaurado, centralizando os esforços e a liderança de todo o mundo islâmico como outrora existiu nos “dias de glória” do antigo Império Otomano. Mas

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

A Turquia também tinha mais uma exigência que o NSC sabia que criaria uma tempestade de oposição nos Estados Unidos: Israel deveria aceitar sua dissolução como nação, seu território movendo-se sob o controle soberano do mundo árabe-islâmico.

Em troca, a Turquia — com o maior e mais poderoso exército do mundo islâmico — aplicaria toda a pressão necessária — ameaças ou incentivos — para impedir que outras nações árabes iniciassem uma ação militar contra Israel. De sua parte, Israel não teria escolha a não ser permitir que a Turquia estabelecesse imediatamente um califado restaurado em Jerusalém. Ou isso, ou ser aniquilado.

Dada a perspectiva sombria de uma guerra global iminente e virtualmente certa, o Conselho de Segurança rapidamente se moveu para apoiar a proposta turca. Para ser franco, muitos no conselho perceberam que, essencialmente, eles estavam jogando seu aliado de longa data, Israel, debaixo do ônibus. Mas a própria ação de Israel ao atacar o Irã colocou os EUA e seus aliados “no limite”, por assim dizer. Diante da probabilidade quase certa de uma conflagração nuclear ou do sacrifício de Israel e da aceitação do preço da Turquia pela paz, o conselho sentiu que não tinha escolha a não ser favorecer a proposta turca.

Aos secretários de Estado e Defesa, o presidente disse: “Levem isso a Israel imediatamente por nossos canais de apoio”. Então ele pegou o telefone - primeiro para falar com o presidente da Turquia. Em segundo lugar, para chegar ao primeiro-ministro de Israel. Em terceiro lugar, para informar a Rússia e a China.

Nas horas e dias que se seguiram, a Turquia conseguiu persuadir (ou às vezes ameaçar) outras nações árabes-islâmicas a se oporem a Israel. Mas a Turquia não perdeu tempo em também realizar sua intenção de estabelecer o califado no cume do Monte das Oliveiras em Jerusalém, com vista para o Domo da Rocha e a Mesquita de Al-Aqsa - o terceiro local mais sagrado do Islã, depois da Mesquita Masjid al-Haram em Meca e da Mesquita Al-Masjid an-Nabawi em Medina, ambas na Arábia Saudita.

Temporariamente, a sede do califado estava localizada no BYU Jerusalem Center, com vista para o Monte do Templo.

O papel de liderança que a Turquia desempenhou em evitar um conflito global e restaurar o califado tornou mais fácil para o presidente da Turquia encontrar o apoio necessário para se tornar o primeiro califa do Islã desde 1924.

O que acontece depois? O que podemos razoavelmente considerar provável, dados os eventos atuais e o testemunho da profecia bíblica? Considere esta possibilidade (e, novamente, este cenário contínuo é minha própria projeção do que poderia acontecer, dada a direção dos desenvolvimentos atuais em nosso mundo):

Por um breve período, o novo califa se concentrou em questões práticas, mas breve

Restauração do Califado

o suficiente, ele anunciou o domínio da lei Sharia em todos os territórios islâmicos, incluindo agora, a recente terra de Israel - agora conhecida novamente como Palestina, um território árabe-islâmico. Os israelenses que vivem lá podem cumprir a lei da Sharia ou emigrar para outros países.

Uma vez que o novo califa do Islã em Jerusalém completou um novo quartel-general de califado em algum lugar no cume do Monte das Oliveiras e declarou a lei Sharia obrigatória para todos os seguidores do Islã, ele faz um apelo que só pode vir de um califa no poder. Em palavras sinistras que trazem alarme imediato aos países não islâmicos, ele declara uma terceira e última Jihad Islâmica, com o objetivo de colocar todas as nações restantes do mundo – incluindo os Estados Unidos e a Europa – sob o domínio do Islã e da Sharia. lei. Esta Terceira Jihad corresponde ao “terceiro ai” da profecia bíblica, conforme apresentado em Apocalipse 11 (mais sobre as três Jihads/três ais nos capítulos 4 a 6).

Os ataques jihadistas que fazem o 11 de setembro parecer menor ocorrem rapidamente quando o Islã responde ao chamado do califa para a Jihad. As chamadas “bombas sujas” matam milhares em cidades dos Estados Unidos como Nova York, Los Angeles, Chicago e Houston – bem como em capitais europeias como Londres, Paris, Madri e Berlim. Então os jihadistas suicidas dão o próximo passo: carregando malas e dispositivos claros, eles detonam suas bombas em Londres e Nova York. O número sobe para dezenas de milhares.

Os Estados Unidos, entre outras nações, caíram de joelhos.

E de joelhos, ele literalmente vai ficar. O Papa diz que os julgamentos de Deus estão caindo sobre o mundo por sua rejeição a Ele e a Seus caminhos. Líderes evangélicos na América juntam-se aos membros do Congresso dos EUA para pedir uma legislação que leve a nação de volta a Deus. Eles estão convencidos de que Deus está insatisfeito com este país por uma série de razões - tudo, desde aborto a casamentos entre pessoas do mesmo sexo, até permitir que o “povo escolhido de Deus” seja varrido para debaixo do ônibus. Eles veem nas calamidades esmagadoras de todos os lados, os julgamentos de um Deus infeliz.

Pode ser, alguns se perguntam, se um significado sóbrio pode ser encontrado nos ataques jihadistas e na crescente determinação do mundo islâmico de vencer o choque de civilizações - para emergir com o mundo inteiro sob seu controle? Pode ser, talvez, que Deus esteja usando o Islã como um instrumento de Sua disciplina mental de julgamento sobre as nações que se afastaram Dele?

O Antigo Testamento a Bíblia registra muitos casos em que Deus usou as nações pagãs ou ímpias ao redor de Sua nação escolhida de Israel, mais tarde também incluindo Judá, para aplicar Seus julgamentos – Sua disciplina – sobre eles.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Católicos, protestantes, crentes carismáticos, adeptos da Nova Era, até mesmo aqueles que até agora não tinham fé - todos chegam firmemente à conclusão de que algo deve ser feito para mostrar a Deus que eles pretendem retornar a Ele em confissão e verdadeiro arrependimento. E seu pensamento mais imediato é que a melhor maneira de demonstrar seu retorno a Deus é começar a voltar para a igreja.

Cresce a pressão por algum tipo de legislação para tornar a frequência à igreja a lei do país. Afinal, não seria a primeira vez, mesmo nos Estados Unidos. A primeira lei que exigia o comparecimento à igreja no domingo foi promulgada na colônia da Virgínia em 1610 e dizia o seguinte:

“Todo homem e mulher se dedicará pela manhã ao serviço divino e aos sermões pregados no dia de sábado, e à tarde ao serviço divino e à catequese, sob pena de a primeira falta perder sua provisão e o subsídio para toda a semana seguinte; para o segundo, perder o referido subsídio e também ser chicoteado; e que o terceiro sofra a morte.”³ Você entendeu? Participe dos cultos de manhã e à tarde - ou

enfrente a versão americana inicial de "três greves e você está fora". Greve um: perca sua mesada de alimentação por uma semana. Greve dois: perca sua mesada de comida por uma semana e seja chicoteado. Greve três: diga adeus à sua vida.

E este não era um país totalitário, uma ditadura ateuista como a China, a Coreia do Norte ou Cuba. Tampouco foi um regime teocrático como o do Irã. Esta era a América.

Outras colônias, além da Virgínia, tinham suas próprias leis dominicais, exigindo o comparecimento aos cultos e proibindo tudo, desde trabalho a esportes e recreação a palavrões e “brincadeiras” nas tavernas. As punições incluíam multas em dinheiro e até 200 libras de tabaco, ser trancado em ações públicas, prisão e, novamente, em casos “graves”, morte.

O capitão Kemble, de Boston, Massachusetts, foi preso em 1656 no tronco público por duas horas por beijar sua esposa no sábado (domingo), depois de passar três anos no mar. A carga? “Comportamento impróprio.”

Mesmo o recém-eleito presidente George Washington não estava isento de punição pelas leis sabáticas. Enquanto ele viajava de Connecticut

3. De “Artigos, Leis e Ordens, Divino, Politique e Marcial para the Colony of Virginea,” em William Strachey, *For the Colony in Virginea Britannia: Lawes, Divine, Morall and Martiall, Etc.* (Londres: Walter Barre, 1612), 1-7, 19.

Restauração do Califado

a uma cidade em Nova York para assistir ao culto de adoração em um domingo de 1789, Washington foi detido por um tesoureiro por violar a lei de Connecticut que proibia viagens desnecessárias no domingo. Washington foi autorizado a continuar sua jornada somente depois que ele prometeu não ir além de sua cidade de destino.

Assim, dadas as calamidades esmagadoras que atingem a América, não seria de todo surpreendente se o povo deste país pedisse aos seus legisladores que promulgassem uma lei dominical federal para o bem das famílias, para o bem da economia e como uma forma de transformar esta nação de volta às suas raízes - fé em Deus. E o Congresso não hesita em aprovar as leis necessárias.

Apesar da nova legislação, as calamidades nacionais não parecem diminuir, e muitos concluem que Deus não pode mostrar Sua misericórdia até que a nação esteja unida em reverenciá-lo, guardando o domingo como um dia de descanso e adoração. Assim, uma nova legislação suplementar é aprovada, determinando que aqueles que deixarem de entrar na linha serão punidos — talvez pela perda do direito de comprar e vender — boicote econômico (ver Apocalipse 13:17).

Enquanto isso, com a união das nações muçulmanas sob o califado, o Islã está fortalecendo sua posição entre as nações e o objetivo de instituir a Sharia em todo o mundo em resposta ao comando de Alá parece alcançável. O Islã já atingiu o Ocidente com suas bombas. Agora, faz planos para fazer o que for preciso para submeter os Estados Unidos e seus aliados ao governo de Alá.

O mundo ocidental começa a mobilizar suas ainda formidáveis forças militares para manter o Islã sob controle. Eles percebem as apostas. Eles sabem muito bem que este maior conflito de poderes terrestres sem dúvida levará a uma terceira grande guerra mundial - a um Armagedom bíblico. Mas a questão agora é a sobrevivência, e quando a própria sobrevivência está em jogo, as nações farão o que for preciso para sobreviver.

O Ocidente - irritado com a terrível devastação causada pela bomba suja do Islã e pelos ataques nucleares nos quais milhões morreram e em pleno modo de sobrevivência - começa um contra-ataque maciço, nos estágios iniciais do qual o califa e o califado turco são levados ao seu fim. .

Enfurecido com o ataque do Ocidente para remover o califa, todo o mundo islâmico se une em fúria e, com o apoio da Rússia e da China, mobiliza-se para aniquilar as forças do Ocidente. De sua parte, o Ocidente está igualmente determinado a eliminar de uma vez por todas a ameaça das forças do Islã, mesmo que isso signifique esvaziar todo o seu arsenal nuclear sobre elas.

As nações de ambos os lados deste titânico confronto de civilizações

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

seus exércitos para a batalha do Armagedom. Parece que o fim da civilização humana está prestes a acontecer.

Mas para saber como os eventos finalmente se desenvolvem—e quando—agora precisamos nos aprofundar nas profecias de Daniel, capítulo 11. Lá, encontramos uma prévia precisa das manchetes de amanhã.

VISUALIZANDO AS MANCHETES DE AMANHÃ

Mesmo baseado apenas no que está acontecendo atualmente em nosso mundo, não seria razoável imaginar os cenários e desenvolvimentos futuros descritos neste livro.

Mesmo com base nas crescentes tensões no sempre volátil Oriente Médio - na crescente ameaça do terrorismo - nos objetivos claramente declarados para o futuro decorrentes do Islã atual - mesmo com base apenas nesses fatores, pode-se ver que os eventos estão rapidamente convergindo para algo sinistro, algo que mudará nosso mundo para sempre.

Mas não precisamos confiar apenas nos eventos atuais para projetar o que pode acontecer no futuro. Uma antiga voz profética prediz com detalhes precisos o que está à nossa frente. Nos livros bíblicos de Daniel e Apocalipse, podemos prever hoje as manchetes de amanhã. Em particular, o capítulo 11 de Daniel profetiza com precisão

o que está por vir neste mundo — o que é iminente e certo.

Agora, se você é um muçulmano devoto que está lendo este livro, quero assegurar-lhe que na Bíblia cristã, seu papel no futuro próximo deste mundo está profetizado. Sua ascensão a um lugar de grande influência neste mundo é predita nessa Bíblia. Você está prestes a desempenhar um papel extremamente importante em eventos futuros - eventos que darão início ao fim deste mundo de dor, miséria e morte e prepararão o caminho para um novo mundo de paz eterna.

Se você é cristão ou da fé judaica, você deve ter ouvido que

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

a Bíblia tem pouco ou nada a dizer sobre a ascensão do Islã perto do fim da história de nossa terra. Nada poderia estar mais longe da verdade. Nos capítulos a seguir, exploraremos em detalhes o que a profecia bíblica tem a dizer sobre esse importante desenvolvimento mundial.

Se você é hindu, budista, ateu ou não afirma nenhuma fé religiosa, você ainda deve a si mesmo considerar o que as previsões do passado têm a dizer sobre o que está acontecendo na Terra agora - e onde toda a turbulência e instabilidade neste mundo está levando.

Afinal, o que ouvimos ou lemos a cada dia nos noticiários? Declínio moral acentuado aqui no Ocidente, à medida que os princípios judaico-cristãos são constantemente abandonados e até ridicularizados. Um sistema econômico à beira do colapso. Mudanças globais sinistras em nosso meio ambiente, à medida que a Terra geme sob o impacto da poluição e da diminuição dos recursos. Tempo bizarro e um grande aumento de desastres naturais. Conflito em toda parte, ao que parece - guerras em todo o mundo e uma crescente ameaça de terrorismo. Tensões de longa data entre o Oriente e o Ocidente, entre o mundo judaico-cristão e o Islã e entre israelenses e árabes. Fome desenfreada e inanição no Terceiro Mundo — e a constante adulteração do suprimento de alimentos no Primeiro Mundo. Ameaças pandêmicas emergentes - e nos Estados Unidos, um sistema de saúde em total desordem. E diante de todos esses problemas urgentes e críticos, paralisia e impasse entre os líderes encarregados de encontrar soluções.

Algo, muitos estão concluindo, tem que acontecer! . E vai.

A má notícia é que as coisas vão piorar – inimaginavelmente piores – antes de melhorarem. A boa notícia é que quando as coisas finalmente melhorarem quando este mundo chegar ao fim, um novo mundo além estará livre de TODOS os problemas que acabamos de observar. Será um lugar de perfeita alegria e paz além de qualquer descrição.

Daniel e o Apocalipse

Dito isso, convido você a voltar comigo a meados do século XIX. Um homem que aos 12 anos perdeu uma perna — amputada acima do joelho — devido a uma infecção e mais tarde inventou uma perna artificial com articulações móveis, está absorto no estudo das antigas profecias dos livros bíblicos de Daniel e Apocalipse. Quando jovem, tornou-se membro da incipiente Igreja Adventista do Sétimo Dia e logo se tornou não apenas um oficial da equipe da sede principal, mas também o editor de sua principal revista - The Advent Review and Sabbath Herald.

Com o tempo, Uriah Smith reuniria seu próprio estudo de Daniel e Apocalipse, acrescentando os resultados da pesquisa de alguns de seus colegas, e compilaria um livro que até hoje é uma das obras de referência mais respeitadas e primárias sobre esses assuntos. dois livros bíblicos: Daniel e Apocalipse (disponível para venda ou download gratuito em: www.daniel1145.com). Ao mergulhar no capítulo 11 de Daniel, Urias se deparou com termos como o rei do norte, o rei do sul, a gloriosa montanha sagrada e outros. Quem eram esses reis? Onde estavam esses lugares? Smith era, no mínimo, um estudioso e pesquisador cuidadoso. Ele mergulhou na história para ver como isso se relacionava com este capítulo 11. E as conclusões a que ele chegou ao colocar lado a lado duas fontes – a história e as Escrituras – o levaram a identificar com confiança as pessoas e lugares de Daniel 11.

Existem aqueles que chegaram a outras conclusões sobre esses versículos, mas a análise de Uriah Smith deles resistiu ao teste do tempo e permanece, na opinião deste autor, a explicação mais lógica e razoável desta passagem bíblica chave ainda a ser apresentada. Ele se harmoniza melhor com o registro da história e com o que vemos se desenvolver em nosso mundo hoje – especialmente a ascensão e o papel crescente do Islã.

Daniel 11

Então, com este pano de fundo, vamos olhar brevemente para os versículos-chave do capítulo 11 de Daniel que, de fato, mostram as manchetes de amanhã, bem como as manchetes de hoje também.

“E no tempo do fim o rei do sul lutará contra ele; e o rei do norte virá contra ele como um redemoinho, com carros e cavaleiros e com muitos navios; e entrará nas terras, e as inundará e passará.” — Daniel 11:40.

Uriah Smith concluiu, com base na comparação de documentos históricos relevantes com a leitura simples do texto, que o “rei do norte” em Daniel 11 era o governante daquele território onde a Turquia moderna agora reside, e o “rei do sul” em Daniel 11 era o governante do território do Egito. Para entender como Smith chegou a suas conclusões, vamos dar uma olhada em alguns versículos selecionados—3, 4 e 20:

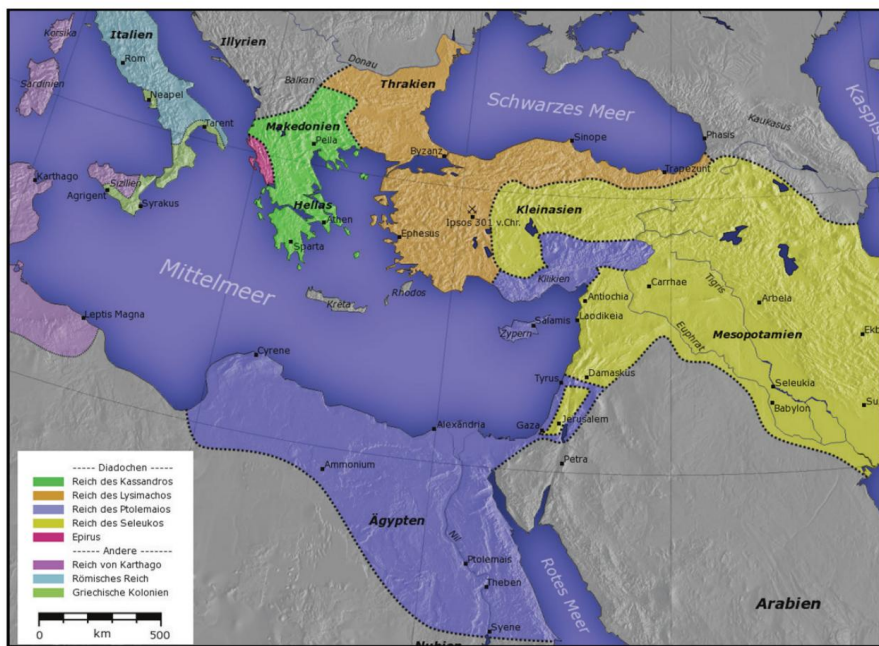
“E um rei poderoso se levantará, que governará com grande domínio e fará de acordo com sua vontade. E, quando ele se levantar, o seu reino será quebrado e dividido para os quatro ventos do céu.” — Daniel 11:3, 4.

Um rei poderoso. Um reino dividido de quatro maneiras. O que a história nos conta

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

que poderia se encaixar nesses versículos? Respeitados comentários bíblicos vêm o “poderoso rei” como Alexandre, o Grande. E quando ele morreu, seus quatro generais - Cassandro, Lisímaco, Ptolomeu e Seleuco - dividiram seu reino em quatro divisões, exatamente como previsto nos versículos acima.

Após alguns anos de luta interna, restava apenas Seleuco no norte e Ptolomeu no sul. Uriah Smith ensinou que o rei do sul se refere a quem quer que seja o governante que ocupou o território original de Ptolomeu, localizado na divisão sul do reino de Alexandre, e que o rei do norte se refere a quem quer que seja o governante que ocupou o território original de Lisímaco - que mais tarde foi tomado por Seleuco - localizado na divisão norte do que era o reino de Alexandre. (Veja este link1 para uma versão colorida do mapa abaixo):



Vejamos agora Daniel 11:20:

“Então se levantará em sua propriedade um levantador de impostos na glória do reino: mas dentro de poucos dias ele será destruído, nem por raiva, nem em batalha.”

Quem é esse “aumentador de impostos”?

1. <http://en.wikipedia.org/wiki/Ptolemaic_Kingdom>.

“E aconteceu naqueles dias que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo fosse tributado.” — Lucas 2:1.

E sim, César Augusto morreu, não com raiva ou em batalha, mas em paz em sua cama. Nenhum simbolismo é encontrado nesses versículos - apenas declarações enigmáticas e diretas. Uriah Smith acreditava que todos os versículos em Daniel 11 eram exatamente como esses três versículos - e que muito poucas palavras neste capítulo foram simbolizadas pelo anjo Gabriel para significar algo diferente da leitura simples do texto.

Em relação a este capítulo 11, Smith escreve:

“Agora entramos em uma profecia de eventos futuros, não revestidos de figuras e símbolos, como nas visões dos capítulos 2, 7 e 8, mas dados principalmente em linguagem simples. Muitos dos eventos marcantes da história do mundo, desde os dias de Daniel até o fim do mundo, são aqui apresentados.” — Uriah Smith, *Daniel and the Revelation*, 1912, 247.

As profecias do capítulo 11 são únicas em como fornecem detalhes tão sutis sobre as interações dos poderes civis (veja o Apêndice A, página 103, onde todo o capítulo 11 é interpretado versículo por versículo). Todas essas profecias provavelmente teriam chegado às manchetes dos jornais locais na época de seu cumprimento. É como se o anjo compilasse as manchetes da CNN sobre a região ao redor do Oriente Médio, desde a época de Daniel até o final da porta da graça, para que pudéssemos acompanhar o andamento constante dos eventos ou marcos ordenados por Deus para ocorrer antes o fim do mundo.

A propósito, o fim da graça é aquele tempo além do qual, diz a Bíblia, a porta para a salvação não está mais aberta – cada pessoa fez sua escolha final e irrevogável, que Deus aceita e reconhece:

“Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, santifique-se ainda. E eis que venho sem demora; e o meu galardão está Comigo, para dar a cada um segundo a sua obra .” — Revelação 22:11, 12.

Ao comparar as manchetes atuais com as profecias de Daniel 11, podemos ver onde estamos no fluxo do tempo. Deus quer que saibamos quando o fim da graça se aproxima, para que não nos surpreenda como um ladrão à noite. Daniel 12:1 diz: “E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que representa os filhos de teu

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

povo." É quando o tempo de graça termina – e é o ponto focal de toda essa profecia.

Vejamos o último versículo de Daniel 11—versículo 45 (ênfase adicionada): “E

plantará as tendas do seu palácio entre os mares, no glorioso monte santo; no entanto, ele chegará ao seu fim e ninguém o ajudará.

Vamos ver se conseguimos decifrar o que este texto está falando. Primeiro, quem é este ele, e seu ser referido aqui? Temos que rastrear esse pronome pessoal de volta ao seu substantivo.

Isso nos leva de volta ao versículo 40 (ênfase adicionada):

“E no tempo do fim o rei do sul lutará contra ele; e o rei do norte virá contra ele como um redemoinho, com carros e cavaleiros e com muitos navios; e ele entrará nos países, e os inundará e passará”.

Ao remontar cuidadosamente os pronomes, descobrimos que eles se referem ao rei do norte (ver Apêndice B, página 115). Esta frase, rei do norte, é mencionada no capítulo 11, versículos 6, 7, 8, 11, 13, 15 e 40.

Nos versículos 6 a 15, o rei do norte refere-se consistentemente ao governante que controlava a porção norte do antigo reino de Alexandre (Ásia Menor). A história nos conta o nome de cada rei do norte mencionado (ver Apêndice A, página 103). Portanto, a consistência exige que o rei do norte no versículo 40 também seja uma pessoa nomeada que esteja governando esse mesmo território do norte.

A frase rei do sul é mencionada no capítulo 11, versículos 5, 9, 11, 14, 25 e 40. Assim como o rei do norte, o rei do sul também se refere consistentemente a um governante que controlava a porção sul do antigo reino de Alexander—Egito (ver Apêndice A, página 103, para os nomes de cada rei do sul). Uma importante hermenêutica profética (princípio de interpretação) é a consistência; então, novamente, o rei do sul no versículo 40 também deve ser uma pessoa nomeada que está governando este mesmo território do sul.

Uma leitura cuidadosa do versículo 40 revela uma batalha de três vias - o rei do sul, "ele", e o rei do norte.

Existe uma batalha na história recente que envolveu o governante do Egito, o governante da Ásia Menor e o “ele”? (Este “ele” refere-se ao rei dos versículos 36-39, que é a França — veja o Apêndice C, página 119.)

A história registra uma batalha que se encaixa nesta batalha de três vias para um T. Esta batalha

é conhecida na história como a Campanha Francesa no Egito e na Síria.² Observe o ajuste perfeito da profecia bíblica aqui, com seu cumprimento real na história - nos versículos 40 a 44. Siga isto cuidadosamente:

40. E no tempo do fim o rei do sul (o sul ainda representando o Egito, conforme identificado em Daniel 11:5-15. Os líderes do Egito eram Ibrahim Bey e Murad Bey - governantes egípcios mamelucos - consulte o Apêndice D, página 127) **empurram para ele:** (o rei do versículo 36, que era a França, na pessoa de Napoleão. O Egito lutou contra a invasão da França em 1798.) **e o rei do norte** (Califa Selim III da Turquia, o território do rei do norte - veja Daniel 11:5-15) **virá contra ele** (França. A Turquia declarou guerra à França em 1798) **como um redemoinho, com carros e cavaleiros e com muitos navios;** (A frota de navios de Lord Nelson apoiou a Turquia em sua guerra com a França) **e ele** (rei do norte - Califa Selim III da Turquia) **entrará nos países, transbordará e passará** (a frase transbordar e passar nos diz quem prevaleceu nesta batalha que acabamos de descrever. A história registra que os turcos prevaleceram, portanto, podemos ter certeza de que a identidade do pronome ele nesta frase é o rei do norte. Isso nos permite saber que os pronomes restantes neste capítulo todos referem-se ao rei do norte).

41. Ele (Califa Selim III da Turquia) **também entrará na terra gloriosa** (Palestina), **e em muitos países** (países é uma palavra fornecida e, portanto, não está na língua hebraica original em que este capítulo do livro de Daniel foi escrito) **será derrubado:** (Os turcos reclamaram o território da Palestina que Napoleão acabara de tomar), **mas estes escaparão de sua mão** (Califa Selim III da Turquia) , **mesmo Edom e Moab, e os principais filhos de Amon** (Edom, Moabe e Amon, o território da Jordânia, situado fora dos limites da Palestina, ao sul e a leste do Mar Morto e do Jordão, estavam fora da linha de marcha dos turcos da Síria para o Egito, de modo que escaparam dos estragos daquela campanha).

42. Ele (Califa Selim III da Turquia) **estenderá sua mão também sobre os países: e a terra do Egito não escapará** (o Egito mais uma vez ficou sob o controle dos turcos).

43. Mas ele (Califa Selim III da Turquia) **terá poder sobre os tesouros de ouro e prata, e sobre as coisas preciosas do Egito:** (Os egípcios pagavam anualmente ao governo turco uma certa quantia de ouro e prata, e 600.000 medidas de milho,

2. <http://en.wikipedia.org/wiki/French_campaign_in_Egypt_and_Syria>.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

e 400.000 de cevada) **e os líbios e os etíopes seguirão seus passos** (os árabes invictos, que buscavam a amizade dos turcos e eram tributários deles naquela época).

44. Mas as notícias (relatórios de inteligência) **do leste** (Pérsia - até o atual território do Irã) **e do norte** (Rússia) **o perturbarão** (Califa Abdülmecid I da Turquia): **portanto ele** (Califa Abdül mecid I da Turquia) **sairá com grande fúria para destruir, e totalmente para afastar muitos** (realizado pela Guerra da Criméia de 1853-1856, na qual a Rússia e a Pérsia conspiraram juntas para destruir o Império Otomano, mas falharam em sua tentativa). Para um comentário detalhado sobre esses cinco versículos, consulte o Apêndice E, página 131.

Aí está. Não poderia haver um ajuste mais perfeito de profecia à história!

Isso agora nos leva ao versículo central e final do capítulo - Daniel 11:45 (ênfase adicionada):

“E ele plantará os tabernáculos de seu palácio entre os mares na gloriosa montanha sagrada; no entanto, ele chegará ao seu fim e ninguém o ajudará.

Esta palavra palácio que o anjo Gabriel usa no versículo 45 é uma palavra estrangeira. Em nenhum outro lugar é usado na Bíblia. Por que Gabriel daria a Daniel uma palavra estrangeira? E por que ele usa a palavra tabernáculos?

Talvez algo fosse ser plantado que não existia nos dias de Daniel, então o anjo teve que usar uma frase que não seria entendida até que chegasse o tempo de seu cumprimento.

Um califado islâmico, como observamos, é um sistema religioso/civil de governo. É razoável concluir que esta frase única, tabernáculos (conotação religiosa) do seu palácio (conotação civil), poderia referir-se ao califado islâmico?

Eu acredito que esta frase poderia muito bem estar se referindo a um complexo de edifícios que será a sede do califado religioso/civil mundial que o rei do norte estará plantando na gloriosa montanha sagrada.

Vejamos a seguir esta frase gloriosa montanha sagrada (Daniel 11:45 em ênfase adicionada):

“E ele plantará os tabernáculos de seu palácio entre os mares na gloriosa montanha sagrada; no entanto, ele chegará ao seu fim e ninguém o ajudará.

Vamos definir as palavras em nossa frase:

Uma montanha é definida como “uma massa de terra que se projeta bem acima de seus arredores”. Santo é definido como “pertencente, derivado ou associado a um poder divino”, e glorioso é “possuir ou merecer glória”. Glória — “um estado de grande honra”.

Ok, então estamos procurando por uma massa de terra elevada que será associada a Deus e que terá um alto estado de honra.

Recebemos outra pista - somos informados de que ela será localizada entre dois mares.

Siga-me de perto agora. Vou falar sobre um ponto no Planeta Terra que se encaixa perfeitamente nessa descrição. É o monte onde um dia se localizará a cidade de Deus, a Nova Jerusalém. O apóstolo João teve uma visão da capital do universo - “a grande cidade, a santa Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus” Apocalipse 21:10.

Sim, de acordo com o livro de Apocalipse, este planeta vai passar por uma reforma e se tornar o lar de Deus e a localização de Sua capital, Nova Jerusalém. Ouça o que João escreveu:

“E vi um novo céu e uma nova terra: porque o primeiro céu e a primeira terra passaram; e não havia mais mar. E eu, João, vi a cidade santa, a nova Jerusalém, descendo da parte de Deus, do céu, ataviada como uma noiva ataviada para o seu esposo. E ouvi uma grande voz do céu dizendo: Eis que o tabernáculo de Deus está com os homens, e ele habitará com eles, e eles serão o seu povo, e o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus enxugará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas. E aquele que estava sentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve, porque estas palavras são verdadeiras e fiéis”. —
Apocalipse 21:1-5.

A capital do universo tem um terreno já escolhido fora para isso. Ouça o que o antigo profeta Zacarias escreveu:

“E naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém ao oriente, e o monte das Oliveiras se fenderá no meio dele para o oriente e para o ocidente, e haverá uma grande grande vale; e metade da montanha se moverá para o norte, e metade dela para o sul. . . .

E será naquele dia que águas vivas sairão de Jerusalém; metade deles em direção ao antigo mar, e

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

metade deles para o mar de trás: no verão e no inverno será.” —

Zacarias 14:4, 8.

Isso mesmo, o Monte das Oliveiras - aquela massa de terra elevada com vista para a atual cidade da Velha Jerusalém, o mesmo local de onde Jesus ascendeu quando voltou ao céu há 2.000 anos, um local que atualmente está entre dois mares (o Mar Morto e o Mar Mediterrâneo) e na terra renovada ainda estará entre dois mares, de acordo com Zacarias - nesta gloriosa montanha sagrada residirá a Nova Jerusalém, a cidade de Deus.

Mais uma evidência para localizar a gloriosa montanha sagrada: Jesus disse a Seus seguidores que a cidade de Jerusalém seria destruída:

“E, saindo Jesus, retirava-se do templo; e aproximaram-se dele os seus discípulos para lhe mostrarem os edifícios do templo. E Jesus disse-lhes: Não vedes todas estas coisas? em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada.” — Mateus 24:1, 2.

Jesus deu-lhes um sinal para procurar para que pudessem “sair do perigo” antes que fosse tarde demais. Aqui está, em Mateus 24:15, 16 (ênfase adicionada):

“Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, predita pelo profeta Daniel, está no lugar santo (quem lê, entenda:) Então os que estiverem na Judéia fujam para os montes.”

O sinal de alerta que eles deveriam procurar foi visto pelos residentes de Jerusalém em 66 DC, quando o estandarte idólatra do exército romano, sob o comando de Céstio, foi armado ou visto de pé no cume (Monte das Oliveiras), com vista para Jerusalém. O Monte das Oliveiras era considerado parte da terra sagrada que cercava a cidade de Jerusalém, então quando os cristãos viram esse sinal, souberam que era hora de fugir.

Mas como eles poderiam fugir quando estavam sitiados, completamente cercados pelos romanos? Eis o que aconteceu: ` 14—

16 de novembro, 66 dC: Céstio ataca e persegue os rebeldes até Jerusalém. Ele acampa no Monte Scopus (Monte das Oliveiras) por três dias para coletar alimentos das aldeias locais.

` 22 de novembro de 66 DC: Cestius desiste repentinamente e se retira da cidade “sem nenhuma razão no mundo”.³

Quando Cestius se retirou, os cristãos fugiram da cidade. Quatro anos depois, Jerusalém foi destruída por Tito.

3. <<http://www.josephus.org/warChronology2.htm>>.

“A proximidade do Monte das Oliveiras com as muralhas de Jerusalém tornava esta série de colinas um grave perigo estratégico. O comandante romano Tito tinha seu quartel-general na extensão norte do cume durante o cerco de Jerusalém em 70 dC. Ele chamou o lugar de Monte Scopus, ou 'Colina Mirante', por causa da vista que oferecia sobre as muralhas da cidade. Toda a colina deve ter fornecido uma plataforma para as catapultas romanas que lançavam objetos pesados sobre as fortificações

judaicas da cidade.”⁴ Tito também armou seu acampamento no Monte das Oliveiras em 70 DC. Mas desta vez não houve retirada. A cidade e o templo foram destruídos. Não ficou pedra sobre pedra.

O ponto de tudo isso é que Jesus chamou o local onde Cestius ergueu o estandarte romano de local sagrado - e por boas razões. Ele sabia que este seria o local exato onde o trono de Deus um dia estaria localizado. Jesus pisa no Monte das Oliveiras no final dos 1.000 anos (ver Apocalipse 20), e a partir deste ponto central, uma planície se estende para leste, oeste, norte e sul e se torna a fundação da Nova Jerusalém.

Quando você pensa no que este pedaço de terra conterá por toda a eternidade – a sala do trono de Deus Todo-Poderoso, a capital do universo, a Nova Jerusalém – é de se admirar que o anjo Gabriel se referisse ao Monte das Oliveiras como “a gloriosa montanha sagrada”?

Será que o líder da Turquia vai plantar um quartel-general do Califado Islâmico no Monte das Oliveiras, que, como já foi mencionado, está localizado entre os dois mares - o Mar Mediterrâneo e o Mar Morto?

O Monte do Templo já está lotado de locais sagrados muçulmanos. O Monte das Oliveiras tem vista para a cidade e seria o local mais provável para o complexo da sede de um califado.

Então aqui está o versículo 45, o único versículo do capítulo 11 que não encontrou cumprimento nos registros históricos. Aqui está uma interpretação razoável do que ainda está por acontecer, com base na leitura literal do texto e usando a mesma abordagem interpretativa que revelou tão claramente o cumprimento histórico dos 44 versículos anteriores:

E ele (o rei do norte—o líder da Turquia) **plantará** (colocará ou estabelecerá) **os tabernáculos de seu palácio** (uma entidade religiosa/política—Califado Islâmico) **entre os mares** (Mediterrâneo e Mar Morto) **no glorioso santo monte** (Monte das Oliveiras); **contudo ele** (o rei do norte) **chegará ao seu fim, e ninguém**

4. <<http://www.bible-history.com/jesus/jesusuntitled00000453.htm>>.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

o ajudará (algo acontecerá que acabará com o governo do rei do norte).

O versículo 45 é o último marco de Daniel 11, e depois desse marco é cumprido, Daniel 12:1 acontecerá:

“E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que representa os filhos do teu povo; e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo; naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro”.

Este tempo de angústia incluirá a batalha do Armagedom - um choque titânico de civilizações. Mas antes que isso aconteça, o terceiro dos três grandes “Ais” de Apocalipse 9 e 11 atingirá primeiro o Ocidente. Esses infortúnios correspondem perfeitamente aos Três Jihads do Islã - dois na história passada e um ainda por vir. Passamos agora de Daniel para Apocalipse, para explorar o que a Bíblia tem a dizer sobre esses três Ais/Jihads.

O PRIMEIRO AI - A PRIMEIRA JIHAD

Ai de mim!

Provavelmente, você já ouviu outras pessoas dizerem isso muitas vezes em sua vida. Provavelmente, você mesmo disse isso.

Uma frase usada uma vez pelo profeta Isaías (Isaías 6:5), sua consciência cresceu quando Shakespeare a empregou em Hamlet, Ato 3, Cena 1. Mas a frase foi contestada por uma ex-editora do The New York Times Book Review, Patricia T. O'Conner, cujo guia *best-seller* de gramática, *Woe Is I*, argumenta que o título de seu livro é a maneira mais correta de expressar as palavras.

Mas entre o uso da frase por Isaías e o de Shakespeare, o profeta João escreveu em Apocalipse – o último livro da Bíblia – estas palavras:

“E olhei e ouvi um anjo voando pelo meio do céu, dizendo com grande voz: Ai, ai, ai dos habitantes da terra .” — Apocalipse 8:13.

Ai? Que tal Triplo Ai? E ai não é apenas para mim - mas para todos “habitantes da terra”.

Neste e nos próximos dois capítulos, vamos examinar esses três problemas bíblicos do Apocalipse e observar os claros paralelos que eles têm com os três grandes Jihads do Islã - os dois primeiros, parte da história passada, e o terceiro, ainda futuro. .

Aperte o cinto, então, porque este capítulo não vai ser leve,

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

eu prometo a você isso. Vamos nos aprofundar tanto na profecia quanto na história da Bíblia. Vá devagar se precisar - pare de vez em quando e até volte e releia um ou dois parágrafos para ter certeza de que entendeu cada fato e versículo, pois o que se segue será construído sobre o que já foi abordado. Na verdade, seria uma vantagem real se você tivesse uma Bíblia à mão à qual pudesse se referir, à medida que avança neste capítulo.

Os “Setes” do Apocalipse

Agora, se você estudar muito o livro de Apocalipse, logo notará que ele está repleto de “setes” – entre eles, igrejas, estrelas, selos, anjos, trombetas, trovões, pragas e vários outros. Sete é um número bíblico que conota perfeição ou completude.

Observe como Apocalipse, capítulo 8 começa:

“E, havendo aberto o sétimo selo, fez-se silêncio no céu por cerca de meia hora. E vi os sete anjos que estavam diante de Deus; e a eles foram dadas sete trombetas.” — Revelação 8:1, 2, grifo nosso.

Sete selos.

Sete anjos.

Sete trombetas.

Vamos focar nos sete anjos (ou mensageiros) e suas sete trombetas.

Em Apocalipse 8:7-12, lemos sobre o toque das primeiras quatro trombetas . De acordo com muitos estudiosos da história e da profecia, isso tem a ver com a queda da Roma Ocidental provocada pelos ataques dos visigodos, vândalos, hunos e hérulos no século V.

Então, no último versículo do capítulo 8, as três trombetas finais soam— cada um focado em um dos três “ai”, como observamos anteriormente:

“E olhei e ouvi um anjo voando pelo meio do céu, dizendo em alta voz: Ai, ai, ai dos habitantes da terra por causa das outras vozes da trombeta dos três anjos, que ainda não soaram!” — Revelação 8:13.

Assim, as trombetas cinco, seis e sete contêm os três ais. Vamos examinar esses três males em detalhes e, ao fazer isso, descobriremos algo incrível que está acontecendo bem diante de nossos olhos - agora, em nosso tempo - que está preparando o cenário para o conflito final do planeta Terra que a Bíblia chama Armagedom. Nós vamos descobrir que algo está agora mesmo

no processo de acontecer, esse será o ponto crítico para a batalha do Armagedom.

A batalha do Armagedom e o fim do tempo de graça

O Armagedom será uma batalha travada após o fim do tempo da graça. Quando é o fim da graça - e o que é?

“E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que representa os filhos do teu povo; e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo.” — Daniel 12:1.

Miguel é um dos nomes bíblicos para Jesus (ver Apêndice F, página 139). E neste versículo, Ele se levanta, no céu, porque terminou Sua obra ali de aplicar os benefícios de Seu sacrifício na Cruz a todas as pessoas que já viveram — a todos que O escolheram para ser seu Salvador do pecado. E quando Ele se levanta, Ele fecha a porta para a salvação.

Ele não faz isso para impedir que alguém seja salvo — Ele está simplesmente reconhecendo que todos já tomaram sua decisão final de aceitar ou rejeitar Sua salvação. É por isso que Ele diz, enquanto “se levanta”:

“Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda.” — Apocalipse 22:11.

Observe que Daniel 12:1 acima diz que “naquela hora”, Miguel se levanta. Em que momento? A resposta para isso é encontrada na sentença imediatamente anterior a este versículo - Daniel 11:45. Nos capítulos anteriores do livro que você está lendo, já descobrimos o que acontece lá:

“E ele plantará os tabernáculos de seu palácio entre os mares na gloriosa montanha sagrada; contudo chegará ao seu fim e não haverá quem o ajude.” — Daniel 11:45.

Lembrar? Para revisar: “Ele” (que significa o rei do norte – o líder da Turquia) “plantaria os tabernáculos de seu palácio” (o quartel-general de um califado islâmico restaurado) “entre os mares” (o Mediterrâneo e o Mar Morto).) “no glorioso monte santo” (o Monte das Oliveiras em Jerusalém) “ainda ele” (rei do norte) “chegará ao seu fim, e ninguém o ajudará” (algo acontecerá que trará o governo do rei do norte até o fim).

E ENTÃO, diz o versículo seguinte (Daniel 12:1), “será Miguel levantado” — e a graça humana, sua porta de salvação, está fechada para sempre.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

A Batalha do Armagedom será travada após o encerramento do tempo de graça. Avançando brevemente para os versículos que exploraremos com mais detalhes posteriormente, descobrimos que o Armagedom também será travado na época da sexta praga (Apocalipse 16:12-14) - e depois que os quatro anjos do céu liberarem seu domínio sobre os “ventos de contenda” para que esses ventos sejam livres para operar sua destruição nas nações da terra (Apocalipse 7:1).

Quando entendermos o terceiro ai da sétima trombeta em conexão direta com Daniel 11:45, veremos claramente – pelos eventos que estão ocorrendo agora no Oriente Médio – que as condições estão maduras para o terceiro Jihad/ai acontecer. O fato de que a terceira Jihad (que será o ponto de ignição para a batalha do Armagedom) está agora no horizonte é realmente uma boa notícia. Por que? Porque o fim deste mundo, com a Segunda Vinda de Jesus, ocorre no momento desta batalha.

Mas esta mensagem é uma boa notícia apenas para aqueles que estão preparados espiritual e praticamente para o que está prestes a acontecer aqui na terra - não é uma boa notícia para aqueles que não fizeram os preparativos para esta crise que se aproxima (veja o capítulo 7 - “Você está Preparado?”).

Antes de nos concentrarmos detalhadamente nesses três males, lembre-se de quem está falando conosco:

“A Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu, para mostrar a seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo seu anjo as enviou e as notificou a seu servo João: O qual testificou da palavra de Deus, e do testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que viu.” — Apocalipse 1:1, 2, ênfase adicionada .

Os três ais são mensagens ditadas diretamente do coração de Deus. Ele quer que entendamos os sinais dos tempos e o que eles significam em relação ao retorno prometido de Seu Filho.

Como resultado da compreensão desses três problemas, nossos olhos espirituais serão abertos para ver o significado profético da atual Guerra ao Terror e a atual turbulência no Oriente Médio. Mas não seremos capazes de ver nada disso a menos que saibamos qual é o terceiro ai. E somente compreendendo o primeiro e o segundo ai é possível saber qual será o terceiro ai. Então vamos começar e dar uma olhada neste primeiro ai encontrado na quinta trombeta:

o primeiro ai

“E o quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela [caída] do céu na terra; e foi-lhe dada a chave do abismo .” — Apocalipse 9:1.

Este primeiro ai começa observando uma estrela caída que veio do céu e agora estava sobre a terra. Às vezes, os anjos são chamados de estrelas (Apocalipse 1:20). Esta estrela pode muito bem estar se referindo ao anjo caído que chamamos de Satanás.¹

“E ele abriu o poço sem fundo; e subiu fumaça do poço, como a fumaça de uma grande fornalha; e o sol e o ar escureceram por causa da fumaça do poço.” — Revelação 9:2.

A estrela caída recebeu a chave do abismo. O que o representante chave representa? Representa poder ou autoridade - a capacidade de desbloquear, liberar ou libertar. E o que Apocalipse 9:2 diz que ele libera? Ele solta uma fumaça que escurece o sol e o ar. O sol, é claro, representa Cristo, a luz do mundo e o “Sol da justiça” (Malaquias 4:2). Também representa a verdade. Sob esta trombeta, Satanás tem permissão para liberar de seu arsenal, a falsidade e o erro que obscureceriam a luz do evangelho - que obscureceriam Jesus, o divino Filho de Deus, a Luz do mundo, o crucificado Salvador da humanidade.

O que é este poço sem fundo, ou “abismo”, conforme se diz na língua grega original? Este termo é usado sete vezes no livro de Apocalipse (Apocalipse 9:1, 2, 11; 11:7; 17:8; 20:1, 3). Na maioria dos lugares onde é usado, representa o domínio de Satanás. Portanto, qualquer poder ou ensinamento que surja do abismo é inspirado por ele.

O versículo seguinte diz que da fumaça saiu poderosos locustos:

“E da fumaça saíram gafanhotos sobre a terra; e foi-lhes dado poder, como têm os escorpiões da terra .” — Apocalipse 9:3.

A Bíblia emprega o gafanhoto como um símbolo das nações árabes. Falando dos árabes midianitas, a Bíblia diz:

“Eles vieram como gafanhotos em multidão.” — Juízes 6:5. A palavra original é gafanhotos.

“E os midianitas e os amalequitas [tribos árabes] . . . jaziam ao longo do vale como gafanhotos em multidão.” — Juízes 7:12.

1. “Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da alva! como foste derrubado por terra, tu que debilitavas as nações!” — Isaías 14:12.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

A Ascensão do Islã

Pergunta: Após a queda da Roma Ocidental em 476 DC - isto é, após as primeiras quatro trombetas - surgiu na Arábia um movimento religioso que obscureceu a luz do evangelho?

A resposta é sim! Apenas um evento cumpre isso - e o faz ao pé da letra. Esse evento foi o surgimento da religião islâmica no século VII dC

No Alcorão, o Islã ensina, por exemplo, que Cristo não era o Filho de Deus:

“Criador dos céus e da terra. Como Ele deveria ter um filho quando Ele não tinha consorte? Ele criou todas as coisas e tem conhecimento de todas as coisas.” — Surra 6:101.

“Alá não permita que Ele tenha um filho!” — Surra 4:171.

Vamos passar para o nosso próximo versículo em Apocalipse 9:

“E foi-lhes ordenado que não fizessem dano à relva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a qualquer árvore; mas apenas os homens que não têm o selo de Deus na testa .” — Revelação 9:4.

Tal comando foi emitido para os conquistadores árabes islâmicos? Perceber que nas trombetas anteriores - a primeira trombeta, por exemplo. . .

“ . . . uma terça parte das árvores foi queimada e toda a erva verde foi queimada .” — Revelação 8:7.

Os visigodos, que cumpriram a primeira trombeta, destruíram deliberadamente a vegetação da Europa Ocidental — tanto que resultou na formação de áreas desérticas.

Agora, a predição diz que “foi-lhes ordenado . . . para não machucar a grama.” Existia tal comando? A ordem foi emitida na mesma época em que os árabes islâmicos estavam prestes a invadir o Império Romano no século VII. Eles haviam acabado de invadir a Pérsia e agora estavam prestes a invadir a Síria, a parte oriental da Roma oriental.

Muhammad havia morrido e Abu Bakr, seu sucessor, agora estava no comando.

Aqui agora está o comando real de Apocalipse 9:4 - conforme registrado na história - que a multidão de gafanhotos não deveria prejudicar a grama ou as árvores:

“Assim que seus números estavam completos, Abubeker subiu a colina, revisou os homens, os cavalos e as armas e derramou

uma oração fervorosa pelo sucesso de seu empreendimento. . . .
'Lembre-se', disse o sucessor do profeta, 'que você está sempre na presença de Deus, à beira da morte, na certeza do julgamento e na esperança do paraíso. Evite a injustiça e a opressão; consulte seus irmãos e estude para preservar o amor e a confiança de suas tropas. Quando combaterdes as batalhas do senhor, portai-vos como homens, sem virar as costas; mas não deixe sua vitória ser manchada com o sangue de mulheres ou crianças. Não destrua nenhuma palmeira, nem queime nenhum campo de milho. Não corte árvores frutíferas, nem faça mal ao gado, apenas as que você mata para comer. Quando você faz

uma aliança. . . fique firme e seja tão bom quanto sua palavra. Seguindo adiante, você encontrará algumas pessoas religiosas, que vivem retiradas em mosteiros, e se propõem a servir a Deus dessa forma: deixe-os em paz e não os mate nem destrua seus mosteiros. E você encontrará outro tipo de pessoas que pertencem à sinagoga de Satanás, que têm as coroas raspadas; certifique-se de cortar seus crânios e não lhes dê alojamento, até que eles se tornem maometanos ou paguem tributo . .

Evidência surpreendente de que “toda a Escritura é inspirada por Deus”.
— 2 Timóteo 3:16.

Agora, a profecia também incluía ferir “aqueles homens que não têm o selo de Deus em suas testas”. Como visto no comando registrado acima por Gibbons, eles deveriam matar os homens que tinham coroas raspadas. Estes eram os sacerdotes da Igreja Católica Romana. O anel raspado em suas coroas representava o sol, que eles honravam no dia que escolheram honrar - domingo - que eles incorporaram do culto ao sol da antiga Babilônia.

Mas também é correto que aqueles que tinham “o selo de Deus” eram protegido pelos invasores muçulmanos?

O que entendemos pelo termo o selo de Deus? Em Apocalipse 7, o selo de Deus é mostrado como sendo implantado na testa do povo de Deus nos últimos dias, a fim de protegê-los dos julgamentos de Deus. Muitos expositores da Bíblia acreditam que o selo de Deus se refere ao sábado do quarto mandamento (um selo deve ter três elementos específicos: o nome, o título de autoridade e o território de Seu domínio). No quarto mandamento encontramos:

O nome: “Senhor teu Deus”

2. Edward Gibbon, Declínio e Queda do Império Romano, vol. V, 489, 490.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

O título de autoridade: Criador — “o Senhor fez”

O território de Seu domínio: “céu e terra, o mar e tudo o que neles há”

"Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra; mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu servo, nem a tua serva, nem o teu gado, nem o estrangeiro que está nas tuas portas; porque em seis dias [2] o Senhor fez [3] o céu e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou : portanto abençoou o SENHOR o dia do sábado, e o santificou.”—Êxodo 20:8-11, ênfase adicionada.

Então, os árabes ou sarracenos protegeram aqueles que eram observadores do sábado do sétimo dia do quarto mandamento, lá no sétimo século? Observe o registro fornecido pelo Dr. BG Wilkinson em seu estudo sobre o surgimento e a expansão da fé cristã primitiva.

“Nos primeiros séculos da era cristã, a igreja do Oriente [não a igreja ocidental ou latina] às vezes chamada de igreja assíria, às vezes a igreja nestoriana [que eram observadoras do verdadeiro sábado] se espalhou de maneira muito eficaz por toda a Ásia e o Oriente. , mas permaneceu separada da igreja no Ocidente, especialmente na apostasia. Esses verdadeiros cristãos se tornaram os professores dos Saracenos e foram responsáveis por estabelecer um sistema educacional na Síria, Mesopotâmia, Turquestão, Tibete, China, Índia, Ceilão e outras áreas.”³

A história diz, então, que os árabes, como os persas, eram muito parciais com os cristãos assírios, porque acharam necessário, nos primeiros dias de seu poder, fazer uso das excelentes escolas que a igreja havia desenvolvido.

Edward Gibbon confirma a declaração do Dr. Wilkinson:

“Para seus súditos cristãos [isto é, os verdadeiros cristãos, não os apóstatas que os árabes atormentavam]; Mohomet prontamente concedeu a segurança de suas pessoas, a liberdade de seu comércio, a propriedade de seus bens e a tolerância de sua adoração.”⁴

Passamos agora para o versículo 5:

3. BG Wilkinson, *Truth Triumphant* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1944), 268-291.

4. Gibbon, *Declínio e Queda*, vol. V: 439-W; 579, 580; 390, 391.

“E foi-lhes dado que não os matassem, mas que fossem atormentados por cinco meses; e o seu tormento era como o tormento do escorpião, quando fere o homem.” — Apocalipse 9:5 .

A Primeira Jihad — O Cumprimento da História do Primeiro Ai Profetizado

Os muçulmanos não eram para matar, mas para ferir e atormentar. Isso significa que eles não mataram em suas conquistas? Não! Não poderia significar isso. A matança dizia respeito à matança política ou à destruição do Império Romano — Roma Oriental. Em suas batalhas, os muçulmanos mataram centenas de milhares de pessoas, e eles próprios perderam centenas de milhares. Durante esta primeira grande Jihad Islâmica - que a história diz ter ocorrido entre 622 e 750 (5) dC - eles começaram com a conquista da Arábia, e depois invadiram quase todo o leste de Roma. Eles conquistaram o norte da África, depois cruzaram o Estreito de Gibraltar e conquistaram a maior parte da Espanha e até invadiram parte do sudoeste da França. Mas em todas as suas conquistas, eles não foram capazes de destruir ou matar, ou acabar com o Império de Roma. Eles fizeram esforços concentrados para capturar Constantinopla, a capital do Império, mas sempre sem sucesso.

Em meio à apostasia desenfreada no Império Romano havia remanescentes do povo fiel de Deus, que estavam se retirando para as regiões desertas a fim de escapar da perseguição e manter sua fé. Estes incluíam os albigenses do sul da França, os valdenses do norte da Itália e outros na Boêmia, Alemanha e outros lugares. Quando os muçulmanos invadiram a França, eles estavam se aproximando de áreas onde o verdadeiro povo de Deus estava morando, e acredita-se que uma das razões pelas quais os muçulmanos foram repelidos foi para que o povo de Deus fosse protegido. Além disso, enquanto a Europa católica lutava contra os muçulmanos, eles estavam preocupados com essas batalhas e não podiam perseguir o povo de Deus.

O que representa a cauda do escorpião no versículo 5 (e no versículo 10)? O chave é encontrada nos escritos de Isaías no Antigo Testamento:

“O antigo e honrado, ele é a cabeça; e o profeta que ensina mentiras, esse é a cauda.” — Isaías 9:15.

O falso profeta, o profeta mentiroso — a falsa religião — esse é o rabo. Em outras palavras, a religião do profeta Muhammad é a cauda que atormentou os homens ao obscurecer o evangelho do unigênito e divino Filho de Deus.

Sim, o único Deus Pai, o grande Deus Criador, sempre teve um Filho, segundo o Antigo Testamento:

5. <<http://www.jihadwatch.org/islam-101.html>>.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

“Quem subiu ao céu ou desceu? quem juntou o vento em seus punhos? quem amarrou as águas em uma roupa? quem estabeleceu todos os confins da terra? qual é o nome dele e qual é o nome de seu filho, se você pode dizer? —Provérbios 30:4, ênfase fornecida.

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” — João 3:16, ênfase adicionada .

Uma Profecia de 150 Dias

A profecia dizia “que eles seriam atormentados por cinco meses”. Em um mês profético são exatamente trinta dias. Portanto, cinco meses seriam iguais a 150 dias. Na profecia simbólica, um dia equivale a um ano; (6) portanto, os 150 dias representam 150 anos. Observe o que a profecia diz que aconteceria durante esse período de 150 anos:

‘ A abertura do poço sem fundo no século VII, de onde Islã surgiu por meio de Maomé.

‘ O mandamento do século VII para não queimar árvores e ferir apenas aqueles homens que não têm o selo de Deus em suas testas.

Então, para qual século devemos olhar para encontrar o cumprimento deste 150- profecia do ano? O século VII, é claro!

Para descobrir quando esse período de 150 anos de tormento pelos muçulmanos começou, precisamos descobrir o ano exato em que os ensinamentos de Maomé surgiram do abismo.

“O Profeta Muhammad . . . proclamou sua missão profética na Arábia em 612 e finalmente conquistou sua cidade natal, Meca, para a nova fé.”⁷

Este período de tormento muçulmano continuou até que houve uma forte divisão na liderança do mundo muçulmano. Como resultado, dois califados islâmicos foram formados. Isso ocorreu em 756 DC. O novo califa, reinando em Damasco, na Síria, transferiu sua capital para a Cisjordânia do Tigre e fundou a cidade de Bagdá, onde se tornou o principal califa do Império Muçulmano. Ele construiu sua cidade em um canal que ia do Eufrates ao Tigre — uma área fora dos limites do Império Romano. Em 762 DC, o califa transferiu sua capital para fora do reino

6. <http://en.wikipedia.org/wiki/Day-year_principle>.

7. Helen Chapin Metz, ed. Iran: A Country Study (Washington, DC: GPO, para o Biblioteca do Congresso, 1987), capítulo: “Conquista Islâmica”.

O Primeiro Ai — O Primeiro Jihad

do Império Romano. Com esta transferência veio uma mudança completa de atitude por parte dos muçulmanos.

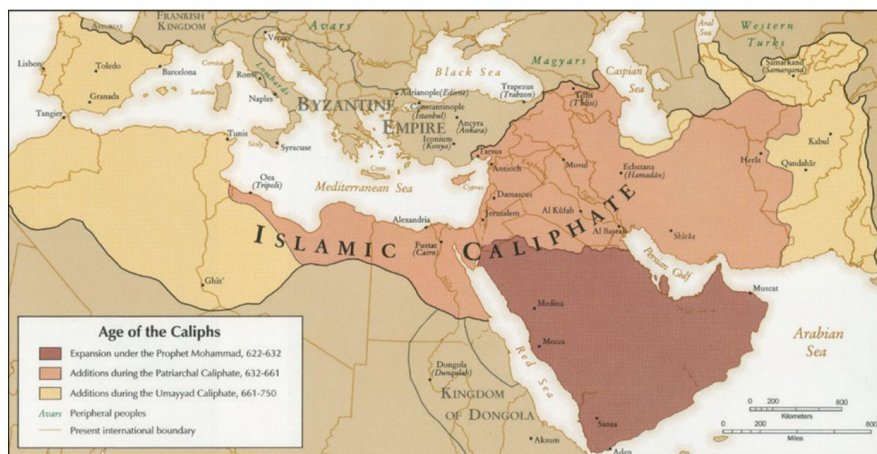
Como escreveu um historiador da igreja:

“Os conquistadores [árabes] agora se estabeleceram tranquilamente nos países que haviam subjugado.”⁸

“Do século VIII ao XII, o mundo muçulmano desfrutou de grande prosperidade. Os comerciantes muçulmanos mantinham contato próximo com três continentes e podiam transportar mercadorias entre a China e a Europa Ocidental e da Rússia para a África Central.”⁹ O período de conquista e tormento havia cessado – e cessou em

762 DC Se deduzirmos 612 de 762, temos exatamente 150 anos ou cinco meses proféticos! Assim, este período profético em que os muçulmanos deveriam atormentar ou ferir os homens foi cumprido ao pé da letra - no próprio ano.

O primeiro estudioso da Bíblia a ver essa profecia de 150 anos foi um italiano chamado Joaquim de Floris. Ele viu isso em 1190 DC. Nas páginas 24 e 25 desta nota de rodapé,¹⁰ você encontrará uma lista de 128 outras pessoas do século XII ao século XX que também entenderam isso. Uma alta porcentagem deles usa o intervalo de datas de 612-762 DC. Você pode ver no mapa a seguir o território que esse primeiro califado conquistou durante esse período de 150 anos.



8. George Waddington, *History of the Church, From the Early Ages to the Reforma*ção (Londres, Inglaterra: Baldwin, 1833), vol. 2, 44.
9. <<http://emayzine.com/index.php/history-103/history-103-week-3/123-the-byzantine-empire-and-islam>>.
10. <http://docs.adventistarchives.org/docs/MIN/MIN19440601-V17-06__B.pdf#visualizar=encaixar>.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Nos primeiros dez anos do reinado de Omar (foi o segundo sucessor de Muhammad), Gibbon diz:

“Os sarracenos reduziram 36.000 cidades ou castelos, destruíram 4.000 igrejas e construíram 1.400 mesquitas.”¹¹

Agora, outros estudantes da Bíblia na lista de 128 na nota de rodapé (10) viram a profecia dos cinco meses chegando no final do período da quinta trombeta, em vez de no início. Ao examinar o raciocínio de ambos os pontos de vista, concluí que ambos estão certos. Por causa da duplicação de símbolos nesta profecia, vejo dois períodos de cinco meses apresentados.

Deixe-me listar os símbolos que são duplicados: `

Poço sem fundo (9:1; 9:11)

` Líder (9:1—estrela caída; 9:11—anojo do abismo)

` Picada de escorpião (9:5; 9:10)

` Cinco meses (9:5; 9:10)

Uma característica notável sobre a profecia apocalíptica é esta: a informação geralmente é dada na menor quantidade possível de palavras. O fato de esta profecia mencionar duas vezes que haverá cinco meses não é porque o apóstolo João está apenas sendo repetitivo e prolixo. Não, tal repetição nunca ocorre sem uma boa causa. Então, por que essas quatro coisas são repetidas nesta quinta trombeta? Simplesmente isto: é porque devemos entender que esta trombeta começa com um período de cinco meses e termina com um período de cinco meses.

As pessoas do primeiro período eram árabes - e as pessoas do segundo período eram turcos. Ambos os grupos seriam muçulmanos liderados por líderes influenciados por Satanás, a estrela caída — o anojo do abismo, usando o ferrão do escorpião da falsidade, com um líder diferente começando a cada período de cinco meses. Muhammad foi o primeiro líder do primeiro período. Quem foi o primeiro líder do segundo período profético?

Esse líder é apresentado em Apocalipse 9:11:

**“E tinham sobre eles um rei, que é o anojo do abismo, cujo nome na língua hebraica é Abadom, mas na língua grega tem o seu nome Apollyon.”
— Revelação 9:11 .**

Este rei é influenciado pelo mesmo ser que influenciou Muhammad - a estrela caída ou anojo do abismo. Ele começa mais uma vez a conquista do território. Esse rei, cujo nome grego era Apollyon, era Osman — o fundador do Império Otomano. Ele reinou de 1299-1324.

11. Gibbon, Declínio e Queda, vol. V, 474, 475.

“Historiadores otomanos freqüentemente enfatizam o significado profético de seu nome, que significa 'quebra-ossos', significando a poderosa energia com que ele e seus seguidores pareceram mostrar nos séculos seguintes de conquista. O nome Osman é a variação turca do nome muçulmano Othman. . .”¹²

Gibbon acrescenta:

“Foi em 27 de julho, no ano de 1299, que Othman invadiu pela primeira vez o território de Nicomédia,” [na Ásia Menor] “e a precisão singular da data, parece revelar alguma previsão do rápido e crescimento destrutivo do monstro.”¹³ Esta, então, seria a data para o início do segundo período de

150 anos. De 27 de julho de 1299 a 27 de julho de 1449, os turcos travaram uma guerra quase constante com o Império Grego, mas sem conquistá-lo - exatamente como a profecia predisse. Esta data inicial, 27 de julho de 1299, é de vital importância para o segundo ai (que será o foco do próximo capítulo).

De volta agora aos nossos gafanhotos:

“E as formas dos gafanhotos eram semelhantes a cavalos preparados para a batalha; e em suas cabeças havia como que coroas semelhantes a ouro, e seus rostos eram como rostos de homens. E tinham cabelos como cabelos de mulheres, e seus dentes eram como dentes de leões. E eles tinham couraças, como se fossem couraças de ferro; e o som de suas asas era como o som de carros de muitos cavalos correndo para a batalha.”
— Revelação 9:7-9.

Os guerreiros muçulmanos são comparados a “cavalos preparados para a batalha”. Esta também é uma imagem verdadeira do tipo de força militar que foi usada pelos muçulmanos em seu método de ataque.

“Devo observar aqui o que devo repetir com frequência, que a carga dos árabes não era como a dos gregos e romanos, o esforço de uma infantaria firme e compacta: sua força militar era formada principalmente por cavalaria e arqueiros.”¹⁴ Eles usavam

turbantes, barbas, cabelos compridos e couraças, exatamente como a profecia dizia.

“Um ai já passou; e eis que vêm mais dois ais no futuro.” — Revelação 9:12.

12. <http://en.wikipedia.org/wiki/Osman_I>.

13. Gibbon, Declínio e Queda, cap. 64, par. 14.

14. Ibid., vol. V, 478, 479.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

James White, (1821–1881) foi ordenado ministro da Conexão Cristã em 1843. Em 1863, ele imprimiu um gráfico que resumia as principais profecias baseadas nas visões dos profetas bíblicos Daniel e João.



No canto inferior direito de seu gráfico, você notará os anjos tocando as últimas três trombetas de desgraça. A primeira trombeta do ai é representada por um muçulmano com uma lança. A segunda trombeta do ai é representada por

O Primeiro Ai — O Primeiro Jihad

um muçulmano com um mosquete. A terceira trombeta do ai, sendo ainda futura, White não pôde identificar e não o fez.

Um infortúnio bíblico — e um Jihad histórico correspondente (o muçulmano com a lança) — já passou. Restam mais dois. Agora voltamos nossa atenção para o segundo ai e Jihad (o muçulmano com o mosquete).

O SEGUNDO AI - A SEGUNDA JIHAD

Ai não é uma palavra muito usada hoje em dia. Então, já que agora estamos Começando o segundo dos três capítulos com foco nos três ais de Apocalipse 8, vamos reservar um momento para definir a palavra:

- ` “Uma condição de profundo sofrimento por infortúnio, aflição ou sofrimento . . . ruinoso” — Merriam-Webster.
- ` “Angústia profunda ou miséria, como de tristeza; miséria. . . infortúnio; calamidade.” — American Heritage Dictionary.
- ` “Grave angústia, aflição ou problema.”—Dictionary.com.

Entendeu? Ai é uma palavra muito infeliz - uma condição ou estado de total miséria e problemas.

Isso descreve o que a história diz sobre os dois Jihads islâmicos que já ocorreram? Não acho que seja possível calcular o número de vidas perdidas ao longo desses vários séculos de conquista islâmica, mas sem dúvida milhões de pessoas de ambos os lados perderam suas vidas - o livro do Apocalipse certamente estava certo ao prever esses eventos. dois Jihads como “desgraças”.

Descobrimos no capítulo anterior que a primeira grande onda de Jihad islâmico ocorreu entre 622 e 750 dC, durante a qual o Islã conquistou não apenas sua base na Arábia, mas também se expandiu para conquistar quase todo o Império Romano do Oriente. Eles conquistaram o norte da África, depois cruzaram para a Europa e conquistaram a maior parte da Espanha e foram finalmente detidos após subjugar parte do sudoeste da França.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Uma Segunda Jihad

Mas o impulso para conquistar não descansou muito e ressurgiu cerca de três séculos depois em uma segunda grande Jihad, entre 1071 e 1683 dC. Enquanto a primeira Jihad foi realizada por árabes islâmicos, esta segunda Jihad foi uma agressão dos turcos islâmicos. Isso resultou na captura de Constantinopla (Istambul) e, à medida que se espalhou, empurrou o controle islâmico para o norte da África, mais ao norte nos Bálcãs e a leste na Índia.

Descobrimos que o primeiro ai ocorreu quando o quinto anjo tocou sua trombeta nos primeiros doze versículos de Apocalipse 9. E esse primeiro ai predito seria cumprido com precisão pela primeira grande Jihad Islâmica.

Mas agora, passando para o versículo 13, ouvimos o sexto anjo tocando sua trombeta:

“E o sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz das quatro pontas do altar de ouro que está diante de Deus, dizendo ao sexto anjo que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos (2) que estão presos no grande rio Eufrates.”
— Apocalipse 9:13, 14.

Identificando o poder do segundo ai

Nos versículos que se seguem, notamos vários itens que definem a identidade deste poder do segundo ai:

“E foram soltos os quatro anjos que estavam preparados para uma hora, e um dia, e um mês, e um ano, para matarem a terça parte dos homens. E o número do exército dos cavaleiros era de duzentos mil; e ouvi o número deles. E assim eu vi os cavalos na visão, e os que estavam montados neles, tinham couraças de fogo, e de jacinto, e enxofre: e as cabeças dos cavalos eram como as cabeças de leões; e de suas bocas saía fogo, fumaça e enxofre.

Por estes três foi morta a terça parte dos homens, pelo fogo, e pela fumaça, e pelo enxofre, que saía de suas bocas. Pois o poder deles está em suas bocas e em suas caudas:

-
1. <<http://www.jihadwatch.org/islam-101.html>>.
 2. Os Quatro Anjos: Estes foram os quatro principais sultões dos quais o Compôs-se o Império Otomano, localizado no país regado pelo grande rio Eufrates. Esses sultões estavam situados em Aleppo, Icônio, Damasco e Bagdá. Anteriormente, eles haviam sido contidos; mas Deus ordenou, e eles foram soltos. — Uriah Smith, Daniel and the Revelation (1897), 508.

O Segundo Ai — O Segundo Jihad

porque as suas caudas eram semelhantes a serpentes e tinham cabeças, e com elas ferem .” — Apocalipse 9:15-19.

Nesses versículos vemos um exército de 200 “milhões”³ de cavaleiros prontos para invadir a “terceira parte” do Império Romano. Qual é essa terceira parte que sempre ouvimos nas trombetas? Nas primeiras quatro trombetas havia doze menções a esta frase, “a terceira parte”. Por exemplo, a terceira parte de: ` As árvores—Apocalipse 8:7

` O mar - Apocalipse 8:8.

` Os navios - Apocalipse 8:9.

` Os rios - Apocalipse 8:10.

` O sol, a lua e as estrelas—Apocalipse 8:12.

Quando a Bíblia fala de um terço, não é necessariamente uma proporção matemática exata. É simplesmente uma expressão para denotar que o castigo de Deus não é a destruição total (ver Zacarias 13:8, 9; Ezequiel 5:1-4, 12).

Durante as primeiras quatro trombetas, a porção ocidental do Império Romano foi destruída. Sob a quinta trombeta (o primeiro ai), o Império Romano do Oriente não foi destruído, apenas atormentado. E sob esta sexta trombeta (o segundo ai) esta parte oriental do Império Romano é finalmente destruída.

Quem eram esses cavaleiros que destruíram essa parte do Império? Após as batalhas do califado islâmico da quinta trombeta, que poder invadiu a Roma oriental e a destruiu? A história nos diz que foram os turcomanos islâmicos, ou turcos.

Na página seguinte há um mapa mostrando a extensão do Império Turco desde o início da última (segunda) profecia de 5 meses da quinta trombeta (1299 dC) até uma parte da profecia de tempo da sexta trombeta.

O território rosa e amarelo (4) foi conquistado pelos turcos debaixo da segunda profecia dos 150 anos (5 meses) da quinta trombeta -

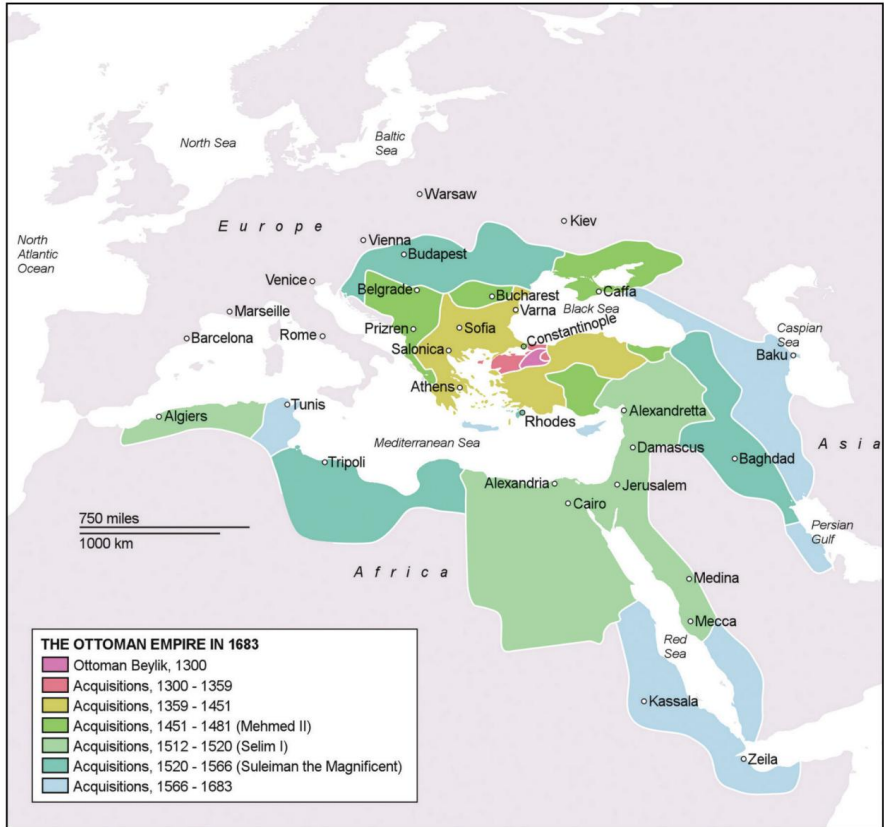
1299-1449 DC.

3. O número de cavaleiros era de duzentos mil mil. O que esse número significa, os expositores não conseguiram determinar. Mas estou inclinado a acreditar com o Sr. Miller, que significa 200.000 contados duas vezes, totalizando 400.000. O que torna isso provável é o fato de que os turcos geralmente tinham de trezentos a quatrocentos mil cavaleiros em seu exército. Eles tinham, quando Constantinopla foi tomada, 300.000, e alguns dizem, 400.000 cavaleiros, além de muitos soldados de infantaria e uma frota.

(Joshua V. Himes, Signs of the Times, vol. 1, nº 21, 1º de fevereiro de 1841.)

4. Uma versão colorida do mapa pode ser visualizada em: <http://en.wikipedia.org/wiki/History_of_the_Ottoman_Empire>.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD



Não conseguiram, ainda, conquistar a capital, Constantinopla, e destruir o Império. Então o segundo ai da sexta trombeta foi derramado sobre a Roma oriental. As áreas verdes e azuis do mapa representam as conquistas do segundo ai.

Um dos pontos para identificar esse poder do segundo ai era que o exército invasor seria composto por numerosos cavaleiros.

O historiador Gibbon descreve essa invasão implacável:

“As miríades de cavalos turcos se espalharam por uma fronteira de 600 milhas de Taurus a Azeroum e o sangue de 130.000 cristãos foi um sacrifício agradecido ao profeta árabe [ou seja, à religião muçulmana).”⁵

5. Gibbon, Declínio e Queda, vol. VI, 252.

Vermelho, azul e amarelo

Outro ponto de identificação era a cor dos peitorais e uniformes dos invasores. Apocalipse 9:17 fala deles como “tendo peitorais de fogo, de jacinto e de enxofre”. A palavra jacinto é “jacin teu” no grego e denota a cor azul. Assim, quando o versículo fala de “fogo, jacinto e enxofre”, significa vermelho, azul e amarelo.

O fogo é vermelho, a jacintina é azul e o enxofre (ou enxofre) é amarelo. Vermelho, azul e amarelo — seriam essas as cores dos uniformes do exército turco? Charles Daubuz, um erudito inglês da época, diz:

“Desde sua primeira aparição, os otomanos usaram roupas de guerra escarlate, azul e amarelo: um traço descritivo ainda mais marcado por seu contraste com a aparência militar de gregos, francos ou sarracenos [árabes] que eram contemporâneos.”⁶ Ainda outro ponto

de identificação é que o agente que seria usado para matar seria fogo, fumaça e enxofre. Para repetir parte de nossa passagem de Apocalipse 9:

“Assim eu vi os cavalos . . . e as cabeças dos cavalos como cabeças de leões e de suas bocas saía fogo, fumaça e enxofre. Por estes três foi o terço dos homens mortos. Pelo fogo, e pela fumaça, e pelo enxofre que saía de suas bocas.” — Revelação 9:17, 18.

O cerco e a queda de Constantinopla

Sob o primeiro ai, os muçulmanos deveriam atormentar a Roma Oriental, mas sob o segundo ai, os turcos muçulmanos deveriam arrazar ou matar Roma Oriental. Isso significava destruí-lo como poder político. Conseguir isso significaria atacar o coração do império — a capital, que era Constantinopla.

Esta grande cidade permaneceu por 1147 anos. A partir de 626 DC, foram feitas dezesseis tentativas determinadas de capturar esta cidade. Apenas uma vez nessas dezesseis tentativas alguém teve sucesso - em 1204 dC a quarta cruzada conseguiu romper as paredes.

No início do século XV, um sultão chamado Maomé II ascendeu ao trono turco. Ele foi responsável pela destruição final do leste de Roma. Sua determinação implacável era tomar Constantinopla. Aos 21 anos, conquistou Constantinopla e pôs fim a o

6. Charles Daubuz, citado em Edward Bishop Elliott, *Horae Apocalyptica* (Amazon: Ulan Press, 2012), cap. VII, 508.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Império Bizantino, absorvendo seu aparato administrativo no estado otomano. Em preparação para a realização do desejo de seu coração, ele estudou os últimos instrumentos de destruição com os quais poderia colocar Constantinopla de joelhos.

Especialmente Maomé II concentrou-se na pólvora e na artilharia. Os turcos foram os primeiros a empregar com sucesso a pólvora na condução da guerra e a usaram no cerco de Constantinopla. Este foi o “assassinato” ou “assassinato” final do Império Romano do Oriente. Uriah Smith, autor de Daniel e Apocalipse, ficou surpreso ao ver como o profeta João, em Apocalipse 9:17, 18, parecia prever a invenção e o uso da pólvora:

“Os meios pelos quais os maometanos alcançaram suas maravilhosas conquistas são descritos nos versículos 17 e 18 como fogo, fumaça e enxofre; e é um fato notável que nessa revolução a pólvora tenha sido usada pela primeira vez como instrumento de guerra. Assim, parece que João, em 96 dC, escreveu uma profecia daquela notável invenção que apareceu como uma nova máquina de destruição, trezentos anos depois de sua época, e revolucionou o modo de guerra em todo o mundo civilizado.”⁷ Um canhão (ver

abaixo), projetado por Orban, tinha 27 pés de comprimento e era capaz de lançar um projétil de 1.300 libras a mais de um quilômetro. Esta é uma foto desse canhão. Foram necessários 60 bois para colocar aquele grande canhão em posição.

Em 6 de abril de 1453, Maomé II reuniu 258.000 homens para iniciar o ataque. A cidade tinha 13 milhas de circunferência, com 7.000 a 8.000 homens para defendê-la.



7. Uriah Smith, *Synopsis of the Present Truth* (Oakland, CA: Pacific Press, 1884), 216.

O Segundo Ai — O Segundo Jihad

Constantinopla tinha a forma de um triângulo - com o lado sul protegido pelo Mar de Mármara. O lado norte da cidade era protegido pelo estreito do Bósforo. A foz deste curso de água era protegida por uma corrente. Eles contornaram essa cadeia lubrificando toras e puxando seus navios por terra para contorná-la.



O lado oeste da cidade não conectado a um corpo de água era protegido por uma parede dupla e um fosso de 18 metros de largura e 10 quilômetros de comprimento. Um historiador turco escrevendo sobre a queda de Constantinopla declarou:

“Os muçulmanos colocaram seus canhões em uma posição efetiva. Os portões e muralhas de Constantinopla foram perfurados em mil lugares. A chama que saiu das bocas daqueles instrumentos de guerra, de corpos de bronze e mandíbulas ardentes, lançou pesar e desgosto entre os miseráveis. A fumaça que se espalhava no ar tornava o brilho do dia tão sombrio quanto a noite; e a face do mundo logo se tornou tão escura quanto a negra fortuna dos infelizes infelizes.”⁸

8. De Saadeddin's Diadem of Histories, conforme citado pelo Dr. Alexander Keith em Signs of the Times (Edimburgo, Escócia: William Whyte & Co., 1832), bk. IV, 46.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Assim, como o profeta havia declarado, “por esses três, por fogo, fumaça e enxofre foi morta a terça parte dos homens”. O Império Romano do Oriente não existia mais.

150 anos mais um pouco mais de 391 anos

O ponto de identificação mais significativo em relação a este segundo aî está no período de tempo alocado para “matar a terça parte dos homens”. Agora, prepare-se para um pouco de matemática bíblica. O tempo designado seria de “uma hora, um dia, um mês e um ano” (Apocalipse 9:15). Usando o princípio bíblico de um dia por ano, (9) veja como isso se soma:

Uma hora ($1/24$ de um dia): 15 dias, com base em um ano profético de 360 dias

Um dia: 1 ano

Um mês: 30 anos

Um ano: 360 anos

TOTAL: 391 anos e 15 dias

Em 1840, Josiah Litch, um notável pregador associado a Guilherme Miller no Grande Movimento do Segundo Advento de 1833-1844, previu — com base nesse período de tempo — que o Império Otomano chegou ao fim em 11 de agosto de 1840. Litch usou a data de 27 de julho de 1299 para o início da profecia de cinco meses da quinta trombeta, à qual acrescentou os 391 anos e 15 dias.

Somando os 150 anos que começaram em 27 de julho de 1299 aos 391 anos e 15 dias, Litch obteve a data de 11 de agosto de 1840.(10)

Até esta data, Uriah Smith acrescentaria mais tarde seu acordo:

“O principal assunto para exposição sob esta trombeta é o período profético apresentado no versículo 15. Os anjos foram soltos por uma hora, um dia, um mês e um ano. Isso, reduzido do tempo profético ao literal, nos dá o seguinte período: Um ano, 360 dias, 360 anos; um mês, 30 dias, 30 anos; um dia, 1 ano; uma hora, uma vigésima quarta parte de um dia profético, 15 dias literais; fazendo em todos os 391 anos e 15 dias. Isso somado à data de 27 de julho de 1449, quando terminaram os 150 anos da trombeta anterior, nos leva a 11 de agosto de 1840.”(11)

9. <http://en.wikipedia.org/wiki/Day-year_principle>.

10. Para obter um calendário de datas on-line para verificar os cálculos de Josiah Litch (digite suas próprias datas), acesse: <<http://www.timeanddate.com/date/dateadd.html>>.

11. Smith, Sinopse, 216.

O Segundo Ai — O Segundo Jihad

No ano de 1582, foi feita uma mudança do calendário juliano para o calendário gregoriano. Essa mudança, por acaso, veio no meio dessa profecia. Isso atrapalha algum cálculo?

O calendário gregoriano começou diminuindo dez dias corridos para reverter à data anterior do equinócio vernal. É por isso que sou grato pela calculadora de calendário on-line que recomendei na nota de rodapé 10 - ela leva em consideração a mudança de calendário de 1582.

Profecia Cumprida no Mesmo dia!

Assim, a conclusão de Josiah Litch foi historicamente correta, tanto quanto as datas estavam preocupados, e foi cumprido ao pé da letra.

Litch proclamou com confiança ao mundo vários meses antes de 11 de agosto de 1840, que com base na profecia bíblica, o poder do infame Império Otomano terminaria. O mundo esperou e observou. Cumprindo-se até aquele dia, uma multidão de infiéis se converteu à fé cristã.

Que cumprimento dramático da previsão de Litch! Ele havia escrito:

“Permitindo que o primeiro período, 150 anos, tenha sido cumprido exatamente antes dos Deacozes ascenderem ao trono com a permissão dos turcos, e que os 391 anos e quinze dias tenham começado no final do primeiro período, ele terminará no dia 11 de Agosto de 1840, quando se pode esperar que o poder Otomano em Constantinopla seja quebrado. E este, creio eu, será o caso.”¹²

No exato momento especificado, a Turquia, por meio de seu embaixador, aceitou a proteção das potências aliadas da Europa e, assim, colocou-se sob o controle das nações cristãs. O evento cumpriu exatamente a previsão.

Uriah Smith escreveu sobre os eventos que antecederam a data de 11 de agosto

de 1840: “Como o período profético desta [sexta] trombeta começou com a rendição voluntária do poder nas mãos dos turcos pelo imperador cristão do Oriente, também podemos concluir com justiça que seu término seria marcado pela rendição voluntária desse poder pelo sultão turco de volta às mãos dos cristãos. Em 1838, a Turquia envolveu-se na guerra com o Egito. Os egípcios fizeram uma oferta justa para derrubar o poder turco. Para evitar isso, as quatro grandes potências da Europa, Inglaterra, Rússia, Áustria e Prússia, interferiram para sustentar o governo turco. A Turquia aceitou sua intervenção. Uma conferência foi realizada em Londres na qual um ultimato foi elaborado para ser

12. Josiah Litch, “Signs of the Times and Expositor of Prophecy”, 1º de agosto de 1840.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

apresentado a Mehemet Ali, o Pacha do Egito. É evidente que, quando esse ultimato fosse colocado nas mãos de Mehemet, o destino do império otomano estaria praticamente nas mãos das potências cristãs da Europa. Este ultimato foi colocado nas mãos de Mehemet no dia 11 de agosto de 1840! e naquele mesmo dia o sultão dirigiu uma nota aos embaixadores das quatro potências, perguntando o que deveria ser feito caso Mehemet se recusasse a cumprir os termos que eles haviam proposto. A resposta foi que ele não precisava se alarmar sobre qualquer contingência que pudesse surgir; pois eles haviam feito provisão para isso. O período profético terminou, e naquele mesmo dia o controle dos assuntos maometanos passou para as mãos dos cristãos, assim como o controle dos assuntos cristãos passou para as mãos dos maometanos 391 anos e 15 dias antes. Assim terminou o segundo ai, e a sexta trombeta cessou de soar."¹³ Como vimos em nosso capítulo anterior sobre o primeiro ai, os muçulmanos da quinta trombeta protegeram a verdadeira igreja dos ataques dos exércitos papais desviando sua atenção. Agora, na sexta

trombeta, temos os muçulmanos protegendo a Reforma Protestante dos ataques da perseguição papal. Quando os turcos estavam invadindo a Europa, o rei Carlos V da Espanha era imperador do Sacro Império Romano. O protestantismo havia aumentado em 1517, e milhares de pessoas deixaram a Igreja Católica para se tornarem protestantes. Carlos V, sendo um católico romano devoto, foi persuadido por sua igreja não apenas a se opor à fé protestante, mas também a destruí-la. Mas sempre que ele avançava para atacar os protestantes, muitas vezes chegavam notícias de que os turcos estavam atacando, e Carlos seria forçado a se afastar dos protestantes e marchar contra os turcos. Aquilo que foi um ai para os ímpios foi uma bênção para o povo de Deus - tanto no primeiro como no segundo ai! Essa mesma proteção poderia novamente entrar em jogo no ainda futuro terceiro ai?

Duas desgraças passadas - uma ainda futura

Em nosso próximo capítulo sobre o terceiro ai, veremos que o que aprendemos com esses dois primeiros ais do passado fornecerá insights para nossa compreensão de qual será o terceiro ai do futuro.

Quatro pontos têm sido comuns com cada um dos dois primeiros "ais":

Os dois primeiros "ais" envolveram o califado islâmico.

Os dois primeiros "ais" envolveram a guerra entre muçulmanos e nações cristãs

13. Smith, Synopsis, 216 (grifo nosso).

O Segundo Ai — O Segundo Jihad

` Os dois primeiros "ais" resultaram em desviar a atenção do inimigo do verdadeiro povo de Deus para que eles pudessem cumprir sua missão de proclamar o evangelho.

` Os dois primeiros ais foram flagelos redentores sobre uma religião apóstata, destinados a levar os homens ao arrependimento.

Como veremos em nosso próximo capítulo, o terceiro ai também incluirá todos esses pontos. É assim que saberemos que identificamos corretamente o terceiro ai.

Após os versículos que tratam do primeiro ai, o anjo disse:

“Um ai já passou; e eis que vêm mais dois ais no futuro.” — Revelação 9:12.

E então, após o segundo ai, o anjo novamente diz:

“Passou o segundo ai; e eis que vem o terceiro ai depressa.” — Revelação 11:14.

Eu acredito que isso é dito para mostrar que haverá muito em comum entre os três males.

Imagine-se agora em pé (a menos que você já esteja!). Agora imagine-se girando exatamente 180 graus para ficar de frente para a direção oposta. Isso é o que eu quero que você faça em certo sentido agora. Para os dois primeiros "ais", você olhou para trás - para a história. Para o terceiro ai, você precisará se virar e olhar para frente — para o futuro.

Preparado? Então vamos passar para o capítulo 6!

CAPÍTULO SEIS

O TERCEIRO AI - A TERCEIRA JIHAD

vamos começar nossa olhada no terceiro ai do Apocalipse com um breve resumo:

“E olhei e ouvi um anjo voando pelo meio do céu, dizendo em alta voz: Ai, ai, ai dos habitantes da terra . . .” — Apocalipse 8:13.

Três desgraças. Nos dois capítulos anteriores, nos concentramos nos dois primeiros ais da quinta e da sexta trombetas e descobrimos que a história apóia o fato de que sob essas duas trombetas ocorreram os dois primeiros Jihads islâmicos.

` Trombeta do primeiro ai — Primeiro Jihad: 622–750 d.C., executado pelos árabes Islâmicos

Trombeta do segundo ai—Segunda Jihad: 1071–1683 DC, realizada pelos turcos islâmicos.

Agora, observe bem isto: embora a segunda grande onda de Jihad possa ter terminado em 1683, o período da sexta trombeta não terminou até que a dependência do próprio Império Islâmico Turco (Otomano) terminou - em cumprimento da profecia de Apocalipse 9:15 (“uma hora, e um dia, e um mês, e um ano” – veja a discussão no capítulo anterior). Até o dia, esta profecia foi cumprida em 11 de agosto de 1840. Esse é o dia em que o período da sexta trombeta chegou ao fim.

“Passou o segundo ai; e eis que vem o terceiro ai depressa.” — Revelação 11:14.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Quando aconteceu — ou acontece — o terceiro ai? Estudantes cuidadosos da profecia bíblica na época em que o segundo ai terminou em 1840 não tinham certeza de quando isso aconteceria.

Lembre-se da tabela profética de Tiago White de 1863 (ver página 62) que descrevia os dois primeiros ais – sob imagens do quinto e sexto anjos tocando suas trombetas – com imagens de um muçulmano segurando uma lança (primeiro ai) e um muçulmano atirando com um mosquete (segundo ai)? Mas sob o terceiro anjo tocando sua trombeta, White mostrou. . . nada! Ele não tinha certeza de qual seria o terceiro ai — ou quando aconteceria.

Esse foi o caso por um bom tempo. Mas preste atenção agora: Cada vez mais, os estudantes da Bíblia começaram a concluir que logo depois que a sexta trombeta cessou de soar - e com ela, o tempo do segundo ai também terminou - a sétima trombeta começou a soar - e com ela, o tempo de abrir-se o terceiro ai:

“Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele começar a tocar [sua trombeta], o mistério de Deus deve ser consumado, como ele anunciou aos seus servos, os profetas.” — Apocalipse 10:7, ênfase fornecido.

Mas observe que, ao dizer “o tempo do terceiro ai”, isso não significa que esse ai necessariamente ocorreria quando o tempo dessa trombeta começasse. Na primeira trombeta do ai - até a quinta trombeta - séculos se passaram sem ai. Assim, dentro dos períodos de tempo da quinta, sexta e sétima trombeta, encontramos desgraças que acontecem.

Mas primeiro, vamos “colocar nossos patos em linha”, como diz o ditado. Em outras palavras, vamos alinhar os eventos proféticos de Daniel e Apocalipse o mais próximo possível da ordem certa.

Vamos começar com o que aprendemos no capítulo 3 – que em cumprimento a Daniel 11:45, o califado islâmico será implantado em Jerusalém. Quando? Como? Por que? Ainda não podemos saber essas respostas, pois Daniel 11:45 - e o califado de Jerusalém - ainda estão no futuro. Mas, no capítulo 2, apresentamos um cenário possível e razoável sob o qual o califado poderia ser estabelecido em Jerusalém: imaginamos a possibilidade de um ataque EMP (pulso eletromagnético) preventivo de Israel que desativasse totalmente a infraestrutura eletrônica do Irã, tornando a nação, o desenvolvimento nuclear e infra-estrutura eletrônica impotente. No nosso cenário então tinha um acordo indireto envolvendo os EUA e a Turquia, segundo o qual, em troca da ajuda da Turquia para evitar uma Terceira Guerra Mundial nuclear, a Turquia teria permissão para estabelecer um califado islâmico restaurado no Monte das Oliveiras em Jerusalém— permitido, talvez, porque os EUA esperam que isso finalmente traga paz ao Oriente Médio.

.Talvez as condições sob as quais o califado chegará a Jerusalém envolverão um conjunto de eventos completamente diferentes - e no momento, imprevistos e imprevisíveis. Mas que os “tabernáculos de seu palácio” serão plantados em Jerusalém é certo, apoiado pela predição infalível de Daniel 11:45.

Uma vez plantado, o mundo islâmico recém-unido retomará o mesmo impulso agressivo para expandir seu alcance no mundo, com o objetivo final de colocar o globo inteiro sob a dominação islâmica. E onde quer que subjuguje as nações, as colocará sob o controle da lei islâmica Sharia.

A expansão islâmica – como visto na história dos dois primeiros grandes Jihads – usará todos os meios necessários, incluindo a força militar, para estender seu domínio no mundo.

Um Califado de Jerusalém desencadeia a Terceira Jihad

Assim que o califado for implantado em Jerusalém, o uso do terrorismo será desencadeado em uma escala que colocará o 11 de setembro na sombra e o fará parecer um esforço menor. Se os jihadistas tiverem à sua disposição as chamadas “bombas sujas” que combinam materiais radioativos com explosivos convencionais, sem dúvida os usarão. Se tiverem armas químicas, biológicas, radiológicas ou mesmo nucleares de destruição em massa em escala limitada, sem dúvida as usarão.

Enquanto este livro está sendo publicado, foi confirmado que a Síria usou armas químicas contra seu próprio povo, com imagens de centenas de supostas vítimas disponíveis para o mundo ver. Mas depois de ser encorajado e sentir-se livre quando um califado é restaurado, quem pode imaginar o grau em que os jihadistas podem usar tais armas?

O Ocidente - incluindo os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e seus aliados - não estará de forma alguma fora dos limites dos ataques jihadistas. Muitos desses ataques já ocorreram, mesmo sem um califado. Assim que esse evento crucial ocorrer em cumprimento a Daniel 11:45, as nações ocidentais se tornarão os principais alvos da expansão islâmica — e os ataques atingirão um nível totalmente novo de intensidade, frequência e destrutividade.

Não é difícil imaginar milhares ou mesmo dezenas de milhares de mortes enquanto as principais cidades ocidentais são atacadas. Talvez uma bomba suja em Manhattan, um ataque químico em Los Angeles, um ataque biológico em Chicago ou Houston.

Qualquer que seja o nível dos ataques jihadistas, será como esmagar uma vespa

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

no ninho com um taco de beisebol. Os ataques provocarão a fúria absoluta do Ocidente. E as nações ficarão furiosas não apenas por causa da destruição maciça causada por esses ataques – elas também ficarão furiosas com a imposição da lei Sharia sempre que o Islã conseguir subjugar nações ou territórios.

Agora é hora de retornar a Apocalipse 11 por um momento, onde no versículo 15 fomos informados do início da sétima trombeta:

“Passou o segundo ai; e eis que o terceiro ai vem depressa. [15]E o sétimo anjo tocou a trombeta. . . . [18]

E as nações se enfureceram, e é chegada a tua ira, e o tempo de os mortos serem julgados, e para que dê recompensa aos teus servos, os profetas, e aos santos, e aos que temem o teu nome, pequenos e grandes; e para que destruas os que destroem a terra.” — Revelação 11:14, 15, 18.

Você vê como o versículo 18 começou? Por enquanto, vamos nos concentrar apenas nas duas primeiras frases:

“E as nações se enfureceram”

“E veio a tua ira”

Não estamos falando justamente sobre nações iradas? Nações furiosas e enfurecidas? E demos uma olhada nas razões, ambas seguindo a trilha de um califado restaurado: ataques jihadistas no Ocidente e a imposição da lei Sharia. Assim que o califado for implantado em Jerusalém, o caminho estará preparado para o início da Terceira Jihad.

Observe também nos versículos de Apocalipse acima que o toque da sétima trombeta é mencionado antes da menção de nações iradas. Assim como os dois primeiros Jihads/ais ocorreram, respectivamente, sob as épocas da quinta e da sexta trombetas – mas não coincidiram exatamente com as datas de início e término das trombetas – o mesmo é verdadeiro para o Jihad/ai da sétima trombeta. Embora o período da sétima trombeta já tenha começado, a Bíblia sugere que, desde pouco depois de 1840, o infortúnio dessa trombeta - se é de fato uma terceira Jihad Islâmica - ainda é futuro.

Uma vez que a Jihad começa com a implantação do califado em Jerusalém, os eventos daquele ponto em diante na história de nossa terra ocorrem em rápida sucessão e desenrolam em violência e caos.

Vamos seguir em frente para explorar esse tempo perigoso que nos espera. Mas antes disso, quero observar algo que lançará mais luz sobre o que estudamos juntos. Não muito tempo depois que a sexta trombeta terminou

em 1840, uma autora talentosa e profundamente espiritual chamada Ellen White¹ escreveu um livro chamado O Grande Conflito, no qual ela compartilhou sua própria visão e conclusões – que ela (e inúmeras outras desde então) sentiu que Deus havia aberto à sua mente — sobre os eventos finais da história da Terra.

Nas páginas restantes deste capítulo, é claro que quero continuar baseando nosso olhar para o futuro nas profecias da Palavra de Deus. A Bíblia é e sempre deve ser nossa fonte primária e definitiva para o que Deus tem a nos dizer. Mas onde isso pode iluminar nossa discussão de certos eventos futuros, ocasionalmente trarei alguns dos principais comentários de O Grande Conflito para oferecer - para sua consideração - um quadro mais detalhado do que está para acontecer no futuro.

Se, ao ler alguns dos comentários que citarei aqui neste capítulo, você ficar intrigado e quiser obter uma cópia deste livro que chegou a incontáveis milhões de lares em todo o mundo, visite meu site em: <http://www.daniel1145.com/index.php/book-downloads> — e baixe um download digital gratuito ou uma versão em áudio, ou siga os links para baixar uma versão gratuita do Kindle ou comprar um livro impresso. (Por

1. “Pesquisa revela os livros e autores que mais influenciaram pastores

“30 de maio de

2005 “Em um relatório notável, o Barna Group, uma organização de pesquisa/reconhecida nacionalmente, declarou recentemente que Ellen White é uma das autoras mais influentes entre uma seção transversal de jovens pastores nos Estados Unidos. Os pastores pesquisados com menos de 40 anos de idade a listaram como uma das principais autoras que os impactaram pessoalmente nos últimos três anos. “<<https://www.barna.org/component/content/article/5-barna-update/45-barna-update-sp-657/178-survey-reveals-the-books-and-authores-that-have-pastores-mais-influenciados#.Vw6btfrKHs>>.

“Ellen G. White é a autora de não ficção feminina mais traduzida na história da literatura, bem como a autora de não ficção americana mais traduzida de ambos os sexos. . . . Seus escritos cobriram criacionismo, agricultura, teologia, evangelismo, estilo de vida cristão, educação e saúde. Ela defendia o vegetarianismo. Ela promoveu o estabelecimento de escolas e centros médicos. Durante sua vida ela escreveu mais de 5.000 artigos periódicos e 40 livros. Hoje, incluindo compilações de suas 100.000 páginas de manuscritos, mais de 100 títulos estão disponíveis em inglês. Alguns de seus livros mais famosos incluem O Desejado de Todas as Nações, O Grande Conflito e Caminho a Cristo. Seu trabalho sobre uma vida cristã bem-sucedida, Caminho a Cristo, foi publicado em mais de 140 idiomas.” <http://en.wikipedia.org/wiki/Ellen_G._White#cite_ref-NOTAWHITE2000_6-0>.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

a propósito, na mesma página do site, você pode baixar uma cópia de Daniel e Apocalipse, de Uriah Smith, que já citamos muitas vezes neste livro.)

Disciplina redentora

Agora, nos capítulos anteriores, notamos que Deus usou os dois primeiros ais como disciplina redentora sobre aquelas nações e pessoas que afirmam segui-lo - mas caíram em apostasia. Esse é um dos paralelos que observamos no capítulo anterior — fatores em comum entre os dois males. Por que seria diferente com o terceiro ai? Também envolverá a disciplina redentora de Deus sobre as nações que apoiam a religião apóstata. Nos Estados Unidos, o principal sistema religioso é o protestantismo. Os protestantes certa vez protestaram contra as concessões bíblicas encontradas na Igreja Católica — foi assim que receberam seu nome. A transigência bíblica está se tornando mais comum dentro das igrejas protestantes das nações ocidentais. A erosão da autoridade das Escrituras, conforme vista na aceitação da evolução e na redefinição do casamento, são apenas alguns exemplos de infidelidade aos ensinamentos da Bíblia. A América protestante está em apostasia!

E a disciplina redentora de Deus virá por meio dos ataques do Islã. Sim, Deus os usará - assim como nos tempos do Antigo Testamento Ele tantas vezes usou nações pagãs para disciplinar Seu povo - para disciplinar Seu povo na América apóstata e também em outras nações ocidentais. Mesmo sem perceber, o Islã terá um papel futuro como instrumento de Deus para disciplinar Seu povo enredado em uma religião comprometida.

Deus vai chegar até eles? Já observamos que, em resposta aos ataques islâmicos e à lei da Sharia, as nações ocidentais estão “furiosas”. Mas eles também estão em um estado de exame de consciência. Por que tudo isso está acontecendo? Por que toda a morte e caos? Por que o fundo do poço caiu economicamente, mergulhando milhões em um lugar muito mais miserável do que a Grande Depressão?

Eles se perguntam: Deus está zangado? Ele está de fato punindo-os? E em caso afirmativo, o que pode ser feito?

Se você é uma nação que reivindicou o nome de Deus, mas não jogou Seu jogo, por assim dizer - se você é uma nação que falou bem, mas não andou bem - se você decidiu que vale tudo, seja o aborto ou casamento entre pessoas do mesmo sexo ou imoralidade desenfreada ou abraçar a evolução - então talvez seja hora de “voltar para Deus”. E qual a melhor maneira de fazer isso do que fazer com que as pessoas voltem à igreja todos os domingos?

Legislando o culto dominical

Como mencionei no capítulo 2 ao oferecer meu próprio cenário possível do que poderia acontecer - baseado na projeção dos desenvolvimentos mundiais atuais, no futuro - tanto os líderes evangélicos quanto os legisladores, alarmados com o caos e a ruína nacionais, pressionam por uma lei que torne o comparecimento à igreja aos domingos obrigatória. Até o Papa adverte que os julgamentos de Deus estão caindo porque as pessoas viraram as costas para Ele.

Pessoas de todas as fés e de, até agora, nenhuma fé, concluem firmemente que algo deve ser feito para mostrar a Deus que eles pretendem mudar seus caminhos e retornar a Ele. Então, sim, que maneira melhor do que começar a voltar à igreja todos os domingos? A legislação, com amplo apoio, passa facilmente.

Mas as calamidades nacionais parecem não parar, então uma nova legislação suplementar é adicionada exigindo que qualquer um que ignorar a lei dominical enfrente punições – entre elas, perda do direito de comprar ou vender, boicote econômico (ver Apocalipse 13:17). .

Satanás Intervém

“Ai dos habitantes da terra e do mar! porque o diabo desceu a vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta.” —

Apocalipse 12:12, grifo do autor.

Assim que a legislação dominical é aprovada, algo acontece para fundir o mundo em total unidade ao tornar a adoração dominical em lei. Cristo aparece em pessoa para endossá-lo! Só que não é Cristo de forma alguma - é Seu inimigo, Satanás, personificando-O - "o diabo desceu até vós". Permita-me compartilhar como Ellen White, comentando Apocalipse 12:12, visualizou esse grande engano em seu livro, O Grande Conflito:

“Como ato culminante no grande drama do engano, o próprio Satanás personificará Cristo. A igreja há muito professa olhar para o advento do Salvador como a consumação de suas esperanças. Agora o grande enganador fará parecer que Cristo veio. Em diferentes partes da terra, Satanás se manifestará entre os homens como um ser majestoso de brilho deslumbrante, semelhante à descrição do Filho de Deus dada por João no Apocalipse. Apocalipse 1:13-15. A glória que o cerca é insuperável por qualquer coisa que os olhos mortais já viram. O grito de triunfo ressoa no ar: 'Cristo veio! Cristo veio!' O povo se prostra em adoração diante dele, enquanto ele levanta as mãos e pronuncia uma bênção sobre eles, como Cristo abençoou seus discípulos

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

quando Ele estava sobre a terra. Sua voz é suave e meiga, mas cheia de melodia. Em tom gentil e compassivo, ele apresenta algumas das mesmas verdades graciosas e celestiais que o Salvador proferiu; ele cura as doenças do povo e então, em seu caráter assumido de Cristo, afirma ter mudado o sábado para o domingo e ordena a todos que santifiquem o dia que ele abençoou. Ele declara que aqueles que persistem em santificar o sétimo dia estão blasfemando contra seu nome, recusando-se a ouvir seus anjos enviados a eles com luz e verdade. Esta é a ilusão forte, quase dominadora.”² Você notou isso? “Jesus” (Satanás) afirma ter

mudado o sábado bíblico para o domingo — e ordena a todos que o santifiquem. É claro que Satanás mente — nunca em Seu tempo na Terra Jesus mudou o sábado (ver Apêndice G, página 141, sobre o sábado). Essa mudança foi feita por uma igreja apóstata séculos após o término de Seu ministério na Terra (ver Apêndice H, página 151, sobre a besta e sua marca).

Depois que os Estados Unidos aprovarem uma lei estrita que impõe o culto dominical, o resto do mundo é encorajado a seguir o exemplo. A lei torna-se universal, completa com a disposição de “não comprar ou vender” contra os infratores que se recusam a concordar. Isso leva o mundo inteiro a um grande teste final de lealdade, para saber se eles obedecerão a Deus e adorarão no sábado do sétimo dia que Ele criou (ver Gênesis 2:1-3) e consagrado em Seus imutáveis Dez Mandamentos (ver Êxodo 20:8-11).

Aqueles que são leais a Deus, diz a Bíblia, receberão “o selo de Deus” (ver Apocalipse 7:2, 3; 9:4). Os desleais a Ele receberão “a marca da besta” (ver Apocalipse 13:7; 14:9, 11:15:2; 16:2; 19:20; e 20:4). (Veja Apêndice H, página 151, sobre a marca da besta.)

Vamos avançar com nossa rápida visão geral dos eventos.

“E as nações se enfureceram”, disse Apocalipse 11:18. Eles reagiram internamente tentando mostrar a Deus que estão mudando de atitude — conforme demonstrado na legislação do culto dominical. Agora eles voltam sua raiva contra seus atacantes, determinados a derrubar o califado e o califa que governa todo o Islã de seu quartel-general em Jerusalém.

E eles conseguem. Lembra da profecia?

“No entanto, ele [o rei do norte, incorporado no califa] chegará ao seu fim, e ninguém o ajudará .” — Daniel 11:45.

2. Ellen White, O Grande Conflito, 624.

Quatro anjos segurando quatro ventos

Por apenas um pouco mais, as duas civilizações ou sistemas religiosos em conflito são impedidos de se aniquilar totalmente - e, ao fazê-lo, destruindo toda a vida na Terra. Como eles são “preservados” disso? Por quatro poderosos anjos de Deus, que estão retendo os ventos da contenda. Aqui está o que a Bíblia diz:

“E depois destas coisas vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que o vento não soprasse na terra, nem no mar, nem em árvore alguma. E vi outro anjo subindo do oriente, tendo o selo do Deus vivo: e clamou em alta voz aos quatro anjos, aos quais fora dado fazer dano à terra e ao mar, dizendo: Não danifiquis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que tenhamos selado os servos de nosso Deus nas suas testas.” — Revelação 7:1-3.

Esses versículos também dão a razão do trabalho dos anjos em segurar os quatro ventos: dar mais tempo para aqueles que desejam escolher a lealdade a Deus (conforme testado pela questão sábado-domingo — ver Apêndice H, página 151) e receber Seu selo em suas testas. Esse selo — como observamos no capítulo 4 — é o sábado do sétimo dia do quarto mandamento da lei de Deus (“selar a lei entre os meus discípulos.” — Isaías 8:16).

Finalmente, porém, todos os que vão escolher, escolheram - ser leais a Deus ou rejeitar Seu sábado e dar sua lealdade a um sábado feito pelo homem. Somente Deus saberá quando esse tempo chegará, mas quando chegar, Jesus Cristo terminará Sua obra no céu, aplicando Seu sangue em favor daqueles que O escolheram - e Ele “se levantará”:

“E naquele tempo se levantará Miguel [Jesus], o grande príncipe que representa os filhos de teu povo . . .” — Daniel 12:1.

A provação humana — a oportunidade de escolher por Deus ou contra Ele — chegou ao fim. A liberdade condicional foi encerrada para a raça humana. É quando Jesus reconhece que onde quer que alguém esteja em sua lealdade ou não fidelidade a Deus, é onde eles permanecerão. Cada pessoa “trancou” sua escolha. Jesus proclama:

“Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda.” — Apocalipse 22:11.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Com a liberdade condicional encerrada, o mundo chegou a um momento terrível. uma vez o A Bíblia chama de “tempo de angústia”. Vamos ler o versículo inteiro em Daniel 12:1:

“E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que representa os filhos do teu povo; e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo; e naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro” — grifo nosso.

Disciplina redentora se transforma em punição retributiva: “E veio a tua ira”

Observe isto agora: antes do fim do tempo de graça, a disciplina redentora de Deus será dirigida principalmente para aqueles que ainda têm tempo para escolher ser Seus seguidores. Esta disciplina será aplicada nas mãos do Islã em seus esforços determinados para subjugar as nações ocidentais.

Mas “o tempo de angústia como nunca houve” é após o encerramento da porta da graça. Os esforços da parte de Deus para ser redentor agora seriam inúteis — cada um já fez uma escolha final. Em vez disso, o que acontece a seguir é a “ira de Deus” — Sua punição ou justiça retributiva sobre aqueles que se voltaram contra Ele para sempre. O problema que agora virá sobre a terra e sobre aqueles congelados em rebelião contra Deus — às vezes referidos como “os iníquos” — é quase horrível demais para ser descrito ou imaginado. Mas está bem ali na Bíblia - em Apocalipse 16. Aqui lemos sobre uma série de catástrofes horríveis que cairão em rápida sucessão na terra - a Bíblia as chama de as sete últimas pragas. Em resumo, essas pragas são: `

Primeiro: feridas graves (Apocalipse 16:2)

` Segundo: O mar se torna como o sangue de um homem morto (versículo 3)

` Terceiro: Os rios e as fontes das águas também se tornam sangue (versículo 4)

` Quarto: O sol queima os homens com fogo (versículo 8)

` Quinto: Sede da besta está cheia de escuridão e dor e feridas (versículo 10)

` Sexto: O rio Eufrates secou, preparando o caminho para os reis do oriente; espíritos imundos de demônios operando milagres saem para reunir as nações para a Batalha do Armagedom (versículos 12-16)

` Sétimo: Uma voz do templo do céu diz: “Está feito”; ocorre um grande terremoto; ilhas e montanhas desaparecem; grandes pedras de granizo caem (versículos 17-21)

Estas sete últimas pragas mergulharão esta terra em suas convulsões finais. Aqueles que se abrigarem no abrigo que será descrito no próximo capítulo deste livro serão poupados dessas pragas. A Bíblia promete proteção aos fiéis:

“Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua mão direita; mas não chegará a ti.” — Salmo 91:7.

“Porque tu fizeste do Senhor, que é o meu refúgio, sim, o Altíssimo, a tua habitação; nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda.” — Salmo 91:9, 10.

Sim, ao contrário de uma crença popular e errônea, os seguidores de Deus não serão arrebatados para escapar deste tempo de angústia. Não, eles ainda estarão aqui vivendo em suas habitações, como afirma o Salmo 91:10. Mas as pragas não podem tocá-los, por causa do abrigo que eles tomaram - a proteção que Deus provê.

Praga Número Seis: Armagedom

Quero agora chamar a atenção para as duas últimas pragas — a sexta e a sétima. A praga número seis é a reunião do mundo para a grande batalha final do Armagedom.

Após os devastadores ataques terroristas em sua própria pátria, os Estados Unidos estão em busca de vingança. Nisso, eles se juntam a outras nações ocidentais que também sofreram destruição e baixas maciças.

E depois que o califado foi derrubado, o mundo do Islã também está procurando vingança.

Lembre-se que a liberdade condicional já foi encerrada. Os anjos que seguram os “ventos de guerra” agora os soltaram. Nada impede a determinação de ambos os lados em buscar vingança. Muitas contas exigem ser resolvidas - muitas queixas exigem ação enérgica. E Satanás agora tem pleno controle sobre aqueles que se posicionaram contra Deus e falharam em Seu teste de lealdade — a observância do santo dia de Deus, o sábado do sétimo dia do quarto mandamento.

Assim será, diz Apocalipse 16, que as duas grandes civilizações conflitantes e rivais reunirão suas forças para uma “guerra final para acabar com todas as guerras”. Rússia, China e o eixo das nações islâmicas que odeiam o Ocidente judaico-cristão possivelmente se unirão, determinados a trazer uma solução final. Por seu lado, o Ocidente estará igualmente unido e determinado. Nenhuma retenção será barrada. As Convenções de Genebra e todas as outras convenções de guerra

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

serão lixo. As nações da terra se unirão para travar uma batalha final descrita pela sexta praga de Apocalipse 16—Armagedom:

“E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do oriente. E vi três espíritos imundos semelhantes a rãs saírem da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta. Pois eles são espíritos de demônios, operando milagres, que vão até os reis da terra e de todo o mundo, para reuni-los para a batalha daquele grande dia do Deus Todo-Poderoso. Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu e vejam a sua vergonha. E ele os ajuntou num lugar chamado na língua hebraica Armagedom.” — Revelação 16:12-16, ênfase adicionada.

Agora, há muito nesses versículos sobre os quais poderíamos nos debruçar - reis do leste, três espíritos imundos, espíritos de demônios. . Mas, por enquanto, vamos nos concentrar no fato de que sob o sexto anjo, a sexta das sete últimas pragas levará à Batalha do Armagedom.

Um Decreto de Morte

Enquanto isso, à medida que os eventos se aproximam rapidamente de uma batalha final, a fúria daqueles que rejeitaram a Deus se intensifica. Os fiéis de Deus são culpados pelo caos e raiva vistos em todos os lugares. Afinal, esses são os que estão no caminho de ganhar o favor de Deus ao legislar sobre o culto dominical. Primeiro veio a lei que obrigava a frequentar o culto dominical.

Mais tarde, uma penalidade foi adicionada para os infratores – eles não podiam mais comprar ou vender. Mas agora, as nações estão "cheias" com o pequeno - e como se vê, teimoso - grupo de redutos. Não há mais tolerância. O que acontece a seguir, compartilharei por meio da pena de Ellen White:

“Como o sábado se tornou o ponto especial de controvérsia em toda a cristandade, e as autoridades religiosas e seculares se uniram para impor a observância do domingo, a persistente recusa de uma pequena minoria em ceder à demanda popular os tornará objetos de execração universal. Será insistido que os poucos que se opõem a uma instituição da igreja e a uma lei do estado não devem ser tolerados; que é melhor que eles sofram do que nações inteiras sejam lançadas em confusão e ilegalidade. O mesmo argumento de mil e oitocentos anos atrás foi apresentado contra Cristo pelos 'governantes do povo'. 'É conveniente para nós', disse o astuto Caifás, 'que um homem morra pelo povo, e

para que toda a nação não pereça.¹ João 11:50. Este argumento parecerá conclusivo; e finalmente será emitido um decreto contra aqueles que santificam o sábado do quarto mandamento, denunciando-os como merecedores do mais severo castigo e dando ao povo liberdade para, depois de certo tempo, condená-los à morte. O romanismo no Velho Mundo e o protestantismo apóstata no Novo seguirão um caminho semelhante para aqueles que honram todos os preceitos divinos. ” para persuadir os líderes mundiais

de que esta batalha furiosa - e as sete pragas finais em andamento, com a potencial aniquilação da raça humana - não pode ser interrompida a menos que os guardadores do sábado sejam condenados à morte.

O Tempo de Angústia de Jacó

O decreto de morte é emitido, e isso mergulha o povo fiel de Deus em um tempo de angústia dentro do tempo de angústia mundial. Muitos estudantes da Bíblia estão convencidos de que este “tempo de angústia para Jacó” foi previsto por Jeremias:

“Ai! porque aquele dia é tão grande que não há outro igual; é mesmo o tempo de angústia de Jacó, mas ele será salvo dela .” — Jeremias 30:7.

Esta Escritura é uma alusão à história da luta de Jacó durante toda a noite por sua vida, descrita em Gênesis 32. Jacó estava em apuros. Seu irmão, com um exército de 400 homens, marchava em direção a sua família indefesa. Seu pecado de enganar seu irmão muitos anos antes agora resultou em coisas que pareciam como se ele estivesse prestes a pagar por esse pecado com sua vida. Ele estava orando por proteção, quando de repente, ele foi atacado por um assaltante desconhecido. Ele lutou a noite toda com um ser divino que a princípio acreditou ser um inimigo. Jacó prevaleceu e recebeu um novo nome - Israel. E Deus o livrou da espada de seu irmão.

Invisível para esses fiéis no fim dos tempos, uma batalha acirrada — tanto literal quanto espiritual — ocorre entre anjos bons e maus e homens iníquos na Terra. Deus os livrará? Descobriremos a resposta apenas alguns parágrafos adiante.

Armagedom interrompido

Quer a batalha chegue a um ponto em que a guerra convencional seja abandonada e ambos os lados planejem - ou mesmo comecem a usar - armas nucleares, nós

3. White, O Grande Conflito, 615, 615, ênfase fornecida.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

não sabemos. Mas aqui está o que sabemos, com base nas Escrituras. Antes que as coisas fiquem realmente fora de controle, a batalha é interrompida - paralisada total e abruptamente. A atenção do mundo inteiro estará voltada para Deus, que fala de Seu templo celestial. O sétimo anjo derrama a sétima e última praga:

“E o sétimo anjo derramou a sua taça no ar; e saiu uma grande voz do templo do céu, do trono, dizendo: Está feito. E houve vozes, trovões e relâmpagos; e houve um grande terremoto, qual nunca houve desde que há homens sobre a terra, um terremoto tão forte e tão grande. E a grande cidade foi dividida em três partes, e as cidades das nações caíram; e a grande Babilônia se lembrou de Deus, para dar-lhe o cálice do vinho do furor da sua ira. E todas as ilhas fugiram, e as montanhas não foram encontradas. E sobre os homens caiu do céu uma grande saraiva, pedras do peso de um talento; e os homens blasfemaram contra Deus por causa da praga da saraiva; porque a sua praga era mui grande.”

— Apocalipse 16:17-21, em fases fornecidas.

Observe um pouco do que este versículo diz que agora

acontece: ` Uma voz (a voz de Deus) é ouvida do céu, dizendo: “Está feito”.

` Vozes, relâmpagos e trovões são vistos e ouvidos.

` O maior terremoto da história da humanidade atinge o mundo.

` As ilhas fogem; as montanhas são niveladas.

A sétima praga atinge seu clímax final com uma praga de enormes pedras de granizo, cada uma pesando cerca de “um talento”, ou cerca de 50 libras cada.

Os seres humanos estimulados por Satanás não estão mais no controle deste mundo - Deus está. E Sua justiça retributiva agora é desencadeada sobre os rebeldes não arrependidos desta terra. Novamente, vamos ver como Ellen White descreveu os versículos acima de Apocalipse 16:

“É à meia-noite que Deus manifesta Seu poder para a libertação de Seu povo. O sol aparece, brilhando em sua força. Sinais e maravilhas seguem em rápida sucessão. Os ímpios contemplam a cena com terror e espanto, enquanto os justos contemplam com alegria solene os sinais de sua libertação. Tudo na natureza parece fora de seu curso. Os riachos param de fluir. Nuvens escuras e pesadas surgem e se chocam umas contra as outras. No meio dos céus irados há um espaço claro de glória indescritível, de onde

vem a voz de Deus como o som de muitas águas, dizendo: 'Está feito'. Apocalipse 16:17. Essa voz abala os céus e a terra.

Há um poderoso terremoto, 'como nunca houve desde que há homens sobre a terra, um terremoto tão poderoso e tão grande'. Versículos 17 e 18. O firmamento parece abrir e fechar. A glória do trono de Deus parece brilhar. As montanhas tremem como um junco ao vento, e rochas esfarrapadas estão espalhadas por todos os lados. Há um rugido de uma tempestade que se aproxima. O mar é açoitado em fúria. Ouve-se o uivo de um furacão como a voz de demônios em missão de destruição. A terra inteira se ergue e se expande como as ondas do mar. Sua superfície está quebrando. Seus próprios alicerces parecem estar cedendo. Cadeias de montanhas estão afundando. As ilhas habitadas desaparecem. Os portos marítimos que se tornaram como Sodoma pela maldade são engolidos pelas águas furiosas. A grande Babilônia veio em lembrança perante Deus, 'para dar-lhe o cálice do vinho do furor de Sua ira'. Grandes pedras de granizo, cada uma 'com o peso de um talento', estão fazendo seu trabalho de destruição. Versículos 19, 21.

As cidades mais orgulhosas da terra são derrubadas.”⁴

Fim do Tempo; A Eternidade Começa — a Segunda Vinda de Jesus

Logo, a voz do céu fala novamente, desta vez anunciando o próprio dia e hora da Segunda Vinda de Jesus:

“A voz de Deus é ouvida do céu, declarando o dia e a hora da vinda de Jesus e entregando o reino eterno a Seu povo. Como o estrondo do mais alto trovão, Suas palavras rolam pela terra. O Israel de Deus está escutando, com os olhos fixos no alto. Seus semblantes são iluminados com Sua glória, e brilham como a face de Moisés quando desceu do Sinai. Os ímpios não podem olhar para eles. E quando a bênção é pronunciada sobre aqueles que honraram a Deus santificando Seu sábado, há um poderoso brado de vitória.

“Logo aparece no leste uma pequena nuvem negra, com cerca de metade do tamanho da mão de um homem. É a nuvem que envolve o Salvador e que ao longe parece envolta em trevas. O povo de Deus sabe que este é o sinal do Filho do homem. Em silêncio solene, contemplam-no à medida que se aproxima da Terra, tornando-se mais leve e glorioso, até se tornar uma grande nuvem branca, com a base gloriosa como o fogo consumidor, e acima dela o arco-íris do concerto. Jesus cavalga como um poderoso conquistador. Não agora um 'Homem de Dores', para

4. White, O Grande Conflito, 636.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

beber o cálice amargo da vergonha e da desgraça, Ele vem, vitorioso no céu e na terra, para julgar os vivos e os mortos. 'Fiel e Verdadeiro', 'em justiça Ele julga e guerreia'. E 'os exércitos que estavam no céu' (Apocalipse 19:11, 14) O seguem. Com hinos de melodia celestial, os santos anjos, uma vasta e inumerável multidão, O acompanham em Seu caminho. O firmamento parece repleto de formas radiantes — 'dez mil vezes dez mil e milhares de milhares'. Nenhuma caneta humana pode retratar a cena; nenhuma mente mortal é adequada para conceber seu esplendor. 'Sua glória cobriu os céus, e a terra estava cheia de Seu louvor. E Seu brilho era como a luz.' Habacuque 3:3, 4. À medida que a nuvem viva se aproxima ainda mais, todo olho contempla o Príncipe da vida. Nenhuma coroa de espinhos agora estraga aquela cabeça sagrada; mas um diadema de glória repousa em Sua fronte sagrada. Seu semblante brilha com o brilho deslumbrante do sol do meio-dia. 'E Ele tem em Sua veste e em Sua coxa um nome escrito: Rei dos reis e Senhor dos senhores.' Apocalipse 19:16."5

O longo e terrível pesadelo do pecado – com toda a miséria, dor, lágrimas e morte que ele trouxe a este mundo – acabou. Para sempre se foi. Jesus cumpriu Sua promessa de retornar a este mundo e levar Seu povo fiel com Ele para seu novo lar no céu. Então, depois de mil anos, diz Apocalipse 20, Ele os trará de volta a esta terra e a recriará em total perfeição. A Nova Terra será o lar dos salvos, onde viverão em perfeita paz e alegria por toda a eternidade.

Estamos Preparados?

Que futuro pode ser nosso! Mas estamos prontos para o que está entre agora e a eternidade em uma Nova Terra? Estamos prontos para os últimos eventos convulsivos que ainda estão por vir? Pronto para mais problemas do que este mundo já viu? Pronto para a ruína econômica, para ataques horrendos aqui mesmo na América e em outras nações ocidentais, para perseguição quando escolhermos seguir a Deus em vez de regras feitas pelo homem?

Como podemos ESTAR prontos? Isso é o que vamos perguntar - e responder - no próximo e último capítulo deste livro.

5. White, O Grande Conflito, 640, 641.

VOCÊ ESTÁ PREPARADO?

Não muito tempo atrás, a maioria de nós nunca tinha ouvido a palavra prepper (preparados). Mas como foi naquele tempo - e como é agora. Considere isto:

- ` Agora, depois de várias temporadas, Domsday Preppers - um reality show da National Geographic - é a série mais assistida e com maior audiência de todos os tempos.
- ` Domsday Castle, primeiro um episódio em Domsday Preppers, agora é sua própria série no National Geographic Channel, apresentando a vida de Brenton Bruns e seus dez filhos, preparando-se para o fim do mundo em um castelo que ele construiu na Carolina do Sul.
- ` O Discovery Channel recentemente exibiu um especial intitulado Apocalypse Preppers, que deu uma olhada nas “maneiras incompreensíveis” que as pessoas estão se preparando para o fim do mundo - que alguns veem como uma conclusão precipitada e não apenas uma possibilidade.
- ` Você pode saber que um fenômeno cultural se tornou amplamente difundido quando um site apresenta um artigo intitulado “Rise of the Preppers: 50 of the Best Prepper Websites and Blogs on the Internet” . seleção de “50 dos melhores”.
- ` Um desses sites diz: “Estima-se que existam pelo menos dois

-
1. <http://www.shtfplan.com/emergency-preparedness/rise-of-the-preppers-50-dos-melhores-sites-e-blogs-prepper-on-the-internet_02012013>.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

milhões de preparadores nos Estados Unidos hoje, mas ninguém realmente sabe.”² Outro site diz três milhões.³

- Preppers, ou sobrevivencialistas, estão preocupados com tudo, desde um possível colapso econômico até desastres naturais incapacitantes, mudanças catastróficas na Terra, a rede de vigilância do “Big Brother”, terrorismo, pandemias assassinas, ataques EMP (pulso eletromagnético), Terceira Guerra Mundial, energia solar megatempestades, ataques de asteróides e caos social total.
- Os preparadores “preparam-se” de diferentes maneiras e em diferentes graus. Alguns armazenam alimentos, suprimentos e armas. Alguns constroem bunkers remotos. Alguns compram ouro e outros metais preciosos. Muitos tentam se mudar das áreas urbanas para as rurais e “voltar para a terra”. A maioria está trabalhando para reduzir o tamanho de seus pertences, quitar dívidas e aprender a cultivar sua própria comida.

Ninguém pode desafiar com sucesso o fato de que nossa nação - e nosso mundo - parece estar acelerando em direção a algo que causará grandes problemas, se não uma catástrofe total. A ousadia política recente mostra que o risco de um grande colapso econômico, até mesmo a ponto de uma nova Grande Depressão, é muito real. O mundo natural está ficando sem recursos críticos. E pode-se demonstrar que os desastres naturais estão aumentando em frequência e destrutividade. Acima de tudo isso paira a nuvem negra do terrorismo e uma renovada ameaça nuclear pós-Guerra Fria.

Como autor deste livro, estou entre aqueles que acreditam em se preparar para tudo o que está por vir neste mundo. Posso não estar encolhido de medo e paranóia em um bunker em algum lugar guardando meu estoque de barras de ouro com um AK-47 no colo, mas acho que tomar medidas em direção à preparação é o único curso de bom senso que posso seguir, dado a sinais de alerta de que este mundo está caminhando para problemas sem precedentes.

Cortar posses, tornar-se autossuficiente, reunir alguns suprimentos de emergência, colocar as finanças em ordem - essas coisas, acredito, todos deveríamos estar fazendo.

Minha própria “preparação” pessoal não é motivada apenas pelas manchetes diárias que ouço e leio. Muito mais, é baseado na previsão que já encontramos nos capítulos anteriores, que deve ocorrer daqui a pouco:

“E haverá um tempo de angústia, qual nunca houve desde houve uma nação até aquele tempo.” — Daniel 12:1.

Um tempo de angústia como nunca houve antes! Sim, essa hora ESTÁ chegando—

2. <<http://preppercentral.com>>.

3. <<http://www.shtfplan.com>>.

e assim por diante. E se pensarmos por um momento que as coisas em nosso mundo estão em mau estado agora, ainda não vimos nada!

A questão urgente, então, é o que podemos fazer para nos preparar? Como podemos estar prontos? Já vimos o que o capítulo 16 de Apocalipse diz sobre as sete últimas grandes pragas que cairão sobre a terra. Vamos considerar apenas o primeiro por um momento: uma “ferida fedorenta e dolorosa”. Seja o que for, vai ser doloroso. Escute isso:

“E mordiam a língua de dor e blasfemavam contra o Deus do céu por causa das suas dores e das suas chagas” — Apocalipse 16:10, 11.

Como os preparadores - como qualquer um de nós - pode encontrar proteção contra esta primeira praga horrível? A resposta está no próprio texto. Perceber:

“E ouvi uma grande voz saindo do templo, dizendo aos sete anjos: Ide e derramai sobre a terra as taças da ira de Deus. E foi o primeiro, e derramou a sua taça sobre a terra; e fez-se uma chaga má e maligna nos homens que tinham o sinal da besta e que adoravam a sua imagem.” — Revelação 16:1, 2, ênfase adicionada.

Só há uma maneira de evitar esta primeira praga e as seis que se seguem: não receber a marca da besta nem adorar sua imagem. Na verdade, garantir que não recebamos essa marca é tão importante que Deus enviou três anjos com três mensagens de advertência e, se atendermos a essas três mensagens, não receberemos a marca da besta. Aqui está a mensagem do terceiro anjo que adverte contra esta marca:

“E o terceiro anjo os seguiu, dizendo em alta voz: Se alguém adorar a besta e a sua imagem, e receber a sua marca na testa ou na mão, esse beberá do vinho da cólera de Deus, que é derramado sem mistura no cálice de sua indignação; e será atormentado com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro: E a fumaça do tormento deles sobe para todo o sempre; a besta e a sua imagem, e todo aquele que receber a marca do seu nome. Aqui está a paciência dos santos: aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.” — Apocalipse 14:9-12.

Preppers, deixe-me falar com você por um momento. Você leva a sério a preparação para o futuro? Seus bunkers abastecidos e AK-47s não vão funcionar quando se trata da ira de Deus. Sua

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

somente proteção será encontrada no que Apocalipse 14:12 diz:

‘ tendo a Paciência dos Santos ‘

Guardando os mandamentos de Deus ‘

Tendo a fé de Jesus.

Aqueles que fazem isso não receberão a marca da besta. O que é essa marca? Quem é esta besta? Boas perguntas que têm respostas na Bíblia (veja o Apêndice H, página 151, para mais informações sobre a besta e sua marca). Mas mesmo que você não consiga descobrir as respostas, não se preocupe, você não receberá esta temida marca se for um santo paciente, guardando os mandamentos de Deus e vivendo a fé de Jesus.

Portanto, sejamos santos pacientes. Sim, mais fácil dizer do que fazer, certo? Deixe-me compartilhar algo intensamente pessoal com você.

Nos primeiros anos, a paciência não era minha marca registrada. Eu tinha um temperamento explosivo e não conseguia controlar minha raiva. Eu também tinha vícios dos quais não conseguia me livrar. Eu não poderia guardar os mandamentos de Deus se minha vida dependesse disso. Eu estava “acostumado a fazer o mal” e não havia nada que eu pudesse fazer para mudar isso. O profeta Jeremias resumiu bem, quando escreveu:

“Pode o etíope mudar sua pele, ou o leopardo suas manchas? então também podeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal?” — Jeremias 13:23.

Mas eu realmente queria ser paciente. Eu queria fazer o bem. Eu queria guardar os mandamentos de Deus. No entanto, para mim isso seria tão impossível de fazer quanto seria para o leopardo mudar suas manchas. Paulo descreveu minha condição perfeitamente:

“Porque eu sei que em mim (isto é, na minha carne) não habita bem algum: porque o querer está presente em mim; mas como realizar o que é bom, não encontro. Pois não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço .”
— Romanos 7:18, 19.

Para meu grande alívio, Deus tinha um remédio para minha situação, e eu o encontrei naquela pequena frase bem no final da mensagem do terceiro anjo - “a fé de Jesus” (ver Apêndice I, página 167, para uma explicação deste frase, a fé de Jesus).

Descobri por experiência que, quando mantenho a fé em Jesus, Deus opera um milagre de graça em minha vida, dando-me um novo coração e escrevendo Sua lei dentro deste coração, como Ele prometeu fazer em Ezequiel e Jeremias:

“Também vos darei um coração novo e porei um espírito novo

dentro de vós; e tirarei da vossa carne o coração de pedra, e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu espírito e farei que andeis nos meus estatutos e guardeis os meus juízos e os observeis .” — Ezequiel 36:26, 27.

“Mas este será o pacto que farei com a casa de Israel; depois daqueles dias, diz o Senhor, porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e serei o seu Deus e eles serão o meu povo.” — Jeremias 31:33.

Eu podia ver que isso funcionaria! Se a lei de Deus pudesse ser escrita em minha mente, e se Ele me fizesse andar em obediência a Seus mandamentos, então a obediência seria uma obra completa de Sua graça divina. Se Ele não fizesse isso, não iria acontecer.

E tudo isso veio para mim como um presente completo. Eu não podia fazer nada para ganhar ou merecer esse milagre de uma vida transformada — mas tomar posse desse dom gratuito custou-me tudo o que eu tinha.

Isso tudo soa um pouco confuso? Claro que sim, mas aguarde firme; você verá em um momento do que estou falando. Jesus deu a Seus discípulos a seguinte ilustração:

“Novamente, o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido no campo; o qual, quando um homem a encontra, esconde-a e, com alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo.” — Mateus 13:44.

Portanto, o tesouro é gratuito, mas não podemos tê-lo a menos que primeiro compremos o campo. E esse campo vai nos custar absolutamente tudo o que temos.

O incrível disso tudo é que todo mundo tem exatamente o que é preciso para comprar esse campo. Temos a moeda certa necessária para fazer esta compra. E o que é essa moeda? Um coração poluído pelo pecado - meu temperamento explosivo, meus pensamentos lascivos e egoístas, minhas escolhas carnavais de entretenimento, minha linguagem chula, minha conduta desonesta - vou poupá-lo do resto da minha lista. Todos nós temos nossa lista de pecados recorrentes — alguns de que não gostamos e outros que apreciamos.

Eu tinha “dinheiro” suficiente para comprar o campo se desse tudo — meu coração poluído pelo pecado com seus modos de quebrar os mandamentos. É disso que se trata o arrependimento - entregar “tudo o que ele tem”. Se eu tivesse decidido me apegar a um pequeno vício, não teria “dinheiro” suficiente para comprar o campo e sem ter o título do campo não poderia ter tomado posse desse incrível dom da graça, o tesouro do próprio Cristo Jesus.

Paulo resumiu isso em sua carta aos Efésios:

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

“Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vocês mesmos: é dom de Deus: Não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas .” — Efésios 2:8-10.

E esta graça veio a mim pela fé - pela fé de Jesus; pela fé em Jesus! E pode chegar até você também. Não me importa se você é muçulmano, judeu, ateu, hindu, budista, católico ou protestante; você deve ter esta mesma graça que vem através da fé em Jesus se quiser ser uma pessoa transformada que será um santo paciente, guardando os mandamentos de Deus.

Lembre-se, estes são os únicos que não receberão a marca da besta e assim ficar protegido das sete últimas pragas.

Incontáveis milhões aceitaram este dom gratuito da graça e encontraram abrigo para a tempestade que se aproxima, não importa o quão ferozmente possa ser. Eu rogo a você, leitor, por favor – enquanto você tem tempo e as coisas ainda estão comparativamente pacíficas – aceite este dom que foi comprado pelo Filho de Deus na Cruz do Calvário.

Ouçã o apelo que o próprio Jesus fez:

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo; mas para que o mundo fosse salvo por meio dele.” — João 3:16, 17.

Aceitar Jesus como seu Senhor e Salvador e, ao fazê-lo, colocar-se sob Sua proteção, é o único abrigo seguro para o tempo de angústia que está prestes a atingir nosso planeta como uma surpresa avassaladora.

Quando o mundo inteiro está em caos e cheio de grandes perigos, você pode estar seguro - a Bíblia diz que você estará seguro - se escolher Jesus como seu Protetor. Observe o que Ele promete:

“Pois no tempo da angústia ele me esconderá no seu pavilhão: no segredo do seu tabernáculo ele me esconderá; ele me porá sobre uma rocha.” — Salmos 27:5.

“Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi do Senhor: Ele é o meu refúgio e a minha fortaleza: o meu Deus; nele confiarei.

Certamente ele te livrará do laço do passarineiro e da peste pernicioso. Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas estarás seguro; a sua verdade será a tua

escudo e broquel. Não terás medo do terror noturno; nem pela flecha que voa de dia; Nem da peste que anda na escuridão; nem pela destruição que assola ao meio-dia. Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita; mas não chegará perto de ti. Somente com os teus olhos contemplarás e verás a recompensa dos ímpios. Porque tu fizeste do Senhor, que é o teu refúgio, sim, o Altíssimo, a tua habitação; Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda.” — Salmos 91:1-10.

Aí está – um pavilhão, um bunker, um refúgio que fornecerá proteção completa para o que está por vir. A ira de Deus que será derramada sobre os rebeldes através das sete últimas pragas não tocará em você, porque você terá o selo de Deus em vez da marca da besta.

Nos capítulos anteriores, observamos que nas duas primeiras grandes Jihads do Islã, Deus parecia claramente usar essas Jihads para castigar e julgar as nações que apoiavam religiões apóstatas. A Terceira Jihad que está por vir também cumprirá um papel semelhante.

Outro ponto em comum entre os dois primeiros ais (veja o capítulo 5) foi que os ais resultaram em desviar a atenção do inimigo do verdadeiro povo de Deus para que eles pudessem cumprir sua missão de proclamar o evangelho. Como essa semelhança de identificação entre os três Jihads ocorre durante o tempo do terceiro ai?

Veja como: O Islã fornece proteção ao povo de Deus enquanto eles dão ao mundo seus apelos finais e mensagens de advertência em Apocalipse 18, desviando as autoridades no poder de impedir aqueles que estão fazendo esse chamado final. Por que? Porque a atenção deles está voltada para a Terceira Jihad Islâmica que está devastando as nações. Isso fornecerá tempo e espaço para aqueles que dão a mensagem final de advertência de Apocalipse 18:

“E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder; e a terra foi iluminada com sua glória. E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e covil de todo espírito imundo, e esconderijo de toda ave imunda e odiosa. Pois todas as nações beberam do vinho da cólera de sua prostituição, e os reis da terra se prostituíram com ela, e os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas iguarias.

E ouvi outra voz do céu, que dizia: Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas.” — Apocalipse 18:1-4.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Antes que as sete pragas sejam derramadas, antes do fim do tempo de graça, um convite final é feito ao mundo para entrar na “arca” de segurança, por assim dizer. Nos dias de Noé, quando os animais entravam na arca, esse acontecimento sobrenatural deveria ter chamado a atenção dos antediluvianos.

Os “animais subindo a bordo da arca” nestes últimos dias serão vistos no surpreendente e inesperado cumprimento da profecia de Daniel 11:45 e na lei universal dominical que se segue. Quando esses eventos acontecerem, o mundo inteiro será submetido a um teste final. Obedeceremos à lei de Deus — ou à lei do homem? Este será um teste de lealdade semelhante ao teste que Adão e Eva enfrentaram no início da história da Terra.

O quarto mandamento, ao contrário dos outros mandamentos, pode nos parecer um tanto arbitrário. Por que Deus não ficaria tão feliz se decidíssemos escolher um dia diferente para santificar? Será que o sábado do sétimo dia é um teste de lealdade? Deus tem autoridade para escrever as regras? Deus disse a Adão e Eva para não comerem de uma árvore em particular. Isso pode ter parecido um tanto arbitrário, mas foi isso que o tornou um bom teste de lealdade. Se alguém viesse e dissesse a eles que todas as árvores são iguais diante do Senhor — que eles poderiam comer de qualquer árvore do jardim, desde que deixassem uma árvore de sua própria escolha — eles saberiam que ele era inimigo de Deus. Não temos uma árvore da qual nos dizem para não comer. Em vez disso, temos um dia específico que somos ordenados a lembrar de santificar. Por que? Porque Deus disse - e se amarmos e respeitarmos nosso Criador, isso por si só deveria ser motivo suficiente.

Leitor, você não precisa esperar até que “os animais entrem na arca”. Deus quer que você responda a Ele hoje. Ele está chamando você para sair da Babilônia - esses sistemas religiosos que pervertem a Palavra de Deus, que negam o sacrifício do Filho de Deus e que menosprezam o sábado de Deus no sétimo dia. Ele está chamando você para se unir aos santos pacientes que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.

Deus não apenas chamou Seu povo para fora da Babilônia; Ele também os chama para se unirem ao Seu rebanho:

“Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também a estas devo conduzir e elas ouvirão a minha voz; e haverá um rebanho e um pastor.” — João 10:16.

Se você buscar a Deus e Sua verdade, Ele o conduzirá ao Seu rebanho. Basta olhar para aquelas pessoas que estão honrando o sábado do sétimo dia e que estão esperando a Segunda Vinda de Jesus, enquanto dão as três mensagens angélicas de Apocalipse 14 em todo o mundo.

Neste capítulo e neste livro, estudamos cuidadosamente as profecias

dos dois grandes livros proféticos da Bíblia que apontam para onde estamos hoje - para os eventos que estão prestes a ocorrer entre agora e quando Jesus voltar a esta terra.

Vimos como Daniel, capítulo 11, e particularmente o versículo 45, aponta para o estabelecimento do califado islâmico em Jerusalém. Vimos como duas grandes Jihads Islâmicas já ocorreram na história — e como um califado restaurado e a Terceira Jihad fazem parte do plano do Islã de colocar o mundo inteiro sob o domínio islâmico e a lei sharia.

Vimos na Bíblia que um grande e terrível tempo de angústia está prestes a acontecer em nosso mundo, e que esse tempo de angústia incluirá sete grandes pragas de Deus no céu, incluindo a grande batalha final do Armagedom, culminando na Segunda Vinda de Jesus.

Vimos tanto o registro da história quanto as profecias bíblicas e os colocamos lado a lado com os eventos atuais na América, na Europa, no Oriente Médio, em todo o mundo islâmico - e vimos como as profecias se alinham com os dias de hoje, as manchetes e a tendência dos eventos, pois podemos projetá-los melhor no futuro.

Vimos e sentimos que algo verdadeiramente avassalador e transformador está prestes a acontecer - e sabemos que, pelo menos em alguns aspectos, os preparadores estão certos - simplesmente devemos nos preparar para o que está por vir.

Mas embora a preparação física e financeira seja importante, a única preparação que pode realmente nos ajudar no que está por vir é nos prepararmos espiritualmente. Isso significa investir intensamente em conhecer Jesus Cristo — em passar tempo em Sua Palavra e em comunicação diária, até mesmo a cada hora, com Ele por meio da oração.

Aqueles que fizerem isso terão Sua fé - e terão fé Nele. Eles estarão seguros sob Sua proteção, não importa a força dos ventos do furacão de problemas que possam soprar furiosamente ao seu redor. Eles estarão em paz por dentro, cheios de expectativa pela proximidade do momento em que verão seu Salvador e Senhor face a face enquanto Ele desce em glória inimaginável em Sua Segunda Vinda.

Meu amigo leitor, eu quero - e planejo - estar entre aqueles que passarão a eternidade com Jesus em uma terra nova e sem pecado, com sua capital, a Nova Jerusalém, na atual Palestina. Nossas vidas serão vividas em perfeita felicidade e paz, para todo o sempre.

Não temos muito tempo para fazer nossa escolha por Jesus e contra todas as falsas “religiões” deste mundo. Você trouxe seus pecados a Jesus

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

para Ele perdoar? Você O convidou para entrar e viver Sua vida em você todos os dias e horas? Se não, por que não agora?

Sim. Por que não agora? Jesus está esperando de braços abertos para recebê-lo!

Um Tutor Pessoal da Bíblia

O Ministro das Finanças etíope no capítulo 8 de Atos estava tendo dificuldade em entender a profecia bíblica até que Filipe apareceu e se ofereceu para ajudá-lo. Pode haver um Filipe que possa ajudá-lo também. Um Tutor pessoal da Bíblia pode sentar-se com você em sua casa para ajudá-lo a entender melhor a Bíblia.

Verifique a disponibilidade em sua área em: **www.BibleTutor.org**

Encontre respostas para as perguntas da vida

Não sabe onde se virar? Envie sua pergunta e nossa equipe Bibleinfo irá ajudá-lo a encontrar sua resposta.

www.Bibleinfo.com

HISTÓRIA DO CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO

**Conflito no Oriente Médio De 539 aC até o fim dos
tempos. Uma interpretação de Daniel 11:1 até Daniel 12:1**

- 1. Também eu (Gabriel) no primeiro ano (539/538 aC) de Dario o medo, eu mesmo, levantei-me para confirmá-lo e fortalecê-lo (Dario, o medo).**
- 2. E agora eu (Gabriel) te mostrarei a verdade** (um termo que Gabriel usa quando vai falar em linguagem simples). **Eis que** (depois de Ciro), **ainda se levantarão** (ou reinarão) **três reis na Pérsia** (Cambises, filho de Ciro 530-522; Smerdis, 522; e Dario Hystaspes, 522-486); **e o quarto** (Xerxes - o Assuero de Ester, 486-465) será muito **mais rico do que todos eles ;**
- 3. E um rei poderoso** (Alexandre, o Grande, 336-323) **se levantará, que governará com grande domínio e fará** (com os reis persas) **de acordo com sua vontade.**
- 4. E quando ele** (Alexandre) **se levantar, seu reino será quebrado** (Alexandre morreu em 323 aC), **e será dividido em direção aos quatro ventos do céu; e não para sua posteridade** (de Alexandre) , nem de acordo com sua (de Alexandre)

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

domínio que ele (Alexandre) **governou: pois seu** reino (de Alexandre) **será arrancado, mesmo para outros além daqueles.** (Por volta de 301 aC, o reino de Alexandre foi dividido em quatro partes por seus generais, que acabaram matando Filipe, seu meio-irmão e seu filho póstumo, Aegus. Cassandro governou a Macedônia; Lisímaco governou a Trácia e a Ásia Menor; Seleuco governou da Síria ao rio Indo; e Ptolomeu governou o Egito e a Palestina.)

5. E o rei do sul (Ptolomeu I Soter, 323-282, do Egito) **será forte, e um de seus** (Ptolomeu I Soter) **príncipes** (Seleuco I Nicator, que se tornou o rei sírio do norte); **e ele** (Seleuco I) **será forte acima dele** (Ptolomeu I), **e terá domínio; seu** domínio (de Seleuco I) **será um grande domínio** (Seleuco governou um Império Grego que se estendia da Síria à Índia).

6. E no final dos anos (trinta e cinco anos após a morte de Seleuco I em 281, o que nos leva a 246 aC) **eles** (Seleuco da Síria e Ptolomeu do Egito) **se unirão; pois a filha do rei do sul** (Berenice, filha de Ptolomeu II Filadelfo) **virá ao rei do norte para fazer um acordo** (Berenice se casou com Antíoco II Theos, que se divorciou de Laodice para fazê-lo): **mas ela** (Berenice) **não reter o poder do braço** (Antíoco se reconciliou com Laódice depois que Berenice teve um filho); **nem ele** (Antíoco II) **permanecerá** (Laódice envenenou Antíoco II), **nem seu braço** (Antíoco II) (o filho de Antíoco com Berenice foi morto): **mas ela** (Berenice) **será entregue, e eles** (as criadas de Berenice) **que trouxeram ela** (Berenice e suas damas de honra foram todas mortas por Laódice), **e ele** (Ptolomeu II) **que a gerou** (Ptolomeu II morreu; alguns textos dizem “gerado por ela”; se assim for, refere-se ao filho dela, que foi morto por Laodice), **e ele** (Antíoco II) **que a fortaleceu** (Berenice) **nestes tempos** (outra referência a Antíoco II, que foi morto por Laodice).

7. Mas de um ramo (irmão) **de suas raízes** (de Berenice) **um** (Ptolomeu III Euergetes, irmão de Berenice) **se levantará em sua propriedade** (de Ptolomeu II) (Egito), **que virá com um exército e entrará na fortaleza** (Síria) **do rei do norte** (Seleuco II da Síria), **e negociará contra eles** (os sírios) **e prevalecerá** (em 246 aC, Ptolomeu II invadiu com sucesso a Síria para se vingar da morte de seu irmão):

Apêndice A: História do conflito no Oriente Médio

8. **E também levarão cativos para o Egito seus deuses** (do Egito) (Ptolomeu recuperou as imagens de seus deuses que Cambises da Pérsia havia levado), **com seus príncipes e com seus preciosos vasos de prata e ouro; e ele** (Ptolomeu III) **continuará mais anos do que o rei do norte** (Ptolomeu III sobreviveu a Seleuco II por quatro anos).
9. **Assim, o rei do sul** (Ptolomeu Euergetes) **entrará em seu reino** (Seleucus II Callinicus) **e retornará à sua própria terra** (Ptolomeu Euergetes) (se Ptolomeu não tivesse sido chamado de volta ao Egito por uma sedição doméstica, ele teria possuído todo o reino de Seleuco).
10. **Mas seus filhos** (Seleuco II) (Seleuco III Ceraunus Soter, 225-223, e Antíoco III, chamado “O Grande”, 223-187) **serão despertados e reunirão uma multidão de grandes forças:** (Seleuco III levantou um grande exército para invadir o Egito, mas foi assassinado antes que pudesse realizar o projeto) **e um** (Antíoco III) **certamente virá, transbordará e passará** (em 219 aC, Antíoco III invadiu a Palestina/Egito): **então ele** (Antíoco III) **retornará e será estimulado, até mesmo para sua fortaleza** (Antíoco III) (Antíoco III foi capaz de retomar Antioquia, uma capital na Síria).
11. **E o rei do sul** (Ptolomeu IV Epifanes) **será movido com ira**(raiva), **e sairá e lutará com ele** (Antíoco III), **mesmo com o rei do norte: e ele** (Antíoco III) **e ele estabelecerá uma grande multidão** (Antíoco III invadiu o Egito com 70.000 soldados de infantaria, 6.000 cavalaria e 102 elefantes em 217 aC); **mas a multidão será entregue em sua mão** (Ptolomeu IV) (Antíoco III foi derrotado na batalha de Raphia).
12. **E quando ele** (Ptolomeu IV) **tiver afastado a multidão, seu coração** (de Ptolomeu IV) **será elevado** (Ptolomeu tentou oferecer sacrifícios no recinto do templo judaico e, quando insistiu em entrar no Santo dos Santos, caiu sem palavras e foi arrastado meio morto; ele voltou para o Egito em fúria): **e ele** (Ptolomeu IV) **derrubará muitos dez milhares** (desgraçado e furioso, Ptolomeu IV se vingou dos judeus que viviam em Alexandria, Egito, matando quarenta mil): **mas ele** (Ptolomeu IV) **não será fortalecido por ela.**

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

- 13. Pois o rei do norte (Antíoco III) retornará, e estabelecerá uma multidão maior que a anterior, e certamente virá depois de alguns anos** (Antíoco III retornou dezesseis anos depois, em 201 AC, e invadiu o Egito) **com um grande exército e com muitas riquezas.**
- 14. E naqueles tempos muitos** (Antíoco III da Síria, Filipe da Macedônia e Aníbal de Cartago) **se levantarão contra o rei do sul** (o menino-rei Ptolomeu V, que agora estava sob a tutela do romano Senado): **também os ladrões** (os romanos) **do teu povo** (os judeus) **se exaltarão** (os romanos) **para estabelecer a visão** (ver Daniel 9:24: Os judeus poderiam ter selado a visão sobre a história da Roma pagã depois do primeiro advento e a história da Roma papal, aceitando a Cristo como seu Messias); **mas eles cairão** (a profecia aponta para um futuro distante, quando Roma acabou sendo dividida pelas invasões bárbaras do quinto século).
- 15. Então o rei do norte (Antíoco III) virá, erguerá um monte e tomará as cidades mais cercadas** (o general romano Scopas foi sitiado em Sidon e forçado a se render; Antíoco então se mudou para o sul e tomou a fortaleza de Gaza): **e as armas do sul** (Egito) **não resistirão, nem seu povo escolhido** (de Ptolomeu IV) (lembre-se que Antíoco IV escolheu o Senado de Roma para ser o guardião do menino-rei, Ptolomeu V), **nem não havia força para resistir** (os romanos, escolhidos por Ptolomeu IV como guardiões do infante rei Ptolomeu V, foram incapazes de proteger o Egito de Antíoco III, que derrotou o general romano Scopas e seus 6.000 auxiliares gregos em 200/199 aC O Egito perdeu muitas províncias a Filipe da Macedônia e Antíoco da Síria).
- 16. Mas ele (Roma) que vem contra ele** (Antíoco III especificamente, e o reino sírio do norte em geral) **fará de acordo com sua própria vontade** (de Roma) (Roma derrotou Antíoco III em 192 aC na Macedônia e novamente em 190 aC na Ásia Menor; no tratado de paz de 188 aC, Antíoco foi forçado a devolver todos os territórios conquistados ao Egito. Em 168 aC, Roma obrigou Antíoco IV a desistir da invasão do Egito. A caminho da Síria, Antíoco IV saqueou Jerusalém e o templo, perseguindo os judeus e forçando-os a parar de adorar a Deus. Os judeus se revoltaram em 165 aC e

Apêndice A: História do conflito no Oriente Médio

em 164 aC havia derrotado todas as tropas sírias enviadas contra eles. Em 164 aC, Antíoco IV morreu quando viajava do leste para Jerusalém para exterminar os judeus. Em 63 aC, Roma conquistou o reino sírio do norte), **e ninguém se oporá a ele** (Roma. Anteriormente, em 197 aC, Roma derrotou Filipe da Macedônia e o forçou a devolver todos os territórios conquistados ao Egito. Em 168 aC, Roma conquistou a Macedônia e tornou-se mestre do mundo greco-romano. Roma também rastreou o último membro, Aníbal, da tríplice aliança contra o Egito, forçando Aníbal a tomar veneno para evitar cair em suas mãos): e ele (Roma) **deve permanecer na terra gloriosa** (Jerusalém. Roma na pessoa de Pompeu, o Grande, conquistou a Palestina em 63 aC, tornando a Judéia uma província de Roma), **que por sua mão** (de Roma) **será consumida** (olhando para o futuro, Gabriel menciona que Roma seria em o futuro destruir a cidade e o templo de Jerusalém em 70 dC e, em 135 dC, demolir Jerusalém pela segunda vez e espalhar os judeus por todo o mundo).

17. **Ele** (Roma em geral, e Júlio César especificamente, que seguiu Pompeu, o Grande, como governante de Roma) **também deve colocar seu** rosto (de Júlio César) **para entrar com a força de todo o seu** (de Júlio César) **reino e os retos** (judeus que ajudaram Júlio César a conquistar o Egito) **com ele** (Júlio César); **assim ele** (Júlio César) **fará: e ele** (Júlio César) **dará a ele** (Júlio César) **a filha de mulheres** (Cleópatra. Júlio César tomou Cleópatra de 18 anos, princesa do Egito, como sua concubina), **corrompendo-a** (Cleópatra): **mas ela** (Cleópatra) **não deve ficar do lado dele** (de Roma em geral, e de Júlio César especificamente) , **nem ser para ele** (Roma em geral, e especificamente Júlio César; Cleópatra flertou com Júlio César e depois com Marco Antônio para para manter a independência do Egito e não agiu no interesse de Roma).
18. **Depois disso ele** (Júlio César) **voltará seu** (de Júlio César) **rosto para as ilhas, e tomará muitos** (César conquistou as ilhas do Mediterrâneo e a África depois do Egito): **mas um príncipe** (o senador romano Brutus, que foi criado por César) **em seu próprio nome** (de Brutus) **fará cessar a censura** (César desejava tornar-se rei de fato, se não em nome) **oferecida por ele** (Júlio César) ; **sem sua própria censura** (de Júlio César), ele (Brutus) **fará com que ela se volte contra ele** (Júlio César. Brutus conspirou com sessenta senadores para assassinar César).

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

- 19. Então ele** (Júlio César) **deve virar o rosto** (de Júlio César) **em direção ao forte** (Roma) **de sua própria terra** (de Júlio César) : **mas ele** (Júlio César) **tropeará e cairá e não será encontrado** (César foi assassinado em 44 aC no Fórum).
- 20. Então se levantará em sua propriedade** (de Júlio César) **um arrecador de impostos** (Otávio César Augusto, sobrinho de Júlio César, emitiu o decreto em 4 AC para tributar o mundo, e isso trouxe José e Maria a Belém—Lucas 2:1) **na glória do reino** (A Pax Romana, começando com Otávio, durou cem anos): **mas dentro de poucos dias ele** (Otávio César Augusto) **será destruído, nem em raiva, nem em batalha** (sua esposa, Lívía, o sufocou depois que ele reviveu em seu leito de morte; ela fez isso para proclamar Tibério, a quem Otávio desprezava, o próximo imperador).
- 21. E em sua propriedade** (de Otávio) **se levantará uma pessoa vil** (Tibério, 14 DC. Quando Lívía pediu a Otávio para fazer de Tibério seu herdeiro, Otávio disse: “Seu filho é muito vil para usar a púrpura de Roma”, usando as próprias palavras de Gabriel para descrever o próximo imperador), a quem **eles** (Otávio e o Senado) **não dará a honra do reino: mas ele** (Tibério) **entrará pacificamente e obterá o reino por lisonjas**. (Tibério era um comandante habilidoso dos exércitos, mas tinha um temperamento cruel e propensões imorais. Ele era apenas temido, não apreciado. Ele lisonjeava os senadores e fazia promessas para ascender ao trono, mas uma vez no poder, tornou-se um açougueiro e vil ditador, matando igualmente aqueles que o bajulavam ou rejeitavam suas vis abordagens sexuais, muitas vezes para se apossar de suas vastas propriedades.)
- 22. E com os braços de uma inundação** (por meios militares severos, Tibério reprimiu rebeliões contra seu governo e executou aqueles que conspiraram para derrubá-lo) **eles** (os inimigos políticos de Tibério) **serão derrubados diante dele** (Tibério, que derrubou aqueles que conspiraram contra ele) **e serão quebrados; sim, também o príncipe da aliança** (Jesus Cristo, o Príncipe da aliança, foi crucificado em 31 DC enquanto Tibério ainda era imperador. Não foi por acaso que a injustiça de Pôncio Pilatos refletiu as injustiças perpetradas no reinado de Tibério).
- 23. E depois da liga** (em 161 aC, Roma e os judeus
Os líderes Macabeus fizeram uma liga de assistência, permitindo

Apêndice A: História do conflito no Oriente Médio

Roma para protegê-los contra os reis sírios e garantir sua independência) **fez com ele** (Roma) **ele** (Roma) **trabalhará enganosamente** (em 63 aC, Pompeu desrespeitou os termos da liga, conquistou a Judéia e a reduziu a uma província romana): **pois ele** (Roma) **surgirá e se tornará forte com um povo pequeno** (incrivelmente, a pequena cidade de Roma governou o mundo por mais de 500 anos).

24. **Ele** (Roma) **entrará pacificamente mesmo nos lugares mais férteis da província** (Roma ganhou muitas de suas províncias por meio de legados ou tratados); **e ele** (Roma) **fará aquilo que seus pais** (de Roma) **não fizeram, nem os pais de seu pai** (de Roma) ; **ele** (Roma) **espalhará entre eles** (os aliados e soldados de Roma) **a presa, o despojo e as riquezas: sim, e ele** (Roma) **preverá seus dispositivos** (de Roma) **contra as fortalezas** (fortalezas e capitais de outras nações) , **mesmo por um tempo** (este é um tempo profético; a cidade de Roma dominaria o mundo por 360 anos. Este período de tempo começaria com a queda do Egito em 31 AC, na batalha de Actium, e terminaria
25. **E ele** (Otaviano) **despertará seu poder** (de Otaviano) **e sua coragem** (de Otaviano) **contra o rei do sul** (Marco Antônio. Júlio César, em 48 aC, subjugou o Egito, mas não o reduziu a um status provincial. Os versículos 25-28 agora discutem a guerra entre Otávio e Marco Antônio, que resultou na conquista do Egito) **com um grande exército; e o rei do sul** (Marco Antônio) **será incitado para a batalha com um exército muito grande e poderoso; mas ele** (Marco Antônio) **não permanecerá: pois eles** (os inimigos de Marco Antônio) **preverão dispositivos contra ele** (Marco Antônio).
26. **Sim, eles** (amigos íntimos de Cleópatra e Marco Antônio) **que se alimentarem da porção de sua carne** (de Marco Antônio) **o destruirão** (Marco Antônio cometeu suicídio depois que Cleópatra e seus amigos o abandonaram), **e seu exército** (de Otávio) **deve transbordamento: e muitos cairão mortos** (Otávio derrotou Marco Antônio na grande batalha marítima e terrestre em Actium, 31 aC)
27. **E os corações desses dois reis** (Otávio e Marco Antônio) **devem fazer travessuras, e eles** (Otávio e Marco Antônio) **devem falar mentiras em uma mesa; mas não prosperará: pois ainda o fim será no tempo designado** (o tempo designado é o fim do reinado de 360 anos da cidade de

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Roma: de 31 aC a 330 dC Constantino abandonou a cidade de Roma em 330 dC e mudou a capital do império para Constantinopla).

- 28. Então ele** (Otávio) **retornará à sua terra** (de Otávio) (Roma, Itália) **com grandes riquezas** (do Egito); **e seu** coração (de Roma) **será contra a santa aliança** (o evangelho e o povo de Deus. Sob Roma, Cristo foi crucificado; Roma também destruiu Jerusalém e seu templo em 70 dC e perseguiu os cristãos até 313 dC); **e ele** (os imperadores de Roma) **fará façanhas** (nos cem anos seguintes ao reinado de Otávio, o Império Romano atingiu sua maior expansão e força) **e retornará à sua própria terra** (do imperador romano) .
- 29. Na época marcada** (330 dC) **ele** (Roma) **retornará e virá em direção ao sul** (Egito e Palestina. Entre 284 e 303, Diocleciano travou uma série de guerras para reconquistar e manter o Egito como uma província romana); **mas não será como o primeiro** (aC 31), **ou como o último** (o tempo do fim, 1798; ver versículos 40 a 45).
- 30. Para os navios de Quittim** (invasores bárbaros germânicos de quarto século) **virá contra ele** (Valens, 378 dC): **portanto, ele** (Teodósio 379 dC e mais tarde Clóvis 508 dC; “Foram os francos sozinhos de todas as tribos germânicas que se tornaram um grande poder na história geral do meio É para eles que a herança política do Império Romano passou, para eles veio a honra de assumir e continuar, aproximadamente, com certeza, e muito menos extensiva e eficazmente, mas, no entanto, de realmente realizar o trabalho político que Roma estava fazendo.” George Burton Adams, *Civilization Durante a Idade Média*, (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1900), p. 137.) **ficará triste, e voltará, e terá indignação** contra a santa aliança: assim **será ele** (Roma) **faz; ele** (Roma em geral; especificamente Constantino) **retornará e terá inteligência com aqueles** (os bispos) **que abandonam a santa aliança**.
- 31. E as armas** (apoio militar) **devem ficar em seu** (Clovis') **lado** (contra os visigodos arianos, 507–508 dC), **e eles poluirão o santuário da força, e tirarão o [sacrifício] diário, e colocarão a abominação desoladora** (em 508 dC Clóvis uniu o estado com a

Apêndice A: História do conflito no Oriente Médio

igreja, chamada aqui de “abominação” e provaria ser “desoladora” para a verdadeira igreja de Deus pelos próximos 1.290 anos; de 508 DC até 1798, quando a França separou a igreja do estado).

- 32. E aqueles** (os pontífices) **que agem perversamente contra a aliança, ele** (Pepino, Carlos Magno e seus sucessores) **corromperá por lisonjas: mas o povo** (cristãos fiéis) **que conhece seu Deus será forte e fará façanhas** (as corajosas posições dos santos pela verdade, apesar da intensa perseguição, bem como sua pregação incisiva contra a crescente onda do mal na igreja).
- 33. E eles** (cristãos fiéis através dos tempos) **que têm entendimento entre o povo** (os cristãos da Europa) **instruirá a muitos: ainda assim eles** (cristãos fiéis) **cairão pela espada, e pelas chamas, pelo cativeiro e pelo despojo, muitos dias** (os bispos de Roma perseguiram os cristãos fiéis por 1.260 anos, o mesmo período de tempo do chifre pequeno de Daniel 7:25).
- 34. Agora, quando eles** (cristãos fiéis) **caírem, eles** (cristãos fiéis) **serão ajudados com uma pequena ajuda** (o deserto alpino, a Grande Reforma e o Novo Mundo da América forneceram um refúgio para os santos): **mas muitos** (os estudiosos da Renascença e os cristãos inconstantes) **se apegarão a eles** (cristãos fiéis) **com lisonjas** (cristãos proeminentes, como Erasmo, receberam vantagens para desertar da verdade).
- 35. E alguns deles de entendimento** (os reformadores e cristãos fiéis) **cairão, para experimentá-los** (cristãos fiéis), **purificá-los e embranquecê-los, até o tempo do fim** (1798): **porque ainda é por um tempo determinado** (a duração do reinado papal foi predeterminado para ser um “tempo, tempos e metade de um tempo” ou 1.260 anos, após os quais seria punido; veja Daniel 7:25).
- 36. E o rei** (Luís XIV) **fará de acordo com sua vontade** (“Luís nunca foi ensinado a agradecer ao homem ou a Deus. nascido Rei, ele aprendeu sua importância para o bem-estar do Estado. Quando Mazarine morreu, sentiu-se livre de todas as obstruções à sua vontade; e, declarando que governaria

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

de acordo com seus próprios desejos, ele assumiu a posição que manteve ao longo da vida - 'Eu sou o Estado'. " William Henry Foote, DD, os huguenotes; ou, Reformed French Church Harrisonburg, VA: Sprinkle Publications, 2002, pp. 337, 338.); **e ele se exaltará e se engrandecerá acima de todos os deuses, e falará coisas maravilhosas contra o Deus dos deuses, e prosperará até que a indignação seja cumprida: pois o que está determinado será feito (a erradicação do protestantismo da França sob Louis XIV resultou nas condições que geraram o Reinado do Terror).**

- 37. Nem ele** (a França revolucionária) **considerará o Deus de seus pais** (a França revolucionária se afastou do cristianismo europeu), **nem o desejo das mulheres** (o divórcio fácil foi introduzido pela França e a família foi minada), **nem considera qualquer deus: pois ele** (a França revolucionária) **se engrandecerá** (a França revolucionária) **acima todos** (o estado é deus na teoria política ateuista).
- 38. Mas em seu estado** (da França revolucionária) (reino) **ele deve** (França Revolucionária) **honram o Deus das forças** (o ateísmo evolucionário, a base do socialismo e do comunismo de hoje, foi exaltado como religião de estado pela França Revolucionária; os homens agora adoravam as forças da natureza e não o Deus da natureza): **e um deus que seus pais não conheceram, ele** (a França revolucionária) **honrará com ouro e prata, com pedras preciosas e coisas agradáveis.**
- 39. Assim ele** (a França revolucionária) **fará nos domínios mais fortes com um deus estranho** (a França revolucionária exportou seu neopaganismo para a Europa pela espada e influência), **a quem ele** (a França revolucionária) **reconhecerá e aumentará com glória; e ele** (Napoleão Bonaparte) **os fará governar muitos** (Napoleão começou a conquista das nações em 1797) **e dividirá a terra para obter lucro** (antes de 1798, a França confiscou grandes propriedades de terra e as vendeu para arrecadar dinheiro para a Revolução. Napoleão era nessa época um líder militar que teria ajudado a capacitar o governo para fazer essa apropriação de terras. Para facilitar rapidamente essa divisão da terra para ganho, a França emitiu Assignats).
- 40. E no tempo do fim** (1798. Em Daniel 11:35 e 12:7-9, a frase o tempo do fim é equiparada ao fim do

Apêndice A: História do conflito no Oriente Médio

o “tempo, tempos e meio tempo”) **será o rei do sul** (o sul ainda representando o Egito, conforme identificado em Daniel 11:5-15. A liderança do Egito era Ibrahim Bey e Murad Bey - governantes mamelucos egípcios - consulte o Apêndice D, página 127) **o pressionam** (Napoleão Bonaparte. O Egito resiste à invasão da França em 1798.); **e o rei do norte** (Califa Selim III da Turquia, o território do rei do norte; ver Daniel 11:5-15) **virá contra ele** (Napoleão Bonaparte. A Turquia declarou guerra à França em 1798) **como um redemoinho, com carros e cavaleiros e com muitos navios** (a frota de navios de Lord Nelson apoiou a Turquia em sua guerra com a França); **e ele** (rei do norte — Califa Selim III da Turquia) **entrará nos países, e transbordará e passará** (a frase transbordar e passar nos diz quem prevaleceu nesta batalha que acabamos de descrever. A história registra que os turcos prevaleceram; assim, podemos ter certeza de que a identidade do pronome ele nesta frase é o rei do norte, o que nos permite saber que todos os pronomes restantes neste capítulo referem-se ao rei do norte).

41. **Ele** (Califa Selim III da Turquia) **também entrará na terra gloriosa** (Palestina) **e muitos países** (países é uma palavra fornecida e, portanto, não está no original) **serão derrubados** (os turcos reclamaram o território da Palestina, que Napoleão acabara de tomar): **mas estes escaparão de sua mão** (Califa Selim III da Turquia) , **até mesmo Edom e Moab, e o chefe dos filhos de Amon** (Edom, Moab e Amon, o território da Jordânia, situando-se fora dos limites da Palestina, ao sul e a leste do Mar Morto e do Jordão, estavam fora da linha de marcha dos turcos da Síria para o Egito, assim escaparam dos estragos daquela campanha).
42. **Ele** (Califa Selim III da Turquia) **estenderá sua mão também sobre os países: e a terra do Egito não escapará** (o Egito mais uma vez ficou sob o controle dos turcos).
43. **Mas ele** (Califa Selim III da Turquia) **terá poder sobre os tesouros de ouro e prata, e sobre todas as coisas preciosas do Egito** (os egípcios pagavam anualmente ao governo turco uma certa quantia de ouro e prata e 600.000 medidas de milho e 400.000 de cevada): **e os líbios e os etíopes estarão a seus passos** (os árabes invictos, que buscaram a amizade dos turcos e eram tributários deles naquela época).

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

- 44. Mas notícias** (relatórios de inteligência) **do leste** (Pérsia) **e do norte** (Rússia) **o perturbarão** (Califa Abdülmecid I da Turquia): **portanto ele** (Califa Abdülmecid I da Turquia) **sairá com grande fúria para destruir e eliminar completamente muitos** (realizado pela Guerra da Criméia de 1853-1856, na qual a Rússia e a Pérsia conspiraram juntas para destruir o Império Otomano, mas falharam em sua tentativa).
- 45. E ele** (o rei do norte—o líder da Turquia) **plantará** (colocará ou estabelecerá) **os tabernáculos de seu palácio** (uma entidade religiosa/política—Califado Islâmico) **entre os mares** (Mediterrâneo e Mar Morto) **no glorioso montanha sagrada** (Jerusalém — Monte das Oliveiras); **contudo ele** (o rei do norte) **chegará ao seu fim, e ninguém o ajudará** (algo acontecerá que trará o fim do governo do rei do norte. Apenas o versículo 45 deste capítulo ainda não foi cumprido) .

Capítulo 12:

- 1. E naquele momento** (imediatamente após o cumprimento do versículo 45) **Miguel** (Cristo; ver Apêndice F, página 139) **se levantará, o grande príncipe que representa os filhos de teu povo** (encerra o tempo de graça, Cristo veste Seu trono real). mantos e reinos): **e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve desde que houve nação até aquele tempo** (ver Apocalipse 16; Armagedom, as sete últimas pragas e a destruição do mundo na Segunda Vinda) : **e naquele tempo o teu povo** (todos os santos, não apenas os judeus) **será liberto, todo aquele que for achado escrito no livro.**

Informações históricas adicionais estão incluídas nesta visão geral de Daniel 11 do livro de James Henderson, *Terror Over Jerusalem*, volume 1 (disponível na Amazon.com e terroroverjerusalem.com).

Os versículos 30-45 acima são uma interpretação resumida do ponto de vista de Uriah Smith, que se afasta da interpretação que James Henderson fornece em seu livro bem pesquisado.

PRONOME

IDENTIDADE

Identificando o pronome Ele em Daniel 11:40 como o rei do norte

“E no tempo do fim o rei do sul lutará contra ele; e o rei do norte virá contra ele como um redemoinho, com carros e cavaleiros e com muitos navios; e entrará nas terras, e as inundará e passará .” —
Daniel 11:40, ênfase adicionada.

Na última frase de Daniel 11:40, chegamos a um ponto em que os pontos de vista dos expositores começam a divergir. A quem o pronome ele se refere? Quem é que “transbordará e passará”? O ele se refere a ele (França) referido neste versículo, ou ao rei do norte (Império Otomano), ou ao rei do sul (Egito)? A identidade dos pronomes para o restante deste capítulo depende da resposta a esta pergunta.

Sobre esta questão, duas linhas de interpretação são mantidas. Alguns (James Henderson, em *Terror Over Jerusalem*) aplicam o pronome ele ao pronome ele (França) e se esforçam para encontrar uma realização na carreira de Napoleão. Outros aplicam o pronome ele ao rei do norte e, portanto, apontam para o cumprimento de eventos na história da Turquia. Algumas considerações certamente favorecem a idéia de que há, na última parte do versículo 40, uma transferência do fardo da profecia do poder francês para o rei do norte. O rei do norte é apresentado pouco antes, como um redemoinho, com carros, cavaleiros e muitos navios.

A colisão entre esse poder e os franceses já notamos.

O rei do norte, com a ajuda de seus aliados, ganhou o dia nesta competição; e os franceses, frustrados em seus esforços, foram rechaçados para o Egito.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Agora, parece ser a aplicação mais natural referir-se ao “transbordamento e passagem” àquele poder que emergiu em triunfo daquela luta; e esse poder era a Turquia. Acrescentaremos apenas que alguém familiarizado com o hebraico nos assegura que a construção desta passagem é tal que torna necessário referir o transbordamento e a passagem ao rei do norte, palavras que expressam o resultado daquele movimento que é um pouco antes comparado à fúria do redemoinho.¹ Todas as grandes batalhas

previstas no capítulo 11 relatam o resultado. A profecia prediz qual lado vence. No versículo 10 diz: “Mas seus filhos serão despertados, e reunirão uma multidão de grandes forças; e certamente virá um, e transbordará, e passará; fortaleza.”

Essa frase transbordar e passar indica qual lado venceu a batalha. Observe isso no versículo 10:

Mas seus filhos (Seleuco II) (Seleuco III Ceraunus Soter, 225-223, e Antíoco III, chamado “O Grande”, 223-187) **serão despertados e reunirão uma multidão de grandes forças:** (Seleuco III levantou uma grande exército para invadir o Egito, mas foi assassinado antes que pudesse realizar o projeto) **e um** (Antíoco III) **certamente virá, transbordará e passará** (em 219 aC, Antíoco III invadiu a Palestina/ Egito): **então ele** (Antíoco III) **retornará e será instigado, até mesmo para sua fortaleza** (de Antíoco III) (Antíoco III foi capaz de retomar Antioquia, uma cidade capital na Síria).

Vemos a palavra transbordar também no versículo 26: “Sim, os que se alimentam da porção da sua carne o destruirão, e o seu exército transbordará, e muitos cairão mortos”. O exército que transbordou venceu:

Sim, eles (amigos íntimos de Cleópatra e Marco Antônio) **que se alimentam da porção de sua carne** (de Marco Antônio) **o destruirão** (Marco Antônio cometeu suicídio depois que Cleópatra e seus amigos o abandonaram), **e seu exército** (de Otávio) **transbordará: e muitos cairão mortos** (Otávio derrotou Marco Antônio na grande batalha marítima e terrestre em Actium, 31 aC).

Agora, quando chegarmos ao versículo 40, se separarmos a última parte da frase da primeira parte, não saberemos quem venceu a batalha. O versículo 40 é uma única frase. A última cláusula diz: “e ele entrará nos países, e transbordará e passará”. Faz sentido manter a frase inteira referindo-se a uma batalha em uma área do mundo.

1. Parafraseado de Uriah Smith, Daniel and the Revelation (1912), 305, 306.

Sem essa última parte da frase, não somos informados se ele vence ou se o rei do norte vence ou se o rei do sul vence. Tudo o que sabemos é que o rei do sul o empurra. Esse empurrão indica uma vitória sobre ele? Não somos informados. A seguir, somos informados de que o rei do norte vem contra ele “como um redemoinho, com carros e cavaleiros e com muitos navios . . .” Não nos é dito se aquele que se refere a Napoleão, identificado pelo verso anterior, vence ou é derrotado neste encontro. Isso seria muito incomum, porque todas as grandes batalhas previstas no capítulo 11 nos dizem quem é o vencedor. Quando olhamos para o registro histórico, vemos que o rei do norte (Império Otomano) com sua aliança de navios o derrota (Napoleão). A França abandonou aquela parte do mundo sem atingir seu objetivo. O rei do norte venceu aquela disputa. Assim, a frase transbordou e passou, que denota vitória, se aplica ao rei do norte.

Acho que há evidências muito fortes de que ele na última cláusula da frase se refere ao rei do norte e não à França. Eu acho que é convincente ver o uso da palavra estouro sendo usado três vezes e cada vez indicando quem é o vencedor da batalha mencionada. Portanto, pode-se concluir que o restante dos pronomes nos versículos 41-45 estarão se referindo ao rei do norte. Não há dúvida de que ele em Daniel 11:45 está se referindo a ninguém menos que o líder da atual Turquia.

A REVOLUÇÃO FRANCESA

A França é o rei mencionado em Daniel 11:36, assim fazendo da França a identidade para o pronome ele encontrado em Daniel 11:40?¹

“VERSÍCULO 36. E o rei fará conforme a sua vontade; e ele se exaltará e se engrandecerá sobre todo deus, e falará coisas maravilhosas contra o Deus dos deuses, e prosperará até que se cumpra a indignação; porque o que está determinado será feito.”

O rei aqui apresentado não pode denotar o mesmo poder que foi notado pela última vez; ou seja, o poder papal; pois as especificações não serão válidas se aplicadas a esse poder.

Tome uma declaração no próximo versículo: “Nem considere nenhum deus”. Isso nunca aconteceu com o papado. Deus e Cristo, embora muitas vezes colocados em uma posição falsa, nunca foram declaradamente afastados e rejeitados desse sistema de religião. A única dificuldade em aplicá-lo a uma nova potência reside no artigo definido o; pois, insiste-se, a expressão “o rei” identificaria isso como o último mencionado. Se pudesse ser traduzido corretamente como rei, não haveria dificuldade; e é dito que alguns dos melhores críticos bíblicos lhe dão esta tradução, Mede, Wintle, Boothroyd e outros traduzindo a passagem: “Um certo rei fará de acordo com sua vontade”, introduzindo assim claramente um novo poder no palco de ação.

Três características peculiares devem aparecer no poder que cumpre esta

1. Esta seção do Apêndice é de Uriah Smith, *Daniel and the Revelation*, 292-302.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

profecia: (1) Deve assumir o caráter aqui delineado perto do início do tempo do fim, ao qual fomos levados no versículo anterior; (2) deve ser um poder voluntário; (3) deve ser um poder ateu; ou talvez as duas últimas especificações possam ser unidas ao dizer que sua obstinação se manifestaria na direção do ateísmo. Uma revolução que corresponde exatamente a essa descrição ocorreu na França na época indicada na profecia. Voltaire havia semeado as sementes que produziram seus frutos legítimos e funestos. Aquele infiel arrogante, em sua presunção pomposa, mas impotente, havia dito: “Estou cansado de ouvir as pessoas repetirem que doze homens estabeleceram a religião cristã. Vou provar que um homem pode ser suficiente para derrubá-lo. Associando-se a homens como Rousseau, D'Alembert, Diderot e outros, ele empreendeu o trabalho.

Eles semearam ao vento e colheram o redemoinho. Seus esforços culminaram no “reino do terror” de 1793, quando a Bíblia foi descartada e a existência da Divindade negada como a voz da nação.

O historiador assim descreve esta grande mudança religiosa:

“Não era suficiente, diziam eles, para uma nação regenerada ter destronado reis terrestres, a menos que ela estendesse o braço de desafio contra aqueles poderes que a superstição representava como reinando sobre o espaço ilimitado.” — Scott's Napoleon, vol. I, p.172.

Novamente ele diz:

“O bispo constitucional de Paris foi apresentado para desempenhar o papel principal na farsa mais insolente e escandalosa já encenada em face de uma representação nacional. . . Ele foi apresentado em plena procissão, para declarar à convenção que a religião que ele havia ensinado por tantos anos era, em todos os aspectos, um pedaço de arte sacerdotal, que não tinha fundamento nem na história nem na verdade sagrada. Renegava, em termos solenes e explícitos, a EXISTÊNCIA DA DIVINDADE, a cujo culto fora consagrado, e consagrava-se futuramente ao culto da Liberdade, da Igualdade, da Virtude e da Moralidade. Ele então colocou sobre a mesa sua condecoração de episcopal e recebeu um abraço fraterno do presidente da convenção. Vários sacerdotes apóstatas seguiram o exemplo deste prelado. . . .

O mundo, pela PRIMEIRA vez, ouviu uma assembléia de homens, nascidos e educados na civilização, e assumindo o direito de governar uma das melhores nações européias, erguer sua voz unida para NEGAR a verdade mais solene que a alma do homem recebe, e RENUNCIAR UNANIMEMENTE À CRENÇA E À ADORAÇÃO DA DIVINDADE.” - id., vol. Eu, pág. 173.

Um escritor da Blackwood's Magazine, novembro de 1870, disse:

Apêndice C: A Revolução Francesa

“A França é a única nação no mundo a respeito da qual sobrevive o registro autêntico de que, como nação, ela ergueu a mão em rebelião aberta contra o Autor do universo. Muitos blasfemadores, muitos infiéis existiram e continuam a existir na Inglaterra, Alemanha, Espanha e outros lugares; mas a França se destaca na história do mundo como o único estado que, por decreto de sua assembléia legislativa, declarou que não havia Deus, e do qual toda a população da capital, e uma vasta maioria em outros lugares, mulheres, bem como homens, dançaram e cantaram com alegria ao aceitar o anúncio”.

Mas há outras especificações ainda mais marcantes que foram cumpridas neste poder.

“VERSÍCULO 37. Nem ele considerará o Deus de seus pais, nem o desejo das mulheres, nem considerará qualquer deus: porque ele se engrandecerá acima de tudo.”

A palavra hebraica para mulher também é traduzida como esposa; e o bispo Newton observa que essa passagem seria mais apropriadamente traduzida como “o desejo das esposas”. Isso pareceria indicar que esse governo, ao mesmo tempo em que declarava que Deus não existia, pisotearia a lei que Deus havia dado para regulamentar a instituição do casamento. E descobrimos que o historiador, talvez inconscientemente, e ainda mais significativamente, uniu o ateísmo e a licenciosidade desse governo na mesma ordem em que são apresentados na profecia. Ele diz:

“Intimamente ligada a essas leis que afetam a religião estava aquela que reduzia a união do casamento – os compromissos mais sagrados que os seres humanos podem formar, e cuja permanência leva mais fortemente à consolidação da sociedade – ao estado de um mero contrato civil de caráter transitório, no qual quaisquer duas pessoas podem se envolver e se libertar quando quiserem, quando seu gosto for mudado ou seu apetite for satisfeito. Se os demônios tivessem começado a trabalhar para descobrir um modo mais eficaz de destruir tudo o que é venerável, gracioso ou permanente na vida doméstica, e obtendo ao mesmo tempo uma garantia de que o dano que era seu objetivo criar deveria ser perpetuado por uma geração para outro, eles não poderiam ter inventado um plano mais eficaz do que a degradação do casamento em um estado de mera coabitação ocasional ou concubinato autorizado. Sophie Arnoult, uma atriz famosa pelas coisas espirituosas que dizia, descreveu o casamento republicano como o sacramento do adultério. Esses regulamentos anti-religiosos e anti-sociais

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

não atenderam ao propósito dos fanáticos frenéticos e imprudentes por quem foram instados a avançar.” — Scott's Napoleon, vol. I, p.173.

“Nem considere nenhum deus.” Além do testemunho já apresentado para mostrar o total ateísmo da nação neste momento, a seguinte linguagem terrível de loucura e presunção deve ser registrada:

“O temor de Deus está tão longe de ser o começo da sabedoria que é o começo da loucura. A modéstia é apenas a invenção da voluptuosidade refinada. O Rei Supremo, o Deus dos judeus e dos cristãos, é apenas um fantasma. Jesus Cristo é um impostor”.

Outro escritor diz:

“Ago. 26, 1792, uma confissão aberta de ateísmo foi feita pela Convenção Nacional; e sociedades correspondentes e clubes ateus foram realizados sem medo em todos os lugares na nação francesa. Os massacres e o reino do terror tornaram-se os mais horrendos.” — Smith's Key to Revelation, p.323.

“Hebert, Chaumette e seus associados apareceram no bar, e declarou que Deus não existia.” — Alison, vol. I, p.150.

Nessa conjuntura, todo culto religioso foi proibido, exceto o da liberdade e do país. As placas de ouro e prata das igrejas foram apreendidas e profanadas. As igrejas foram fechadas. Os sinos foram quebrados e transformados em canhões. A Bíblia foi queimada publicamente. Os vasos sacramentais foram desfilados pelas ruas montados em um jumento, em sinal de desacato. Uma semana de dez dias em vez de sete foi estabelecida, e a morte foi declarada, em cartas conspícuas afixadas sobre seus túmulos, como um sono eterno. Mas a blasfêmia culminante, se essas orgias infernais admitem graus, ficou para ser realizada pelo comediante Monvel, que, como sacerdote do Iluminismo, disse:

“Deus, se você existe, vingue seu nome ferido. Eu ofereço-lhe desafio! Você permanece em silêncio. Você não ousa lançar seus trovões! Quem, depois disso, acreditará na sua existência? Todo o estabelecimento eclesiástico foi destruído.” — Scott's Napoleon, vol. I, p.173.

Veja o que o homem é quando deixado a si mesmo, e que infidelidade é quando as restrições da lei são eliminadas e tem o poder em suas próprias mãos! Pode-se duvidar que essas cenas são o que o onisciente viu e anotou na página sagrada, quando apontou um reino que surgiria que deveria se exaltar acima de todos os deuses e desconsiderar todos eles?

“VERSÍCULO 38. Mas em seu estado ele honrará o Deus das forças:

Apêndice C: A Revolução Francesa

e um deus que seus pais não conheceram ele honrará com ouro e prata e com pedras preciosas e coisas agradáveis.

Encontramos uma aparente contradição neste versículo. Como uma nação pode desprezar todos os deuses e, ainda assim, honrar o deus das forças? Não poderia ocupar ao mesmo tempo ambas as posições; mas pode, por um tempo, desconsiderar todos os deuses e, posteriormente, introduzir outra adoração e considerar o deus das forças. Essa mudança ocorreu na França nessa época? — Ocorreu. A tentativa de tornar a França uma nação sem Deus produziu tal anarquia que os governantes temeram que o poder saísse inteiramente de suas mãos e, portanto, perceberam que, como uma necessidade política, algum tipo de culto deveria ser introduzido; mas eles não pretendiam introduzir nenhum movimento que aumentasse a devoção ou desenvolvesse qualquer verdadeiro caráter espiritual entre o povo, mas apenas aquele que se mantivesse no poder e lhes desse o controle das forças nacionais. Alguns extratos da história mostrarão isso. A liberdade e o país foram a princípio objetos de adoração.

“Liberdade, igualdade, virtude e moralidade”, os próprios opostos de tudo o que possuíam de fato ou exibiam na prática, eram palavras que eles apresentavam como descrevendo a divindade da nação. Em 1793 foi introduzido o culto da Deusa da Razão, assim descrito pelo historiador:

“Uma das cerimônias desta época insana é inigualável pelo absurdo combinado com a impiedade. As portas da convenção foram abertas a uma banda de músicos, precedidos por quem, os membros do corpo municipal entraram em solene procissão, cantando um hino de louvor à liberdade, e escoltando, como objeto de sua futura adoração, um mulher velada a quem chamavam de Deusa da Razão.

Ao ser trazida para o bar, ela foi desvelada com grande forma e colocada à direita do presidente, quando foi geralmente reconhecida como uma dançarina da ópera, cujos encantos a maioria das pessoas presentes conheciam por sua aparição no estágio, enquanto a experiência dos indivíduos foi ampliada.

A esta pessoa, como o representante mais apto daquela razão que eles adoravam, a Convenção Nacional da França prestou homenagem pública. Essa brincadeira ímpia e ridícula tinha uma certa moda; e a instalação da Deusa da Razão foi renovada e imitada em toda a nação, em lugares onde os habitantes desejavam mostrar-se à altura de todas as alturas da Revolução.” — Scott's Napoleon, vol. 1, Cap.17.

Ao introduzir o culto da Razão, em 1794, Chaumette disse:

“O fanatismo legislativo perdeu seu domínio; deu lugar a

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

razão. Saímos de seus templos; eles são regenerados. Hoje uma multidão imensa se reúne sob seus telhados góticos, que, pela primeira vez, farão ecoar a voz da verdade. Lá os franceses celebrarão sua verdadeira adoração - a da Liberdade e da Razão. Lá formaremos novos votos para a prosperidade dos exércitos da República; ali abandonaremos a adoração de ídolos inanimados pela da Razão – esta imagem animada, a obra-prima da criação.”

“Uma mulher com véu, vestida com cortinas azuis, foi trazida para a convenção; e Chaumette, tomando-a pela mão,

“'Mortais', disse ele, 'param de tremer diante dos impotentes trovões de um Deus que seus medos criaram. Doravante, não reconheça DIVINDADE, mas a RAZÃO. ofereço-te a sua imagem mais nobre e pura; se você deve ter ídolos, sacrifique apenas para tais como este. . . . Caia perante o augusto Senado da Liberdade, Vail da Razão.'

“Ao mesmo tempo aparecia a deusa, personificada por uma célebre beldade, Madame Millard, da ópera, conhecida em mais de um personagem pela maior parte da convenção. A deusa, após ser abraçada pelo presidente, foi montada em um magnífico carro, e conduzida, em meio a uma imensa multidão, até a catedral de Notre Dame, para ocupar o lugar da Divindade. Lá ela foi elevada ao altar-mor e recebeu a adoração de todos os presentes.

“No dia 11 de novembro, a sociedade popular do museu entrou no salão do município, exclamando: 'Vive la Raison!' e carregando no topo de um poste os restos meio queimados de vários livros, entre outros os breviários e o Antigo e o Novo Testamento, que 'expiraram em um grande incêndio', disse o presidente, 'todas as tolices que cometeram fez a raça humana cometer.'

“As relações mais sagradas da vida foram, no mesmo período, colocadas em uma nova base adequada às idéias extravagantes da época. O casamento foi declarado um contrato civil, obrigatório apenas durante o prazer das partes contratantes. Mademoiselle Arnoult, comedianta célebre, expressou o sentimento público quando chamou 'o casamento o sacramento do adultério'.” — Id.

Verdadeiramente este era um deus estranho, a quem os pais daquela geração não conheciam. Nenhuma tal divindade jamais havia sido estabelecida como um objeto de adoração. E bem pode ser chamado de deus das forças; pois o objetivo do movimento era fazer com que o povo renovasse sua aliança e repetisse seus votos pela prosperidade dos exércitos da França. Leia novamente algumas linhas do extrato já fornecido:

Apêndice C: A Revolução Francesa

“Deixamos seus templos; eles são regenerados. Hoje uma imensa multidão está reunida sob seus telhados góticos, que pela primeira vez farão ecoar a voz da verdade. Ali os franceses celebrarão seu verdadeiro culto, o da Liberdade e da Razão. Lá formaremos novos votos para a prosperidade dos exércitos da República.”

Durante o tempo em que a adoração fantástica da razão era a mania nacional, os líderes da revolução são conhecidos na história como “os ateus”.

Mas logo se percebeu que uma religião com sanções mais poderosas do que a então em voga deveria ser instituída para manter o povo. Seguiu-se, portanto, uma forma de adoração em que o objeto de adoração era o “Ser Supremo”. Foi igualmente vazio no que diz respeito a qualquer reforma da vida e piedade vital, mas se apegou ao sobrenatural. E enquanto a Deusa da Razão era de fato um “deus estranho”, a declaração em relação a honrar o “Deus das forças” talvez possa ser mais apropriadamente referida a esta última fase. Veja “Revolução Francesa” de Thier.

“VERSÍCULO 39. Assim fará nas fortalezas mais fortes com um deus estranho, a quem reconhecerá e aumentará em glória;

O sistema de paganismo que havia sido introduzido na França, como exemplificado na adoração do ídolo criado na pessoa da Deusa da Razão, e regulado por um ritual pagão que havia sido decretado pela Assembleia Nacional para uso do povo francês, continuou em vigor até a nomeação de Napoleão para o consulado provisório da França em 1799. Os adeptos desta estranha religião ocuparam os lugares fortificados, as fortalezas da nação, como expresso neste verso.

Mas o que serve para identificar a aplicação dessa profecia à França, talvez tão claramente quanto qualquer outro particular, é a afirmação feita na última cláusula do versículo; ou seja, que eles deveriam “dividir a terra para ganhar”. Antes da Revolução, a propriedade fundiária da França era propriedade de alguns latifundiários em imensas propriedades. Essas propriedades eram obrigadas por lei a permanecer indivisas, para que nenhum herdeiro ou credor pudesse dividi-las. Mas a revolução não conhece lei; e na anarquia que agora reinava, como observado também no décimo primeiro do Apocalipse, os títulos da nobreza foram abolidos e suas terras distribuídas em pequenas parcelas para o benefício do erário público. O governo precisava de fundos e essas grandes propriedades foram confiscadas e vendidas em leilão em lotes para atender aos compradores. O historiador assim registra esta transação única:

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

“O confisco de dois terços da propriedade fundiária do reino, decorrente dos decretos da convenção contra os emigrantes, o clero e as pessoas condenadas nos Tribunais Revolucionários, . . . colocou à disposição do governo fundos acima de L700.000.000 libras esterlinas.” — Alison, vol. IV, p.151.

Quando ocorreu um evento, e em que país, cumprindo uma profecia mais completamente do que esta? Quando a nação começou a voltar a si mesma, uma religião mais racional foi exigida e o ritual pagão foi abolido. O historiador assim descreve esse evento:

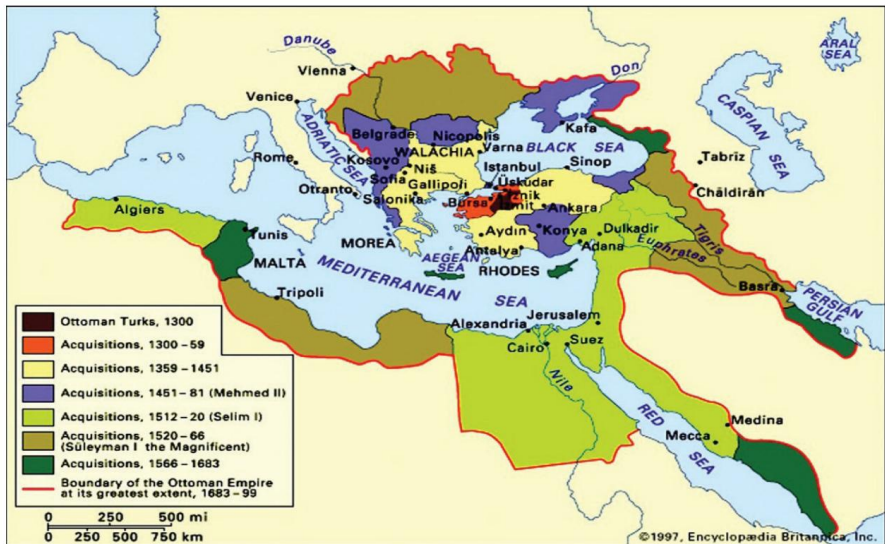
“Uma terceira e mais ousada medida foi descartar o ritual pagão e reabrir as igrejas para o culto cristão; e disso o crédito foi totalmente de Napoleão, que teve de enfrentar os preconceitos filosóficos de quase todos os seus colegas. Ele, em sua conversa com eles, não fez nenhuma tentativa de representar a si mesmo como um crente no cristianismo, mas se posicionou apenas sobre a necessidade de fornecer ao povo os meios regulares de adoração onde quer que se pretenda ter um estado de tranquilidade. Os padres que optaram por fazer o juramento de fidelidade ao governo foram readmitidos em suas funções; e esta medida sábia foi seguida pela adesão de não menos de 20.000 desses ministros da religião, que até então definhavam nas prisões da França.” — *Life of Napoleon* de Lockhart, vol. I, p.154.

Assim terminou o Reinado do Terror e a Revolução dos Infiéis. Das ruínas ergueu-se Bonaparte, para conduzir o tumulto à sua própria elevação, colocar-se à frente do governo francês e instilar o terror nos corações das nações.

REI DO SUL

Quem era o Rei do Sul em 1798?

Quando ocorreu a batalha descrita em Daniel 11:40 (1798), quem era o rei do sul? Quem estava no comando do território egípcio de Ptolomeu? No mapa a seguir, vemos que o Império Otomano obteve o controle deste território meridional em 1512:



CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

E deste mapa, vemos que perdeu este território em 1879:



E ainda, se o Império Otomano controlasse o Egito na época da invasão de Napoleão, então teríamos o rei do norte pressionando contra a França quando eles invadiram o Egito. Mas o versículo diz que seria o rei do sul, não o rei do norte que empurra “ele”:

“E no tempo do fim o rei do sul (governante egípcio) o empurrará (Napoleão): e o rei do norte (califa Selim III da Turquia) virá contra ele (Napoleão) como um redemoinho” — Daniel 11:40.

Se Napoleão estivesse lutando contra o Império Otomano ao desembarcar no Egito, essa história não se encaixaria no verso.

Mas, segundo a providência, Igrahim e Murad — os governantes mamelucos — tomaram o Egito do Império Otomano e co-governaram o Egito de 1791 até a invasão de Napoleão. Portanto, o sultão do Império Otomano não estava controlando o Egito; portanto, não foi ele quem pressionou Napoleão quando Napoleão invadiu o Egito.

Considero bastante surpreendente que esta profecia se encaixe tão bem com os fatos reais da história. A seguir está a documentação para apoiar o fato

Apêndice D: Rei do Sul

que o Império Otomano não estava governando o Egito na época da invasão de Napoleão:

“No final de 1785, Ibrahim e Murad receberam exigências otomanas de tributo, mas se recusaram a cumprir. Em 18 de julho de 1786, Murad Bey não conseguiu conter a força expedicionária otomana enviada contra ele, como resultado do qual os turcos estabeleceram um novo governo no Cairo em agosto de 1786. Murad e Ibrahim Bey retiraram-se para o Alto Egito, onde resistiram ao ataque otomano. forças pelos próximos seis anos. Retornando a Cairo em julho de 1791, Murad Bey continuou governando o Egito por sete anos, compartilhando o poder com Ibrahim Bey. Em 1798, ele serviu como sari askar (comandante-chefe) das forças mamelucas contra as tropas francesas do general Napoleão Bonaparte, mas foi derrotado de forma decisiva em Shubra Khit (10-13 de julho) e Inbaba (Embaba) (21 de julho). . Ele rejeitou a oferta de Napoleão de governar a província de Girga e embarcou para o Alto Egito, onde prendeu um número considerável de tropas francesas sob o comando do general Desaix. Demonstrando notáveis habilidades administrativas e militares, ele lutou contra os franceses até um empate em Sediman (El Lahun, 7 de outubro de 1798), mas foi derrotado em Samhud (22 de janeiro de 1799). No entanto, seus guerrilheiros assediavam constantemente as linhas de comunicação e abastecimento francesas.”¹

“Os otomanos tentaram restaurar o controle de Murad Bey e Ibrahim Bey, mas sem sucesso. No entanto, ambos falharam em defender o Egito contra a invasão francesa liderada por Napoleão Bonaparte em 1798. Uma batalha feroz ocorreu entre os dois lados perto de Imbaba, no Cairo. Os mamelucos foram derrotados, enquanto aqueles que sobreviveram à batalha desertaram do país, incluindo Murad Bey e Ibrahim Bey, que carregaram seus tesouros e deixaram o Egito às pressas.”²

“Com o tempo, ele (Ibrahim Bey) emergiu como um dos mais influentes comandantes mamelucos, compartilhando o controle de fato do Egito com seu colega georgiano Murad Bey.”³ Vamos

examinar nosso texto novamente:

“E no tempo do fim o rei do sul lutará contra ele; e o rei do norte virá contra ele como um redemoinho, com carros e cavaleiros e com muitos navios; e entrará nas terras, e as inundará e passará ” — Daniel 11:40.

1 <<http://tinyurl.com/q2sxxwj>>.

2 <<http://www.youregypt.com/ehistory/history/islamic/ottomans/>>.

3 <[http://en.wikipedia.org/wiki/Ibrahim_Bey_\(Mamluk\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Ibrahim_Bey_(Mamluk))>.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

A história nos diz que Napoleão partiu do Egito para o norte em 1799 para conquistar os turcos. Eles declararam guerra a Napoleão e atacaram ele e seu exército como um redemoinho, finalmente recuperando seu território ao sul com a ajuda de navios ingleses. Os versículos 41 a 43 seguem o cumprimento histórico desta guerra entre Napoleão e o sultão da Turquia.

GUERRA TRIANGULAR

Interpretação de Uriah Smith (1912) de Daniel 11:40-441

“VERSÍCULO 40. E no tempo do fim o rei do sul o atacará; e o rei do norte virá contra ele como um redemoinho, com carros e cavaleiros e com muitos navios; entrarão nos países, e transbordarão e passarão”.

Após um longo intervalo, o rei do sul e o rei do norte aparecem novamente no palco da ação. Não encontramos nada que indique que devemos procurar em quaisquer localidades esses poderes além daqueles que, logo após a morte de Alexandre, constituíam respectivamente as divisões sul e norte de seu império. O rei do sul era naquela época o Egito, e o rei do norte era a Síria, incluindo a Trácia e a Ásia Menor. O Egito ainda é, de comum acordo, o rei do sul, enquanto o território que a princípio constituía o rei do norte tem sido, nos últimos quatrocentos anos, totalmente incluído nos domínios do sultão da Turquia. Para o Egito e a Turquia, então, em conexão com o último poder sob consideração, devemos esperar o cumprimento do versículo diante de nós.

Essa aplicação da profecia exige que surja um conflito entre o Egito e a França, e a Turquia e a França, em 1798, ano esse que, como vimos, marcou o início do tempo do fim; e se a história testemunhar que tal guerra triangular estourou naquele ano, será uma prova conclusiva da correção da aplicação.

1. Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 1912, 302-310.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Perguntamos, portanto, é um fato que no tempo do fim, o Egito “empurrou” ou fez uma resistência comparativamente fraca, enquanto a Turquia veio como um “redemoinho” irresistível contra “ele”, isto é, o governo da França? Já apresentamos algumas evidências de que o tempo do fim começou em 1798; e nenhum leitor de história precisa ser informado de que naquele mesmo ano foi inaugurado um estado de hostilidade aberta entre a França e o Egito.

Até que ponto esse conflito deveu sua origem aos sonhos de glória delirantemente acalentados no cérebro ambicioso de Napoleão Bonaparte, o historiador formará sua própria opinião; mas os franceses, ou pelo menos Napoleão, conseguiram fazer do Egito o agressor. Assim, quando na invasão daquele país ele conseguiu seu primeiro ponto de apoio em Alexandria, ele declarou que “não veio para devastar o país ou arrancá-lo do Grande Senhor, mas apenas para livrá-lo do domínio dos mamelucos”. , e para vingar os ultrajes que eles cometeram contra a França.” — Thier's French Revolution, vol. IV, p.268.

Novamente o historiador diz: “Além disso, ele [Bonaparte] tinha fortes razões para insistir contra eles [os mamelucos]; pois nunca deixaram de tratar mal os franceses.” — Id., p.273.

O início do ano de 1798 encontrou a França entregando-se a imensos projetos contra os ingleses. O Diretório desejava que Bonaparte empreendesse imediatamente uma descida à Inglaterra; mas ele viu que nenhuma operação direta desse tipo poderia ser realizada judiciosamente antes do outono, e ele não estava disposto a arriscar sua crescente reputação passando o verão ocioso. “Mas”, diz o historiador, “ele viu uma terra distante, onde seria conquistada uma glória que ganharia um novo encanto aos olhos de seus conterrâneos pelo romance e mistério que pairavam sobre a cena. O Egito, a terra dos faraós e dos Ptolomeus, seria um campo nobre para novos triunfos.” — White's History of France, p.469.

Mas enquanto visões ainda mais amplas de glória se abriam diante dos olhos de Bonaparte naquelas terras históricas orientais, abrangendo não apenas o Egito, mas a Síria, a Pérsia, o Hindustão e até o próprio Ganges, ele não teve dificuldade em persuadir o Diretório de que o Egito era o país vulnerável. ponto através do qual atacar a Inglaterra interceptando seu comércio oriental. Assim, com o pretexto acima mencionado, a campanha egípcia foi empreendida.

A queda do papado, que marcou o término dos 1.260 anos e, de acordo com o versículo 35, mostrou o início do tempo do fim, ocorreu em 10 de fevereiro de 1798, quando Roma caiu nas mãos de Berthier, o general dos franceses. No dia 5 de março seguinte, Bonaparte recebeu o decreto do Diretório relativo à

Apêndice E: Guerra Triangular

expedição contra o Egito. Ele deixou Paris em 3 de maio e partiu de Toulon em 29, com um grande armamento naval composto por 500 velas, transportando 40.000 soldados e 10.000 marinheiros. Em 5 de julho, Alexandria foi tomada e imediatamente fortificada. No dia 23 travou-se a decisiva batalha das pirâmides, na qual os mamelucos disputaram o campo com bravura e desespero, mas não foram páreo para as disciplinadas legiões dos franceses.

Murad Bey perdeu todos os seus canhões, 400 camelos e 3.000 homens. A perda dos franceses foi comparativamente pequena. No dia 24, Bonaparte entrou no Cairo, capital do Egito, e só esperou o abaixamento das enchentes do Nilo para perseguir Murad Bey até o Alto Egito, para onde ele havia se retirado com sua cavalaria despedaçada, e assim conquistar todo o país. Assim, o rei do sul foi capaz de oferecer uma fraca resistência.

Nessa conjuntura, porém, a situação de Napoleão começou a ficar precária. A frota francesa, que era seu único canal de comunicação com a França, foi destruída pelos ingleses comandados por Nelson em Aboukir; e em 2 de setembro deste mesmo ano, 1798, o sultão da Turquia, sob sentimentos de ciúme contra a França, habilmente fomentados pelos embaixadores ingleses em Constantinopla, e exasperado que o Egito, por tanto tempo uma semi-dependência do império otomano, deveria ser transformada em uma província francesa, declarou guerra contra a França. Assim, o rei do norte (Turquia) veio contra ele (França) no mesmo ano em que o rei do sul (Egito) “empurrou” e ambos “no tempo do fim”: o que é outra prova conclusiva de que o ano de 1798 é o ano que inicia esse período; e tudo isso é uma demonstração de que esta aplicação da profecia está correta; pois tantos eventos que se encontram com tanta precisão que as especificações da profecia não poderiam ocorrer juntos e não constituir um cumprimento da profecia.

A vinda do rei do norte, ou da Turquia, foi como um redemoinho em comparação com a investida do Egito? Napoleão havia esmagado os exércitos do Egito; ele tentou fazer a mesma coisa com os exércitos do sultão, que ameaçavam um ataque do lado da Ásia. 27 de fevereiro de 1799, com 18.000 homens, ele iniciou sua marcha do Cairo para a Síria. Ele primeiro tomou o forte de El-Arish, no deserto, depois Jaffa (o Joppa da Bíblia), conquistou os habitantes de Naplous em Zeta e foi novamente vitorioso em Jafet. Enquanto isso, um forte corpo de turcos havia se entrincheirado em St. Jean d'Acre, enquanto enxames de muçulmanos se reuniam nas montanhas de Samaria, prontos para atacar os franceses quando eles sitiassem Acre. Sir Sidney Smith ao mesmo tempo apareceu diante de St. Jean d'Acre com dois navios ingleses, reforçou a guarnição turca daquele lugar e capturou o aparato para o cerco, que Napoleão havia enviado por mar de Alexandria. Uma frota turca logo apareceu em

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

cena, que, com os navios russos e ingleses então cooperando com eles, constituíam os “muitos navios” do rei do norte.

Em 18 de março, o cerco começou. Napoleão foi chamado duas vezes para evitar que algumas divisões francesas caíssem nas mãos das hordas muçulmanas que enchiam o país. Duas vezes também foi aberta uma brecha no muro da cidade; mas os agressores foram recebidos com tanta fúria pela guarnição que foram obrigados, apesar de seus melhores esforços, a desistir da luta. Após uma continuação de sessenta dias, Napoleão levantou o cerco, soou, pela primeira vez em sua carreira, a nota de retirada e, em 21 de maio de 1799, começou a refazer seus passos para o Egito.

“E ele transbordará e passará.” Encontramos eventos que fornecem um cumprimento muito impressionante do empurrão do rei do sul e do ataque violento do rei do norte contra o poder francês. Até agora há um acordo bastante geral na aplicação da profecia. Agora chegamos a um ponto em que as opiniões dos expositores começam a divergir. A quem se referem as palavras “transbordará e passará”? — à França ou ao rei do norte? A aplicação do restante deste capítulo depende da resposta a esta pergunta. A partir deste ponto, duas linhas de interpretação são mantidas. Alguns aplicam as palavras à França e se esforçam para encontrar uma realização na carreira de Napoleão.

Outros os aplicam ao rei do norte e, portanto, apontam para o cumprimento dos eventos da história da Turquia. Falamos apenas dessas duas posições, pois a tentativa que alguns fazem de trazer o papado aqui é tão evidentemente distante do alvo que sua consideração não precisa nos deter.

Se nenhuma dessas posições estiver isenta de dificuldades, como presumimos que ninguém alegará que esteja, absolutamente, resta apenas tomarmos aquela que tem o peso da evidência a seu favor. E encontraremos um em favor do qual a evidência prepondera tanto, com exclusão de todos os outros, que dificilmente deixará qualquer espaço para dúvidas em relação à visão aqui mencionada.

A respeito da aplicação desta porção da profecia a Napoleão ou à França sob sua liderança, até onde estamos familiarizados com sua história, não encontramos eventos que possamos afirmar com qualquer grau de segurança como o cumprimento da porção restante deste capítulo e, portanto, não vejo como pode ser assim aplicado. Deve, então, ser cumprido pela Turquia, a menos que possa ser demonstrado (1) que a expressão “rei do norte” não se aplica à Turquia, ou (2) que existe algum outro poder além da França ou do rei do norte que cumpriu esta parte da previsão. Mas se a Turquia, agora ocupando o território que constituía a divisão norte do império de Alexandre, não é o rei do norte desta profecia, então ficamos sem nenhum princípio para nos guiar na

Apêndice E: Guerra Triangular

interpretação; e presumimos que todos concordarão que não há espaço para a introdução de qualquer outro poder aqui. O rei francês e o rei do norte são os únicos a quem a previsão pode ser aplicada. A realização deve estar entre eles.

Algumas considerações certamente favorecem a idéia de que há, na última parte do versículo 40, uma transferência do fardo da profecia do poder francês para o rei do norte. O rei do norte é apresentado pouco antes, como um redemoinho, com carros, cavaleiros e muitos navios. A colisão entre esse poder e os franceses já notamos. O rei do norte, com a ajuda de seus aliados, ganhou o dia nesta disputa; e os franceses, frustrados em seus esforços, foram rechaçados para o Egito. Agora, parece ser a aplicação mais natural referir-se ao “transbordamento e passagem” àquele poder que emergiu em triunfo daquela luta; e esse poder era a Turquia. Acrescentaremos apenas que alguém familiarizado com o hebraico nos assegura que a construção desta passagem é tal que torna necessário referir o transbordamento e a passagem ao rei do norte, palavras que expressam o resultado daquele movimento que é pouco antes comparado à fúria do redemoinho.

“VERSÍCULO 41. Ele também entrará na terra gloriosa, e muitos países serão subvertidos; mas estes escaparão de suas mãos, Edom e Moabe, e o chefe dos filhos de Amom.”

Os fatos que acabamos de declarar relativos à campanha dos franceses contra a Turquia e à repulsa dos primeiros em St. Jean d'Acre foram extraídos principalmente da Enciclopédia Americana. Da mesma fonte, reunimos mais detalhes a respeito da retirada dos franceses para o Egito e os reveses adicionais que os obrigaram a evacuar aquele país.

Abandonando uma campanha na qual um terço do exército havia sido vítima da guerra e da peste, os franceses se retiraram de St. Jean d'Acre e, após uma cansativa marcha de 26 dias, voltaram a entrar no Cairo, no Egito. Eles abandonaram assim todas as conquistas que haviam feito na Judéia; e a “terra gloriosa”, a Palestina, com todas as suas províncias, aqui chamadas de “países”, caiu novamente sob o domínio opressivo dos turcos. Edom, Moabe e Amon, situados fora dos limites da Palestina, ao sul e a leste do Mar Morto e do Jordão, estavam fora da linha de marcha dos turcos da Síria para o Egito, e assim escaparam dos estragos daquela campanha. Sobre esta passagem, Adam Clarke tem a seguinte nota: “Estes e outros árabes, eles [os turcos] nunca foram capazes de subjugar. Eles ainda ocupam os desertos e recebem uma pensão anual de quarenta mil coroas de ouro dos imperadores otomanos para permitir a passagem gratuita das caravanas com os peregrinos para Meca.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

“VERSÍCULO 42. Ele estenderá a mão também sobre os países, e a terra do Egito não escapará.”

Na retirada dos franceses para o Egito, uma frota turca desembarcou 18.000 homens em Aboukir. Napoleão imediatamente atacou o local, derrotando completamente os turcos e restabelecendo sua autoridade no Egito. Mas, a essa altura, graves reveses nas armas francesas na Europa chamaram Napoleão de volta para cuidar dos interesses de seu próprio país. O comando das tropas no Egito ficou com o general Kleber, que, após um período de incansável atividade em benefício do exército, foi assassinado por um turco no Cairo, e o comando ficou com Abdallah Manou. Com um exército que não podia ser recrutado, toda perda era séria.

Enquanto isso, o governo inglês, como aliado dos turcos, resolveu arrancar o Egito dos franceses. Em 13 de março de 1800, uma frota inglesa desembarcou um corpo de tropas em Aboukir. Os franceses lutaram no dia seguinte, mas foram forçados a se retirar. No dia 18, Aboukir se rendeu. No dia 28, reforços foram trazidos por uma frota turca, e o grão-vizir se aproximou da Síria com um grande exército. No dia 19, Rosetta rendeu-se às forças combinadas dos ingleses e turcos. Em Ramanieh, um corpo francês de 4.000 homens foi derrotado por 8.000 ingleses e 6.000 turcos. Em El menayer, 5.000 franceses foram obrigados a recuar, em 16 de maio, pelo vizir, que avançava para o Cairo com 20.000 homens. Todo o exército francês estava agora preso no Cairo e em Alexandria. Cairo capitulou em 27 de junho e Alexandria em 2 de setembro. Quatro semanas depois, 1º de outubro de 1801, as preliminares da paz foram assinadas em Londres.

“O Egito não escapará” foram as palavras da profecia. Essa linguagem parece implicar que o Egito seria submetido a algum poder de cujo domínio desejaria ser libertado. Entre os franceses e os turcos, como essa questão se posicionava entre os egípcios? — Eles preferiam o domínio francês. Em Viagens de RR Madden no Egito, Núbia, Turquia e Palestina nos anos 1824-1827, publicado em Londres em 1829, afirma-se que os franceses foram muito lamentados pelos egípcios e exaltados como benfeitores; que “pelo curto período em que permaneceram, deixaram vestígios de melhoria”; e que, se eles pudessem estabelecer seu poder, o Egito agora seria comparativamente civilizado. Em vista desse testemunho, a linguagem não seria apropriada se aplicada ao francês; os egípcios não desejavam escapar de suas mãos.

Eles desejavam escapar das mãos dos turcos, mas não podiam.

“VERSÍCULO 43. Mas ele terá poder sobre os tesouros de ouro e de prata, e sobre todas as coisas preciosas do Egito: e os líbios e os etíopes estarão a seus passos.”

Apêndice E: Guerra Triangular

Para ilustrar este versículo, citamos o seguinte de Ecos Históricos da Voz de Deus, p. 49:

“A história apresenta os seguintes fatos: quando os franceses foram expulsos do Egito e os turcos tomaram posse, o sultão permitiu que os egípcios reorganizassem seu governo como era antes da invasão francesa. Ele não pediu aos egípcios soldados, armas ou fortificações, mas deixou que eles cuidassem de seus próprios assuntos independentemente, com a importante exceção de colocar a nação sob tributo a si mesmo. Nos artigos do acordo entre o sultão e o paxá do Egito, foi estipulado que os egípcios deveriam pagar anualmente ao governo turco uma certa quantia de ouro e prata, e 'seiscentas mil medidas de milho e quatrocentas mil medidas de cevada. .”

“Os líbios e os etíopes”, “os cushim”, diz o Dr. Clarke, “os árabes invictos”, que buscaram a amizade dos turcos e muitos dos quais são tributários deles atualmente.

“VERSÍCULO 44. Mas as notícias do leste e do norte o perturbarão; portanto, ele sairá com grande furor para destruir e totalmente para afastar muitos.”

Neste versículo, o Dr. Clarke tem uma nota digna de menção. Ele diz: “Permite-se que esta parte da profecia ainda não se cumpra.” Sua nota foi impressa em 1825. Em outra parte de seu comentário, ele diz: “Se o poder turco for entendido, como nos versículos anteriores, pode significar que os persas no leste e os russos no norte, pelo menos algum tempo embarçar muito o governo otomano.

Entre esta conjectura do Dr. Clarke, escrita em 1825, e a Guerra da Criméia de 1853-1856, há certamente uma notável coincidência, visto que os próprios poderes que ele menciona, os persas no leste e os russos no norte, eram os aqueles que instigaram esse conflito.

Notícias desses poderes o perturbaram (Turquia). Suas atitudes e movimentos incitaram o sultão à raiva e à vingança. A Rússia, sendo a parte mais agressiva, foi o alvo do ataque. A Turquia declarou guerra ao seu poderoso vizinho do norte em 1853. O mundo assistiu com espanto ao ver um governo que há muito era chamado de “o doente do leste”, um governo cujo exército estava desanimado e desmoralizado, cujos tesouros estavam vazios, cujos governantes eram vis e imbecis, e cujos súditos eram rebeldes e ameaçavam secessão, precipitam-se com tanta impetuosidade no conflito. A profecia dizia que eles deveriam sair com “grande fúria”; e quando eles assim saíram na guerra acima mencionada, eles foram descritos, no vernáculo profano de

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

um escritor americano, como “lutando como demônios”. A Inglaterra e a França, é verdade, logo vieram em auxílio da Turquia; mas ela saiu da maneira descrita e, como é relatado, obteve importantes vitórias antes de receber a ajuda desses poderes.

QUEM É MICHAEL ?

A evidência bíblica que apóia o fato de que Miguel é Outro nome para Jesus¹

O nome Miguel é usado cinco vezes na Bíblia para designar um ser celestial (Dan. 10:13, 21; 12:1; Judas 9; Ap. 12:7). Em nenhum lugar ele é explicitamente identificado com Jesus, mas alguns escritores cristãos igualaram os dois comparando cuidadosamente o papel desempenhado por Miguel com o de Jesus. Quaisquer comparações produzem não apenas semelhanças, mas também diferenças, e ambas devem ser levadas em consideração. Começaremos com as passagens nas quais Michael é mencionado e depois ampliaremos o horizonte para incluir várias passagens que estão conceitualmente relacionadas à Sua pessoa e experiência.

1. Ele parece ser um anjo: Miguel é identificado como “um dos principais príncipes” (Dan. 10:13), “teu príncipe” (versículo 21), “o grande príncipe” (Dan. 12:1), e “o arcanjo” (Judas 9). “Arcanjo” implica que Ele é o príncipe dos anjos, sugerindo que Miguel não pode ser outro nome para Jesus, porque Ele é divino e os anjos são seres criados.

Parte do problema é que o substantivo anjo é usado para designar uma criatura, enquanto na Bíblia designa uma função. Em outras palavras, um “anjo” é um ser que funciona como um “mensageiro” de Deus. Na maioria dos casos são seres criados, mas há uma exceção.

No Antigo Testamento há várias referências ao “anjo [mensageiro] do Senhor” em que Ele é igualado a Deus (por exemplo, Ex. 3:2, 4;

1 Copyright © Biblical Research Institute Conferência Geral da Sétima adventistas do dia.® Usado com permissão. <<https://adventistbiblicalresearch.org/materials/theology-jesus-christ/michael-another-name-jesus>>.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Juizes 6:12, 14). Não é que o Mensageiro seja identificado com Aquele que O enviou como Seu representante, mas sim que o Remetente funciona ao mesmo tempo que o Mensageiro. Muitos cristãos identificaram o Anjo do Senhor como o Cristo pré-encarnado. Esta interpretação cristológica parece ser biblicamente válida.

2. Ele é o líder dos anjos: A frase um dos principais príncipes (Dan. 10:13) poderia dar a impressão de que Ele é um entre muitos príncipes. Mas, de acordo com Apocalipse 12:7, Miguel é o líder supremo dos anjos celestiais, ou “o grande príncipe”. Quando necessário, Ele auxilia pessoalmente os anjos em suas tarefas assinadas (Dan. 10:13), mas as hostes angelicais estão sob Seu comando (Ap. 12:7). Ele é de fato o “arcanjo” (Judas 9). Este título é mencionado em outro lugar na Bíblia: 1 Tessalonicenses 4:16, no contexto da Segunda Vinda de Cristo. Ele retorna “com a voz do arcanjo”, sugerindo que Miguel é provavelmente outro nome para Jesus.

3. Ele protege o povo de Deus: Miguel é descrito como o Príncipe de Israel (Dan. 10:21), Aquele que protege Israel (Dan. 12:1). Essa proteção é descrita em termos militares e retrata o Príncipe como um guerreiro. Em praticamente todas as passagens em que Ele é mencionado há um conflito entre o povo de Deus e seus inimigos, e Miguel está presente para defendê-los ou lutar por eles. A proteção também pode assumir a forma de julgamento, no qual Miguel se levanta, defende e liberta o povo de Deus (Ibid.). Essas são as funções de Cristo no Novo Testamento e confirmam a sugestão de que Miguel e Cristo são a mesma pessoa, envolvida na liderança nos reinos celestial e terreno.

4. Ele é o Príncipe das hostes celestiais: Em Daniel 8:10 há uma referência a um ser celestial que realiza os serviços diários no santuário celestial. Há apenas uma outra passagem no Antigo Testamento em que esse ser é mencionado. Josué teve um encontro com um ser que se identificou como o “capitão [comandante] do exército [exército] do Senhor” (Josué 5:14). Ele ordenou a Josué que tirasse os sapatos porque o chão em que pisava era sagrado, semelhante à aparição de Deus a Moisés. O contexto deixa claro que esse ser era o próprio Senhor (Josué 6:2). Este Príncipe é a mesma pessoa chamada em outras passagens de Príncipe Miguel e, portanto, podemos identificá-lo com o Cristo pré-encarnado.

Portanto, embora a Bíblia não identifique claramente Miguel com Cristo, há informações bíblicas suficientes para justificar a visão de que eles são a mesma pessoa. O nome Miguel enfatiza o fato de que Cristo é o líder supremo dos anjos celestiais e o defensor de Seu povo como guerreiro, juiz e sacerdote.

CHEIROGRAPHON TOIS DOGMASIN

Correspondência sobre a Questão do Sábado

Alan, dei uma olhada no seu site e gostei do que vi. Percebi em sua página de Perfil do Ministério o que você disse sobre seu compromisso com a Palavra de Deus. Gosto do fato de você basear seu ministério na convicção de que a Bíblia é a própria Palavra de Deus — a autoridade final para tudo o que os cristãos acreditam e fazem. Então eu tenho uma pergunta para você. Estou assumindo que você acredita no relato da criação encontrado em Gênesis. Em Gênesis 2:3 diz: “E Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, porque nele cessou de toda a obra que fizera na criação”. Minha pergunta é a seguinte: em que data Deus rescindiu aquela bênção e tirou a santidade do sábado?

John Witcombe

Caro John, Faz muito tempo desde que tive a oportunidade de revisar as Escrituras sobre o sábado e questões relacionadas. Ambos sabemos que tem havido muito debate sobre esse assunto desde os primeiros dias da igreja. A resposta simples à sua pergunta é que Deus não rescindiu essa bênção. **A questão que permanece é como essa bênção se aplica ao sábado, à luz de passagens e declarações bíblicas adicionais?**

Caro Alan, obrigado pela sua resposta. Gostaria de responder à “questão que permanece”, que era: “Como essa bênção se aplica ao sábado, à luz de passagens e declarações bíblicas adicionais?”

Em primeiro lugar, qualquer interpretação das passagens adicionais da Bíblia deve passar

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

o teste decisivo que deve ser usado para testar toda a verdade: “À lei e ao testemunho: se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles.” Isaías 8:20.

Por exemplo, se eu pensasse que Paulo estava aprovando o assassinato por causa da maneira como interpretei Gálatas 5:12 – “Oxalá fossem eliminados os que vos incomodam” – então ou minha interpretação desse texto está errada ou então Paulo era um falso profeta, porque aprovar o assassinato viola o sexto mandamento, que diz: “Não matarás”. Se Paulo alguma vez escreveu qualquer coisa que mudasse um jota ou um til da lei moral que Deus escreveu com Seu próprio dedo - se ele escreveu qualquer coisa que sugerisse que os cristãos não precisam mais obedecer literalmente às particularidades de qualquer um dos Dez Mandamentos - não haveria luz nele.

No entanto, sei que há luz nos escritos de Paulo, porque ele sustenta a Lei de Deus. “Portanto, a lei é santa e o mandamento santo, justo e bom.” Romanos 7:12. “Porque nem os que ouvem a lei são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei serão justificados.” Romanos 2:13.

“A circuncisão não é nada, e a incircuncisão também não é nada. Em vez disso, guardar os mandamentos de Deus é o que conta.” 1 Coríntios 7:19.

Agora, existem alguns escritos de Paulo que, superficialmente, parecem minimizar a importância da lei de Deus e da santificação do sábado do sétimo dia do quarto mandamento. Pedro pode ter tido essas passagens em mente quando escreveu: “Como também em todas as suas epístolas, falando nelas destas coisas; no qual há algumas coisas difíceis de entender, que os indoutos e instáveis torcem, como também fazem com as outras escrituras, para sua própria destruição”. 2 Pedro 3:16.

Cada passagem paulina usada para mostrar que os cristãos não precisam mais santificar o sábado do sétimo dia de acordo com as diretrizes do quarto mandamento tem uma interpretação bíblica muito sensata que permite que essa passagem caia no teste decisivo da verdade de Deus—“ À lei e ao testemunho”.

Por exemplo, Colossenses 2:14-17 é uma passagem frequentemente usada para mostrar que a lei moral junto com o sábado foi pregada na cruz. Mas é isso que Paulo estava realmente dizendo? Se ele era, então ele falhou com a Bíblia teste.

Colossenses 2:14-17: “Apagou o **manuscrito das ordenanças** que era **contra nós, o que era contrário a nós**, e tirou-o do caminho, pregando-o na sua cruz; [E] tendo despojado principados e potestades, ele os exibiu abertamente, triunfando sobre eles nisso. Ninguém, pois, vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de feriados, ou de

Apêndice G:Cheirographon Tois Dogmasin

a lua nova, ou dos sábados [dias]: Que são sombras das coisas futuras; mas o corpo [é] de Cristo”.

A pergunta a ser respondida é o que é “escrita de ordenanças”?

Uma vez que a palavra caligrafia ou cheirographon ocorre apenas esta vez nas Escrituras, devemos primeiro perguntar sobre o texto, “cheirographon, ou caligrafia – de quê”? Afinal, a caligrafia pode ser uma caligrafia sobre qualquer coisa. Caligrafia? Que outro tipo de escrita havia naquela época? Hoje, quando falamos de nota manuscrita, é para contrastá-la com uma escrita tipográfica. Naquela época, quando se tratava da lei, havia uma que era escrita à mão – a lei cerimonial – e outra que era “escrita a dedo” – a Lei Moral. “E o SENHOR me deu duas tábuas de pedra escritas com o dedo de Deus” Deuteronômio 9:10.

Então devemos perguntar, caligrafia, de quê? A resposta do texto é cheirographon tois dogmasin – “escrita de ordenanças”. O que é dogma, ou dogmasin? Estamos familiarizados com “dogma” em nossa linguagem – dogmática da igreja, por exemplo, significa dogmático, ou forte, autoritário, ensino ou doutrina sobre a igreja, ou que tem a ver com a igreja.

Paulo estava familiarizado com a terminologia usada no Antigo Testamento. Ele sem dúvida conhecia muito bem o livro de Deuteronômio. Ele estava ciente de que havia duas leis dadas a Israel. Primeiro, havia a lei dos Dez Mandamentos de Deus, escrita pelo dedo de Deus. Em segundo lugar, havia o corpo de leis e instruções que Deus comunicou a Moisés, incluindo a lei cerimonial, que Moisés escreveu de próprio punho.

Sobre esse corpo de lei, lemos: “E Moisés escreveu esta lei e a entregou aos sacerdotes, filhos de Levi, que levavam a arca do convênio do Senhor, e a todos os anciãos de Israel. E Moisés lhes ordenou, dizendo: Ao fim de cada sete anos, na solenidade do ano da remissão, na festa dos tabernáculos, quando todo o Israel vier a comparecer perante o Senhor teu Deus no lugar que ele escolher. , tu debes ler esta lei diante de todo o Israel em seus ouvidos. . .

· E aconteceu que, acabando Moisés de escrever as palavras desta lei num livro, até que as acabasse, deu Moisés ordem aos levitas que levavam a arca da aliança do Senhor, dizendo: Tomai este livro da lei, e põe-no ao lado da arca da aliança do Senhor teu Deus, para que ali esteja por testemunho **contra ti**. Pois eu conheço a tua rebelião e a tua cerviz dura; eis que, estando eu ainda hoje vivo convosco, fostes rebeldes contra o Senhor; e quanto mais depois da minha morte?” Deut. 31:9-11; 24-27.

Observe que a própria expressão contra usada por Paulo em Colossenses 2:14 foi usada por Moisés em Deuteronômio 31. Moisés escreveu, de próprio punho,

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

ordenanças que deveriam ser lidas a cada sete anos no ano da remissão para todo o Israel. Moisés disse-lhes que colocassem esta lei manuscrita ao lado da arca para que “lá estivesse como testemunho contra ti”.

Claramente, na mente de Paulo, imerso no Antigo Testamento, a caligrafia das ordenanças é esta mesma caligrafia de Moisés mencionada em Deuteronômio 31, chamada de livro da lei, colocada ao lado da Arca para que pudesse estar lá, como testemunha contra Israel.

Veja a palavra ordenanças. Essa palavra ocorre em Efésios 2:15: “Tendo abolido na sua carne a inimizade, a lei dos mandamentos em ordenanças [dogmasin]; para fazer em si mesmo de dois um novo homem, fazendo assim a paz.

A sequência de palavras em grego é interessante: “A lei dos mandamentos em dogmasin Ele invalidou, anulou, anulou, tornou sem efeito, para que dos dois Ele pudesse criar Nele um, um novo homem, fazendo a paz”. Ef. 2:15 (Gr. Trans.). Aqui nesta passagem, paralela com Colossenses 2:14, encontramos o que aconteceu com as ordenanças: Cristo anulou, anulou, a lei dos mandamentos em ordenanças, a lei cerimonial, a fim de que os dois, gentios e hebreus - um fora a lei; o outro com a lei Ele pode fazer um dos dois.

A lei cerimonial havia sido usada pelos judeus para construir uma barreira entre judeus e gregos. Isso, Cristo tirou do caminho, anulando-o, para que Ele pudesse criar a Igreja, composta de judeus e gregos. O contexto de Efésios 2:15 mostra o quadro completo.

1. Ef. 2:11: “Sendo no tempo gentios na carne, que são chamados de incircuncisão pelo que é chamado de circuncisão na carne feita por mãos.” Aqui está a divisão: Incircuncisão vs. Circuncisão.

2. Ef. 2:12: “Sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo”. Os incircuncisos eram estrangeiros da comunidade de Israel, estranhos das alianças da promessa. Eles eram forasteiros. Havia uma barreira: a circuncisão, um termo que representa toda a lei cerimonial, contra a incircuncisão, que representa aqueles que estão fora da comunidade de Israel, além do limite da esperança.

3. Ef. 2:13: “Mas agora, pelo sangue de Cristo, em Cristo, aqueles que antes estavam longe, pelo sangue de Cristo aproximam-se”. O sangue de Cristo remove a barreira. Não é mais o caminho para Deus através da lei cerimonial que marcava os judeus como os

Apêndice G:Cheirographon Tois Dogmasin

comunidade de Israel. Agora a questão é o sangue de Cristo, o único que aproxima o crente.

4. Ef. 2:14: “Ele [Cristo] é a nossa paz, o qual fez um e derrubou a parede de separação do meio”.

5. Ef. 2:15: “Tendo abolido na sua carne a inimizade, a lei dos mandamentos em ordenanças; para fazer em si mesmo de dois um novo homem, fazendo assim a paz.

Em Colossenses 2:14, Paulo explica ainda mais sobre o que Ele estava falando quando diz “escritas de ordenanças” ao mencionar uma série de coisas nos versículos seguintes: Carne (ofertas), bebida (ofertas), dias santos (dias de santas convocações).), luas novas ou sábados (os sábados levíticos e sombrios de Levítico 23) “que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo”. Toda esta série é mencionada em Levítico 23.

A festa da Páscoa/Pães Ázimos, por exemplo, envolvia feriados (v. 8), sacrifício do cordeiro pascal (v. 12), oferenda de carne (v. 13), bebida de oferenda (v. 13); o Dia da Expição envolvia um sábado levítico (v. 32); a Festa dos Tabernáculos, ou Cabanas, envolvia os sábados levíticos (v. 39). As luas novas são mencionadas em Crônicas, Esdras, Neemias, Isaías, Ezequiel, Oséias e Amós.

A lista de Paulo em Colossenses 2:16 envolvia as observâncias cerimoniais que a profecia de Daniel (Dan. 9:27) declarou que Cristo faria cessar no meio da semana, 31 DC, em Sua crucificação. “No meio da semana Ele fará com que o sacrifício (abate, vítima, refeição, repasto) e a oblação (presente, presente; tributo; sacrifício [principalmente incruento], oferta) cessem.” Daniel 9:27 (Heb. Amp. Tr.). Para mostrar que a lei cerimonial com seus serviços no templo havia chegado ao fim, o véu do templo foi rasgado quando Cristo morreu. “E eis que o véu do templo se rasgou em duas partes, de alto a baixo.” Mateus 27:51.

Paulo não apenas lista os sábados em uma série de elementos cerimoniais - carne (ofertas), ou em bebida (ofertas), ou em relação a um dia santo, ou à lua nova, ou aos sábados, mas no próprio próxima cláusula do próximo versículo, Paulo diz ainda mais claramente de que sábados ele estava falando - os sábados cerimoniais levíticos da lei cerimonial.

Paulo diz: “que são **sombras** das coisas futuras”.

Os sábados levíticos de Levítico 23, que faziam parte da Festa das Trombetas, do serviço do Dia da Expição, da Festa dos Tabernáculos, etc., caíam em qualquer dia da semana e apontavam especificamente para a realidade em Cristo, assim como o restante da lei cerimonial. Mas o sábado do sétimo dia dos Dez Mandamentos faz parte da lei moral. Era

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

estabelecido no Éden antes que o homem pecasse como uma comemoração da criação deste mundo - não como uma sombra das coisas por vir. Vários comentários bíblicos apoiam esta interpretação:

Comentário de Adam Clarke: Versículo 16. Ninguém vos julgue pela comida ou pela bebida, e a necessidade de observar certos feriados ou festivais, como as luas novas e sábados particulares, ou aqueles que devem ser observados com solenidade mais do que comum; tudo isso havia sido tirado do caminho e pregado na cruz, e não era mais uma obrigação moral. Não há nenhuma indicação aqui de que o sábado foi abolido ou que seu uso moral foi substituído pela introdução do cristianismo. Eu mostrei em outro lugar que, Lembre-se do dia de sábado, para santificá-lo, é um mandamento de obrigação perpétua e nunca pode ser substituído, exceto pelo término final do tempo. **(O Comentário do Novo Testamento de Albert Barnes, as Notas da Bíblia da Família e o Comentário de Jamieson, Fausset & Brown estão todos de acordo.)**

Alan, em seus comentários, você disse: “O ensino do Novo Testamento permite uma boa dose de latitude quando se trata da apreciação do indivíduo sobre esta questão do sábado (tirar um dia de folga para descansar de todo trabalho; descansar no trabalho finalizado). de Cristo), como um homem pode honrar um dia acima do outro, e o próximo homem pode honrar todos os dias da mesma forma diante do Senhor. Nenhum crente deve agir como juiz de outro homem, quando se trata do dia específico, ou dias que um indivíduo escolhe para honrar o Senhor. É essencial que cada pessoa esteja plenamente convicta em sua própria mente.”

Se acreditarmos que Paulo está permitindo uma boa dose de latitude quando se trata de guardar ou não o sábado do sétimo dia conforme especificado no quarto mandamento, então colocamos Paulo em desacordo com a lei de Deus.

Paulo não está se referindo ao sábado do quarto mandamento quando ele está falando de honrar um dia após o outro em Romanos 14:5. Pelo contexto, parece que Paulo provavelmente está se referindo a práticas de abstinência e jejum em datas fixas regulares. Alguns comentários bíblicos que tenho em meu software Power Bible CD interpretam este texto de uma forma que mantém os escritos de Paulo alinhados com o teste decisivo de Isaías 8:20:

Notas da Bíblia para a família em Romanos 14:5: “O apóstolo aqui não tem referência diferença de dias mencionada na lei moral”.

Comentário de Adam Clarke sobre Romanos 14:5: “Um homem estima um dia mais do que outro.” Acrescentamos aqui o mesmo e fazemos o texto dizer o que tenho certeza de que nunca foi pretendido, viz. que não há distinção de dias, nem mesmo do sábado: e que todo cristão tem a liberdade de considerar até mesmo este dia santo ou não santo, conforme ele for persuadido em sua própria mente.

Apêndice G: Cheirographon Tois Dogmasin

Alan, você é o segundo estudioso da Bíblia a quem fiz minha pergunta para. Aqui está a correspondência que tive com o primeiro estudioso da Bíblia:

Ralph, aqui está uma pergunta para você considerar com atenção.

“E Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, porque nele cessou toda a obra que fizera na criação.” Gênesis 2:3. **Em que data Deus rescindiu aquela benção e removeu a santidade do sábado?**

Ralph responde: “Os verdadeiros estudantes da Bíblia entendem que o descanso sabático significa espiritualmente muito mais do que simplesmente descansar do trabalho no sábado. No Novo Testamento, o sábado mudou de significado e mudou a forma como o guardamos. Aí está a sua resposta.

Ralph, você disse: “Os verdadeiros estudantes da Bíblia entendem que o descanso sabático significa espiritualmente muito mais do que simplesmente descansar do trabalho no dia de sábado.” Isso é verdade, Ralph, mas não incluiria pelo menos o descanso, como diz que Deus fez em Êxodo 20:11? “Porque em seis dias fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou; pelo que o SENHOR abençoou o dia do sábado e o santificou.” Descansar não diminuiu as lições espirituais que Adão, Moisés ou Paulo receberam do Dia do Senhor. Descansar conforme ordenado na Lei de Deus só aumentaria o significado espiritual para o verdadeiro estudante da Bíblia.

Considere isto: Deus estabeleceu o santo dia do sábado antes que o pecado entrasse neste mundo, assim como estabeleceu a instituição do casamento antes da queda do homem. Depois do pecado, Deus usa o descanso do sábado para simbolizar o descanso que recebemos quando aceitamos Jesus como nosso Salvador (Hb 4:10). Ele também usa o casamento para representar o relacionamento de Sua igreja consigo mesmo (Ef. 5:32). O fato de o casamento ser usado para ilustrar a verdade espiritual não significa que abandonemos a instituição e coabitemos com vários indivíduos. Agora que o casamento é usado para ilustrar a realidade espiritual, é ainda mais importante seguir as diretrizes exatas que Deus estabeleceu para o casamento. Assim é com o sábado.

O sábado foi dado ao homem para ser um lembrete semanal de que foi Deus quem nos criou, não nós mesmos. Quando Deus fez o sábado, não havia a velha aliança, não havia a nova aliança, não havia judeus; o sábado é anterior à entrega da lei no Monte Sinai. O sábado não era uma instituição temporária a ser guardada até que Cristo fosse crucificado.

Se o sábado foi feito depois que o homem pecou, então pode-se argumentar que talvez tenha sido uma sombra de algo por vir e, portanto, apenas

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

temporário como era o serviço sacrificial. No entanto, o sábado é principalmente um memorial ao fato de que Deus é o Criador. Só porque Jesus ressuscitou no domingo não diminui o fato de que Ele é nosso Criador e que estabeleceu o Dia do Senhor como um memorial desse fato.

Você pode se reunir para adorar a Deus no domingo para honrar Sua ressurreição ou na sexta-feira para comemorar Sua crucificação, ou na quinta-feira para lembrar Sua última ceia com Seus discípulos. Não santificamos esses dias reunindo-nos. Somente um Deus santo pode fazer algo santo. E somente Ele pode remover a santidade de algo que Ele santificou. A Bíblia nos diz claramente quando Ele santificou o sábado e também deveria nos dizer claramente que não havia mais necessidade de haver um memorial para a criação. Com o ensino da evolução tão amplamente difundido, o sábado torna-se ainda mais importante como um lembrete semanal de que não evoluímos, mas fomos criados por um Criador amoroso. Jesus de fato instituiu um memorial para Sua ressurreição. Não foi um dia santo adicional, mas Ele nos deu o batismo e a Ceia do Senhor para comemorar Sua morte, sepultamento e ressurreição.

Ralph responde: “Pela fé, os crentes bíblicos do Antigo Testamento aceitaram e cumpriram a lei de Deus. Da mesma forma, nós crentes do Novo Testamento pela fé aceitamos o Cordeiro de Deus e Nele toda a Lei e as profecias foram cumpridas. A obediência à lei não é o que nos torna justos. Eu acredito que Jesus cumpriu a lei e assim seu poder sobre nós acabou.”

Ralph, concordo que a lei não pode nos tornar justos. A lei apenas nos informa se estamos ou não agindo de maneira justa. O poder de agir de maneira justa só pode vir de Deus, não da lei. Separados de Cristo, não podemos obedecer à lei porque ela é “santa, justa e boa” (Rm.

7:12). Somente aqueles a quem Deus santifica podem manter santo o que é santo. “Porque está escrito: Sede santos; porque eu sou santo”. 1 Pedro 1:16. O homem sozinho não é capaz de santidade. Mas “tudo posso naquele que me fortalece”. Fil. 4:13. A solução para o pecado não é destruir a lei. A solução é um Cristo habitando em nós que nos capacita a obedecer aos Seus mandamentos. Jesus disse: “Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir. Mat. 5:17.

Jesus cumpriu a lei da mesma maneira que cumpriu toda a justiça. “E Jesus, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça.” Mat. 3:15. Cumprir toda a justiça não significa alterar ou acabar com a justiça. Significa realizar, realizar ou descarregar. Foi assim que Cristo cumpriu a lei.

Apêndice G: Cheirographon Tois Dogmasin

Agora Ele quer cumprir essa lei em nós. “Para que a justiça da lei se cumprisse em nós.” Romanos 8:4.

Deus promete escrever Sua lei em nossos corações e nos fazer andar neles (Ez 36:26, 27). A obediência à lei de Deus não é nosso presente de amor para Deus, mas sim um presente de amor de Deus para nós. “Porque este é o amor de Deus, que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados” 1 João 5:3. Os mandamentos da lei não são terríveis; ao contrário, são promessas do tipo de comportamento que podemos esperar quando Cristo vive em nós. Lembre-se, Ele está fazendo a obra em nós; portanto, não podemos nos vangloriar. Deus promete: não amaldiçoaremos, mentiremos, furtaremos, mataremos, cobiçaremos, cometeremos adultério, profanaremos o seu sábado, etc. a poderosa graça interior de Deus que nos liberta da condenação que a desobediência à lei de Deus traz. O apóstolo Tiago chama os Dez Mandamentos de lei da liberdade: “Porque qualquer que guardar toda a lei, mas tropeçar em um só ponto, torna-se culpado de todos. Pois aquele que disse: Não cometa adultério, também disse: Não mate. Ora, se não adulteras, mas se matas, tornaste-te transgressor da lei. Assim falem e façam o mesmo, como aqueles que serão julgados pela lei da liberdade”. Tiago 2:10-12.

A lei de Deus é eterna (Sl 111:7, 8). Foi escrito no coração dos filhos de Deus antes de ser codificado no Monte Sinai. A Escritura diz que Abraão guardou a Lei de Deus. “Abraão obedeceu à minha voz, guardou minha ordem, meus mandamentos, meus estatutos e minhas leis.” Gn 26:5. Joseph sabia que não devia fornicar. Estas e outras nos mostram a existência de uma lei moral. Em contraste com as leis mosaicas que iriam passar algum dia, a lei de Deus era eterna e nunca passaria.

Deus exigia que Israel guardasse Suas leis antes do Sinai. “E o Senhor disse a Moisés: Até quando recusareis a guardar meus mandamentos e minhas leis. Então o povo descansou no sétimo dia”. Ex.16:28. Deus esperava que Seu povo guardasse o sábado antes do Sinai, momento em que a lei foi escrita em pedra. Antes do Sinai, Deus lhes deu uma porção dupla de maná na sexta-feira. Por que? Para que pudessem santificar o sábado com Ele, de acordo com o mandamento. (Ex.16: 25-30).

Satanás odeia a lei de Deus e convenceu os homens de que Deus não é mais exigente em relação a ela. Ele atacou especialmente o sábado, que é um lembrete semanal de que Deus é nosso poderoso Criador. Mas o sábado permanece abençoado e santo, apesar do que o homem pensa. Mesmo na nova terra, os remidos se lembrarão de santificar o sábado: “Porque, como os novos céus e a nova terra que farei permanecerão diante de mim, diz o Senhor, assim permanecerão a vossa descendência e o vosso nome.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

permanecer. E acontecerá que desde uma lua nova até a outra, e desde um sábado até o outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o SENHOR." É um. 66:22, 23.

John Witcombe

A BESTA E SUA MARCA

Este assunto é um dos mais importantes da Bíblia. Quem é a besta do Ticristo? E qual é a marca dele?

A advertência mais séria que Deus envia ao mundo nos últimos dias é encontrada em Apocalipse 14:9, 10:

“E o terceiro anjo os seguiu, dizendo em alta voz: Se alguém adorar a besta e a sua imagem, e receber a sua marca na testa ou na mão, esse beberá do vinho da cólera de Deus , que é derramado sem mistura no cálice de sua indignação; e será atormentado com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro.”

Todos os que adorarem a besta, ou adorarem sua imagem, ou receberem a marca da besta serão brindados. Sabemos que Deus nos ama e, se Ele enviou uma mensagem tão séria, podemos ter certeza de que também deixou bem claro quem é o que essa besta representa.

Vamos para Apocalipse 13 e leia sobre o poder desta besta que Deus tem nos alertou sobre:

**“E eu parei sobre a areia do mar e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre seus chifres dez diademas, e sobre suas cabeças um nome de blasfêmia.
E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande autoridade. E vi uma de suas cabeças como ferida de morte; e a sua ferida mortal foi curada; e todo o mundo se maravilhou após a besta.” — Apocalipse 13:1-3.**

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Agora, esta é uma besta estranha! Este é um animal literal? Não, é obviamente simbólico - representa algo. A Bíblia nos diz o que é. Vamos obter a interpretação bíblica de cada parte.

Primeiro, vem da água ou do mar. O que a água simboliza? Em Apocalipse 17:15, encontramos a resposta: “E disse-me: 'As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, e multidões, e nações, e línguas.'” As águas ou mar sempre simbolizam. muitas nações de pessoas que falam línguas diferentes.

Agora, e aquelas outras partes estranhas - corpo de leopardo, pés de urso, cabeça de leão e dez chifres? Devemos ir ao livro de Daniel no Antigo Testamento para entender. Daniel e Apocalipse se explicam. Você não pode entender um livro sem o outro - as chaves estão em cada um. Então, vamos passar um pouco de tempo em Daniel, e você verá algo incrível quando voltarmos a Apocalipse 13.

Vejamos Daniel 7. Aqui temos outra visão profética: “Daniel falou e disse: 'Eu vi em minha visão de noite, e eis que os quatro ventos do céu lutavam contra o grande mar. E subiram do mar quatro grandes animais, diversos uns dos outros.'” — Daniel 7:2, 3, grifo do autor. Lembre-se, água ou mares representam multidões de pessoas.

Então o versículo 3 diz que “subiram quatro grandes animais”. O que as bestas representam na profecia? A resposta está no versículo 17: “Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis que se levantarão da terra”. Então, o versículo 23 diz: “Assim disse ele: O quarto animal será o quarto reino sobre a terra, o qual será diverso de todos os reinos, e devorará toda a terra, e a pisará, e a fará em pedaços.” —ênfase fornecida. Isso significa que as primeiras quatro bestas representam os primeiros quatro reis e seus reinos.

Ainda hoje seguimos esta prática - animais representando reinos. Há a águia americana, o urso russo, o dragão chinês, etc. Vamos olhar mais de perto esses reinos.

primeiro reino

“O primeiro era como um leão e tinha asas de águia; eu olhava até que lhe foram arrancadas as asas, e foi levantado da terra, e posto em pé como um homem, e foi-lhe dado um coração de homem .” — Daniel 7:4.

Quem foi esse primeiro império mundial? Babilônia — representada pelo rei dos animais. Asas, em profecia, representam velocidade (Habacuque 1:8). A profecia começa com a Babilônia - o reino em que Daniel está vivendo. Na Bíblia,

Apêndice H: A Besta e Sua Marca

Babilônia é referida como um leão (compare 2 Reis 24:1; Jeremias 51:37, 38).

À medida que as ruínas da Babilônia foram escavadas, vemos ainda hoje muitos leões alados esculpidos nas paredes daquela antiga cidade. Babilônia governou de 606 aC a 538 aC

segundo reino

“E eis outro animal, um segundo, semelhante a um urso, que se levantava para um lado, e tinha na boca três costelas entre os dentes; e disseram-lhe assim: Levanta-te, devora muita carne.” — Daniel 7:5.

Aqui está o segundo império mundial - Medo-Pérsia, levantado de um lado. Surgiu como um império conjunto; no entanto, os persas eram mais fortes que os medos. As três costelas simbolizam as três províncias babilônicas que conquistou do mundo então conhecido - Babilônia, Egito e Lídia. Medo Pérsia governou de 538 aC a 331 aC

terceiro reino

“Depois disso vi, e eis outro, como um leopardo, que tinha nas costas quatro asas de ave; a besta também tinha quatro cabeças; e foi-lhe dado domínio .” — Daniel 7:6.

Em 331 AC surgiu a terceira besta. Tinha quatro asas representando velocidade dupla, uma expressão adequada da rapidez de Alexandre, o Grande, que rapidamente conquistou o mundo e estabeleceu o império da Grécia. As quatro cabeças representam os quatro reinos temporários que foram formados após a morte de Alexandre, divididos por seus quatro principais generais. O território do norte foi para Lysimachus; o sul para Ptolomeu; o Oriente para Seleuco; e o oeste para Cassander. Grécia governou de 331 aC a 168 aC

quarto reino

“Depois disso, vi nas visões noturnas e eis um quarto animal, terrível e terrível e extremamente forte; e tinha grandes dentes de ferro: devorava e despedaçava, e pisava o que sobrava com os pés; e tinha dez chifres.” — Daniel 7:7.

A quarta besta era estranha. Daniel nunca tinha visto nada assim! Ele conhecia um leão, um leopardo e um urso, mas este era único! A terrível quarta besta era o quarto reino:

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

“Assim disse ele: ‘O quarto animal será o quarto reino sobre a terra, o qual será diverso de todos os reinos e devorará toda a terra, e a pisará e a fará em pedaços.’” — Daniel. 7:23.

Todos os quatro reinos ocupavam o mesmo território. Que reino conquistou a Grécia e assumiu seu território? O quarto reino inquestionavelmente representa Roma, que governou de 168 aC a 476 dC.

E os dez chifres deste quarto animal? Vejamos o que representam:

“E os dez chifres deste reino são dez reis que se levantarão; e outro se levantará depois deles; e ele será diferente desde o primeiro e subjugará três reis.” — Daniel 7:24.

Os dez chifres são dez reis ou reinos. Quando Roma caiu, foi dividida em dez partes à medida que as tribos bárbaras avançavam. Essas dez tribos eram os alamanos (Alemanha), os visigodos (Espanha), os francos (França), os suevos (Portugal), os borgonheses (Suíça).), os anglo-saxões (terra da Inglaterra) e os lombardos (Itália). Três das tribos não existem mais: os ostrogodos, os vândalos e os hérulos. Para descobrir por que eles não existem, vamos ler Daniel 7:8:

“Eu considerava os chifres, e eis que entre eles subiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre [chifre pequeno] havia olhos como os olhos de homem, e uma boca que fala grandes coisas.” — ênfase fornecida.

De repente, surge outro chifre pequeno ou pequeno reino.

Esses três reinos foram destruídos pelo surgimento de outro pequeno reino. Agora, quem é o chifre pequeno? Se você realmente quisesse saber, poderia perguntar ao seu professor de história, e ele provavelmente poderia lhe dizer qual reino destruiu os ostrogodos, os vândalos e os hérulos. Vamos descobrir muito sobre o chifre pequeno à medida que avançamos. Você verá que esse reino do chifre pequeno é o poder do anticristo - o mesmo que o poder da besta sobre o qual Deus nos adverte em Apocalipse 13.

Agora, devemos ser muito cuidadosos e claros ao identificar esse reino e poder. E Deus fez exatamente isso. Nos próximos versículos, Deus nos dará nove marcas de identificação de quem é esse poder, para que não precisemos adivinhar isso. Ele deixa tão claro que não há espaço para especulações. Deus dá nove marcas e essas nove não se aplicam a nenhum poder na história, exceto a um.

Apêndice H: A Besta e Sua Marca

Nove pontos de identificação

1. Este poder surge entre eles (Daniel 7:8). Então agora nós o localizamos geograficamente. Os outros dez chifres, ou reinos, estavam na Europa Ocidental. Então, se surgir entre eles, deve ser um pequeno reino que surge em algum lugar da Europa Ocidental.
2. Se surgiu entre eles, teve que surgir depois do ano DC 476, porque os dez reinos não estavam lá até 476 dC, depois que Roma, a quarta besta, caiu.
3. Seria um chifre pequeno (Daniel 7:8) ou um pequeno reino. Não é um grande império como os outros, mas começa pequeno.
4. Desarraiga três reinos (Daniel 7:8). Nós já estabelecemos concluiu que os ostrogodos, os vândalos e os hérulos eram esses três reinos.
5. Era diverso ou diferente (Daniel 7:24). Como? Não seria um governo como os outros, mas diferente de qualquer sistema que já existiu.
6. Falaria grandes palavras (Daniel 7:25). Apocalipse 13:5 diz grandes palavras e blasfêmias. Vamos obter duas definições bíblicas de blasfêmia. João 10:31-33 diz que blasfêmia é quando um homem afirma ser Deus. Marcos 2:5-7 diz que blasfêmia é quando um homem afirma ter o poder de perdoar pecados. Então este homem à frente deste reino faria isso.
7. Desgastaria os santos (Daniel 7:25). Esse poder lutaria contra Deus, contra o povo de Deus, e seria um poder perseguidor. O povo de Deus seria martirizado e morto por ela.
8. Ele pensaria em mudar os tempos e as leis (Daniel 7:25). Esse o poder pensaria e tentaria acabar com os tempos sagrados e as leis de Deus. Isso não pode ser feito, mas esse poder pensaria e tentaria mudá-los.
9. Daniel 7:25 nos diz por quanto tempo ele governaria. Ele governaria por um "tempo, tempos e divisão de tempo". Agora, este é um termo profético. A Bíblia nos diz quanto tempo é, no entanto. Se compararmos Apocalipse 12:14 e 12:6, veremos que é igual a 1260 dias. Isso significa: o tempo é um ano, os tempos são dois anos e a divisão do tempo é meio ano – o total é três anos e meio. Quantos dias estão em

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

três anos e meio usando o calendário bíblico de trinta dias a um mês?
Mil duzentos e sessenta dias.

Agora, aqui está outra chave de profecia. Lembre-se que na profecia estamos lidando com símbolos. Um dia também é simbólico. É um símbolo de um ano (Ezequiel 4:6; Números 14:34). Sempre que Deus falou profeticamente como nesses textos, o princípio do dia por ano foi seguido. (Observe que isso se aplica apenas às Escrituras proféticas.) Portanto, esse poder governará por 1.260 dias ou anos. Temos nove pontos. Tudo isso veio somente da Bíblia!

Você provavelmente pode adivinhar o poder que o chifre pequeno ou a besta do anticristo já tem. O fato é que existe um e apenas um poder que atende a esses nove requisitos. Deus é preciso. No entanto, Deus também quer que percebamos que Ele está falando de um sistema, um reino, não de pessoas sinceras que podem fazer parte do sistema. A verdade não é contra pessoas sinceras. A verdade é contra o erro. Deus nos ama e dá esses nove pontos para que não sejamos enganados. É indiscutivelmente claro que esses pontos se aplicam a apenas um poder na história do mundo, e esse é o papado. Agora, observe que Deus não está falando dos membros da Igreja Católica de forma depreciativa. Existem muitos padres, freiras e católicos que amam o Senhor de todo o coração e dedicaram suas vidas a serviço da humanidade. Existem pessoas boas e sinceras em todas as igrejas. Deus simplesmente identifica o reino político do papado porque, como todas as nações, ele teve uma história muito significativa com a igreja cristã. Antes de entrarmos nisso, porém, vamos dar uma olhada mais de perto nos nove pontos para ver como eles se aplicam.

Aplicação de Pontos de Identificação

1. e 2. Daniel 7:8: Ele “subiu entre” os outros dez chifres ou reinos, depois de 476 DC. Há apenas um “pequeno” reino que se encaixa nessa descrição e é a Cidade do Vaticano e o Sacro Império Romano Império.

3. Daniel 7:8: Ainda é até hoje, de certa forma, um “pequeno” reino. O Vaticano tem apenas 109 acres de tamanho. Mas agora é um reino poderoso e o reino mais rico do mundo. Nenhum outro poder se encaixa nessa descrição.

4. Daniel 7:8: Ela “arrancou três reinos”. Claramente documentada na história está a erradicação dos hérulos, vândalos e ostrogodos pelos exércitos da Roma papal. Os últimos a desaparecer foram os ostrogodos em 538 DC. No mesmo ano, o imperador romano Justiniano deu ao bispo de Roma autoridade sobre o reino.

5. Daniel 7:24: Seria “diversos” ou diferentes. Todos os anteriores

Apêndice H: A Besta e Sua Marca

os reinos eram simples governos estabelecidos de maneira política normal. A Roma papal, no entanto, foi e ainda é única e diferente porque é uma igreja que governa. As políticas são ditadas pelos bispos e papas.

6. Daniel 7:25: Fala “grandes palavras” ou blasfêmia. A definição bíblica de blasfêmia é composta de duas coisas: (1) Um homem afirmando ser Deus. (2) Um homem que afirma ter poder para perdoar pecados. Existe apenas um poder hoje que se encaixa nessa descrição - o poder papal. Vamos obter provas documentais disso nas páginas de fontes católicas. Veremos alguns mais antigos, bem como fontes de nossos dias. Observe que examinaremos várias fontes, pois é importante ver de forma clara e justa que a Igreja Romana se encaixa nessa sexta característica de identificação.

No Dicionário Eclesiástico de Ferraris, Prompta Bibliotheca (Handy Library), vol. 6, 1858, sob um artigo intitulado Pope, lemos o seguinte:

“O Papa é de tão grande dignidade e tão exaltado que não é um homem, mas como se fosse Deus e o Vigário de Deus. O Papa é chamado de 'Santíssimo' porque é legitimamente presumido que o seja.... Ele é igualmente o Monarca divino e o Imperador supremo, e Rei dos Reis.... O Papa é como se fosse Deus na terra, único soberano dos fiéis de Cristo, principal rei dos reis, tendo plenitude de poder”.

Grande parte da doutrina católica oficial é retirada dos numerosos concílios ecumênicos que ocorreram ao longo dos séculos. “Ecumênico” significa que os líderes católicos de todo o mundo se reuniram para determinar o que a igreja faria e ensinaria. O Concílio Vaticano I ocorreu em 1869 e 1870. Na quarta sessão desse concílio, em 18 de julho de 1870, na seção intitulada “Primeira Constituição Dogmática sobre a Igreja de Cristo”, capítulo 3, encontramos as seguintes palavras: [Nota : Esta citação e outras a seguir foram abreviadas apenas por questão de espaço. Para o texto completo, veja os dois volumes dos Decretos dos Conselhos Ecumênicos, editados por Norman P. Tanner, SJ, e publicados pela Sheed & Ward e pela Georgetown University Press em 1990.]

“...o pontífice romano é o... cabeça de toda a igreja e pai e mestre de todo o povo cristão... A igreja romana possui uma preeminência de poder comum sobre todas as outras igrejas. Tanto o clero quanto os fiéis são obrigados a se submeter a esse poder.... Assim, pela união com o Romano Pontífice na comunhão e na profissão da mesma fé, a Igreja de Cristo torna-se um só rebanho sob um único pastor supremo. (Tanner, páginas 813 e 814).

Essas palavras estão em conflito direto com as Escrituras. A Bíblia afirma claramente que Cristo é o cabeça da igreja (Efésios 4:15), não o papa;

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

que Cristo é o pastor supremo (1 Pedro 5:4), não o papa. Assim, o papa em essência afirma ser Deus, pois assume para si características que só pertencem a Deus.

Além disso, o papado também afirma que o papa é infalível - isto é - que ele não pode cometer erros nas decisões relativas à doutrina em toda a igreja e, portanto, deve ser obedecido implicitamente. Novamente, testemunhe as palavras do quarto capítulo da “Primeira Constituição Dogmática sobre a Igreja de Cristo”, proferida no Concílio Vaticano I:

“... quando o pontífice romano fala ex cathedra, isto é... quando ele define uma doutrina relativa à fé ou à moral a ser sustentada por toda a igreja, ele possui... infalibilidade... (Tanner, página 816).”

Esta doutrina da infalibilidade papal é uma blasfêmia, pois somente Deus é infalível. Dizer que o papa, um mero homem, pode estar absolutamente correto e, portanto, deve ser obedecido quando ele faz decretos sobre como toda a igreja cristã deve acreditar e agir é contra o ensino bíblico claro em contrário. A igreja romana “anathematiza” (isto é, condena ao inferno) qualquer um que se recuse a aceitar a infalibilidade do papa (ver Primeiro Concílio do Vaticano, quarta sessão, 18 de julho de 1870, na seção intitulada “Primeira Constituição Dogmática sobre a Igreja de Cristo,” final do capítulo 3/Tanner, páginas 814, 815).

A Igreja Romana reafirmou a infalibilidade papal e o dever de todos os cristãos de obedecer ao papa no Concílio Vaticano II na década de 1960 (ver a seção intitulada *Lumen Gentium*, 25/Tanner página 869), e continua sendo a doutrina católica oficial hoje. Testemunhe a seguinte citação do atual Catecismo da Igreja Católica, seções 937 e 891:

“O Papa goza, por instituição divina, de 'poder supremo, pleno, imediato e universal no cuidado das almas'” (937).

“O Romano Pontífice, chefe do colégio dos bispos, goza desta infalibilidade, quando... proclama por ato definitivo uma doutrina relativa à fé ou aos costumes... [Essas] definições devem ser seguidas...” (891)

Com essas declarações atuais em mente, declarações mais antigas, como a seguinte de *La Civiltà Cattolica* (A Civilização Católica), um periódico fundado pelos jesuítas em 1850 em Nápoles, Itália, que ainda está sendo publicado hoje, são vistas como refletindo o ensinamento católico atual apesar da idade:

“O Papa é o juiz supremo da lei da terra.... Ele é o vice-regente de Cristo, e não é apenas sacerdote para sempre, mas também rei dos reis e Senhor dos senhores”. (18 de março de 1871).

Apêndice H: A Besta e Sua Marca

“O Papa não é apenas o representante de Jesus Cristo, mas ele é o próprio Jesus Cristo, oculto sob o véu da carne.” —Catholic National, julho de 1895.

O papa afirma ser Deus? Sim, tanto diretamente quanto por meio de assumir atributos que só podem pertencer a Deus.

E quanto à afirmação de ser capaz de perdoar pecados?

“O sacerdote realmente e verdadeiramente perdoa pecados em virtude do poder que lhe foi dado por Cristo.” — Catecismo de Joseph Deharbe, página 279.

“Procure onde quiser, através do céu e da terra, e encontrará apenas um ser criado que pode perdoar o pecador, que pode libertá-lo das correntes do inferno; esse ser extraordinário é o padre, o padre católico [romano]. Sim, amados irmãos, o padre não apenas declara que o pecador está perdoado, mas realmente o perdoa. O sacerdote levanta a mão, pronuncia a palavra de absolvição e, num instante, rápido como um clarão, as cadeias do inferno se rompem e o pecador se torna filho de Deus. Tão grande é o poder do sacerdote que os próprios julgamentos do céu estão sujeitos à sua decisão.” — Michael Muller, *The Catholic Priest*, páginas 78, 79.

E do atual Catecismo da Igreja Católica, seções 1461 e 1484, encontramos o seguinte:

“Com efeito, os bispos e os sacerdotes, em virtude do sacramento da Ordem, têm o poder de perdoar todos os pecados...” (1461)

“A confissão individual e integral [a um sacerdote] e a absolvição [a um sacerdote] continuam a ser a única forma ordinária para os fiéis se reconciliarem com Deus...” (1484)

Verdadeiramente, nenhum outro poder na terra pode cumprir este ponto de identificação.

7. Daniel 7:25: Ele guerreará contra o povo de Deus e os perseguirá.

Embora isso já tenha passado, todas as pessoas da terra estão cientes dos milhões de mártires mortos durante a Idade das Trevas pelos exércitos papais. As estimativas mais conservadoras são de que 50 milhões de homens e mulheres foram condenados à morte. Basta ler as páginas de centenas de livros de história disponíveis para documentar isso. O Papa Inocêncio III, 1198-1216, foi responsável por milhares de mártires. A Inquisição espanhola, o Mas sacre de São Bartolomeu e a história dos valdenses são alguns exemplos. Não citamos isso com o propósito de lançar calúnias. Essas coisas são passadas; no entanto, devemos discuti-los para ver o cumprimento da profecia.

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

8. Daniel 7:25: Ele “pensaria em mudar os tempos e a lei”. No Catecismo da Doutrina Católica do Con vert, página 49, descobrimos que a lei de Deus foi mudada. Êxodo 20 contém a lei de Deus como Ele a escreveu com Seu próprio dedo na pedra. No entanto, a lei impressa no Catecismo do Converso omitiu o segundo mandamento e dividiu o décimo em dois. (O atual Catecismo da Igreja Católica faz quase o mesmo: compare a seção 2.084 com a 2.142 e a seção 2.514 com a 2.534.) O Dicionário Eclesiástico Católico de Ferraris chega a dizer que:

“O papa tem tanta autoridade e poder que pode modificar, mudar ou interpretar até mesmo as leis divinas. O papa pode modificar a lei divina, visto que seu poder não é do homem, mas de Deus, e ele age como vice-rei de Deus na terra com o mais amplo poder de ligar e desligar suas ovelhas.

Nenhum outro poder na terra fez reivindicações tão blasfemas ou fez tais mudanças na lei de Deus.

9. Daniel 7:25: Regeria 1260 anos. Esta é uma profecia muito dramática! Em 538 DC, a Roma papal finalmente destruiu os ostrogodos. O imperador Justiniano entregou o reino ao bispo de Roma naquele ano. Adicione 1260 anos a isso e chegará a 1798, o ano da Revolução Francesa.

Em 1798, os exércitos de Napoleão derrubaram o poder papal, confiscaram todas as propriedades do reino, declararam a república e tiraram o papa do trono, onde na França ele morreu no exílio. Exatamente 1260 anos como profetizado!

Agora que a Bíblia estabeleceu claramente a identidade do pequeno chifre/reino em Daniel 7, vamos ao reino da besta de Apocalipse 13 e observe as semelhanças. Em Apocalipse 13, a besta que profere grandes palavras e blasfêmias também governa 42 meses, o que equivale a 1260 dias. Em Apocalipse 13:7 também faz guerra contra o povo de Deus. Apocalipse 13:3 diz que recebe uma ferida mortal. Comparando o chifre pequeno e a besta, vemos que eles são um e o mesmo poder. E é esse poder que Deus diz para não adorar, nem adorar sua imagem, nem receber sua marca.

No anterior, identificamos a besta, agora queremos descobrir qual é a marca da besta.

Quando Jesus voltar a esta terra, haverá apenas dois grupos de pessoas na terra: os justos e os ímpios. Quando Deus acabar com este mundo de pecado, essa distinção surgirá como resultado de uma questão específica. Esse problema faz com que todas as pessoas decidam de que lado estarão. Essa questão gira em torno de uma decisão: adoraremos a besta, sua imagem e receberemos a marca da besta? Ou nós

Apêndice H: A Besta e Sua Marca

adorar a Deus, seguir Sua verdade e receber o selo de Deus? Apocalipse 14:9, 10 dá este aviso:

“E o terceiro anjo os seguiu, dizendo em alta voz: Se alguém adorar a besta e a sua imagem, e receber a sua marca na testa ou na mão, esse beberá do vinho da cólera de Deus, que é derramado sem mistura no cálice de sua indignação; e será atormentado com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro.” — ênfase fornecida.

Em Apocalipse 15:1 nos é dito que a ira de Deus são as sete últimas pragas pouco antes da vinda de Jesus. Essas pragas serão os flagelos mais terríveis já lançados sobre o homem. Agora vamos fazer uma pergunta importante: Nosso Deus, que está tão determinado a nos salvar, nos ameaçaria com esta terrível ira se não pudéssemos saber quem é a besta, e qual é a sua marca? Não! Assim, em Sua palavra, Deus deixou bem claro quem é a besta - como já vimos - e qual será a marca da besta.

A Bíblia ensina que somente aqueles que têm o selo de Deus são salvos (Apocalipse 7:2, 3). Deus dará a cada pessoa a oportunidade de escolher se renderá sua lealdade a Ele ou ao poder da besta. Portanto, qualquer que seja a marca da besta, é obviamente algo sobre o qual Deus sente muito fortemente.

Observe que a besta de Apocalipse 13 é composta das quatro bestas de Daniel 7. Ela tem o corpo do leopardo, os pés do urso, a boca do leão e os dez chifres da quarta besta. Por que é assim retratado? É porque o sistema papal incorporou doutrinas, crenças, práticas e ensinamentos de todos esses impérios pagãos, especialmente da Babilônia. Ele vestiu esses falsos ensinamentos com uma roupagem espiritual e os espalhou por todo o mundo.

Deus está chamando Seu povo para fora da Babilônia:

“E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e covil de todo espírito imundo, e esconderijo de toda ave imunda e odiosa. Pois todas as nações beberam do vinho da cólera de sua prostituição, e os reis da terra se prostituíram com ela, e os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas iguarias. E ouvi outra voz do céu, dizendo: Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas.” — Apocalipse 18:2, 3, ênfase adicionada.

Saia, meu povo, Deus diz! Deus anseia por Seu povo na Babilônia

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

deixar para trás sua teologia distorcida e se tornar parte do povo que guarda os mandamentos de Deus e tem a fé de Jesus!

Em Apocalipse 14:9, 10, Deus descreve aqueles que adoram a besta:

“E o terceiro anjo os seguiu, dizendo em alta voz: Se alguém adorar a besta e a sua imagem, e receber a sua marca na testa ou na mão, esse beberá do vinho da cólera de Deus, que é derramado sem mistura no cálice de sua indignação; e será atormentado com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro”.

No entanto, no versículo 12 ele descreve os santos que estão em contraste como aqueles que “guardam os mandamentos de Deus”:

“Aqui está a paciência dos santos: aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.” — ênfase fornecida.

Isso se repete várias vezes:

“E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao restante da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus Cristo.” — Apocalipse 12:17, ênfase adicionada .

“Bem-aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas.” — Apocalipse 22:14, ênfase adicionada.

Mas então Apocalipse dá outra marca de identificação do povo de Deus nos últimos dias:

“E vi outro anjo que subia do oriente, tendo o selo do Deus vivo; e clamou em alta voz aos quatro anjos, aos quais fora dado fazer dano à terra e ao mar, dizendo: Não danifiquem a terra , nem o mar, nem as árvores, até que tenhamos selado os servos de nosso Deus nas suas testas.” — Revelação 7:2, 3, ênfase adicionada.

Os servos de Deus terão assim o “selo de Deus” em suas testas. Qual é o selo de Deus? Apocalipse 22:4 diz que é o nome do Pai na testa deles. “E verão a sua face; e seu nome estará em suas testas.

Isso é repetido em Apocalipse 14:1: “E olhei, e eis que estava o Cordeiro sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo o nome de seu Pai escrito nas suas testas” (grifo nosso).

Isso é crucial para ver, para perceber como a marca da besta é descrita.

Apêndice H: A Besta e Sua Marca

Apocalipse 14:11 diz que é a “marca do seu nome” em suas testas. “E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm descanso nem de dia nem de noite os que adoram a besta e a sua imagem e todo aquele que recebe a marca do seu nome” (grifo nosso). Portanto, a questão que o mundo está enfrentando resume-se a esses dois lados com duas marcas que os distinguem.

Observamos no capítulo 4 deste livro (Califado de Jerusalém e a Terceira Jihad) que o selo de Deus foi encontrado no quarto mandamento. Vimos que o selo de Deus tinha a ver com o sábado do sétimo dia.

Este selo quase certamente não é um selo literal e visível que será estampado na testa dos crentes, mas sim um estabelecimento na verdade de Deus, uma decisão de seguir Jesus. Sua testa representa sua mente, onde você toma decisões. Quando você escolhe Deus, Seu nome e lei são simbolicamente escritos em sua mente. Como Hebreus 10:15, 16 diz: “Do que também o Espírito Santo nos é testemunha; minhas leis em seus corações e em suas mentes as escreverei” (grifo nosso).

Agora que sabemos o que é o selo de Deus, qual é a marca da besta? Bem, é uma falsificação passo a passo simples do selo de Deus! Vamos voltar para a profecia em Daniel 7:25:

“E proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e as leis ; ”—ênfase fornecida.

Observe que o poder da besta muda vezes. Somente o quarto mandamento da lei trata dos tempos - e, de fato, é um excelente exemplo de como a Igreja Romana tentou mudar os tempos e as leis de Deus. Observe o que o Catecismo da Doutrina Católica do Convert, do reverendo Peter Geirmann, tem a dizer:

P. Qual é o dia de sábado?

A. Sábado é o dia de sábado.

P. Por que observamos o domingo em vez do sábado?

R. Observamos o domingo em vez do sábado porque a Igreja Católica, no Concílio de Laodicéia (336 DC), transferiu a solenidade do sábado para o domingo.

À medida que essas mudanças foram feitas, a Roma papal começou a espalhar essas

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

ensinamentos em todo o mundo que ele governou. Os escritores da Bíblia já haviam previsto isso e já começaram a nos alertar sobre isso:

“E todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; e este é o espírito do anticristo, do qual ouvistes que havia de vir; e mesmo agora já está no mundo.” — 1 João 4:3.

João disse que o espírito do anticristo já está trabalhando no mundo em seus dias! Então Paulo em 2 Tessalonicenses 2:3, 4, 7, falando sobre os desenvolvimentos posteriores do anticristo, escreveu estas palavras:

“Que ninguém vos engane de maneira alguma; porque esse dia não chegará sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem do pecado, o filho da perdição; Quem se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus, ou se adora; de modo que ele, como Deus, se senta no templo de Deus, mostrando-se que ele é Deus. Pois o mistério da iniquidade já opera: somente aquele que agora deixa, até que seja tirado do caminho.” — ênfase fornecida.

À medida que continuamos através da história, descobrimos que as pessoas começaram a protestar contra as ações da Igreja Romana em distorcer a Palavra de Deus. Isso eventualmente deu início ao que hoje chamamos de Reforma Protestante. À medida que a Reforma crescia e a autoridade da Bíblia começava a desafiar a autoridade da Igreja papal, o papado enfrentava uma oposição generalizada. Nos anos 1500, foi tomada a decisão de colocar a tradição à frente da Bíblia, com base no “fato” de que a Igreja tinha poder para fazê-lo, já que era Deus na terra e, de fato, havia obtido amplo sucesso em “mudar” a fé de Deus. lei e o sábado de adoração. Observe estas citações:

“O arcebispo de Reggio fez um discurso no qual declarava abertamente que a tradição estava acima das Escrituras.... A igreja havia mudado... o sábado para o domingo, não por ordem de Cristo, mas por sua própria autoridade.” — Canon e Tradição, de Holtzmann, p. 263.

Observe que o arcebispo afirmou que a própria base do autor papal idade foi fundada sobre a mudança do sábado para o domingo.

“A igreja está acima da Bíblia e esta transferência do sábado para o domingo é prova desse fato.” — Catholic Record, 1º de setembro de 1923.

“É claro que a Igreja Católica afirma que a mudança foi um ato dela. E o ato é a marca de seu poder eclesiástico e autoridade em assuntos religiosos.” — Faith of Our Fathers, p. 14, CF Thomas, Chanceler do Cardeal Gibbons, ênfase fornecida.

Apêndice H: A Besta e Sua Marca

As igrejas protestantes, ao honrar o domingo como o sábado em lugar do sábado do sétimo dia, estão involuntariamente aceitando a autoridade da Igreja Católica, conforme observado pelas seguintes declarações:

“A razão e o bom senso exigem a aceitação de uma ou outra dessas alternativas: ou o protestantismo e a santificação do sábado, ou o catolicismo e a santificação do domingo. O compromisso é impossível.” — John Cardinal Gibbons, *The Catholic Mirror*, 23 de dezembro de 1893.

“O sábado era sábado, não domingo. A Igreja alterou a observância do sábado para a observância do domingo. Os protestantes devem estar bastante intrigados com a guarda do domingo, quando Deus disse claramente: 'Santifique o dia de sábado'. A palavra domingo não aparece em nenhum lugar da Bíblia, então, sem saber, eles estão obedecendo à autoridade da Igreja Católica.” — Canon Cafferata, *The Catechism Explained*, p. 89.

“É bom lembrar aos presbiterianos, batistas, metodistas e a todos os outros cristãos que a Bíblia não os apóia em parte alguma em sua observância do domingo. O domingo é uma instituição da Igreja Católica Romana, e aqueles que observam o dia observam um mandamento da Igreja Católica”. O padre Brady, em um discurso, relatou no *Elizabeth, NJ 'News'* em 18 de março de 1903.

“Os protestantes... aceitam o domingo em vez do sábado como dia de culto público depois que a Igreja Católica fez a mudança... Mas a mente protestante parece não perceber que... ao observar o domingo, eles estão aceitando a autoridade do porta-voz da Igreja, o Papa.” — *Our Sunday Visitor*, 5 de fevereiro de 1950.

O fato de a maioria das igrejas protestantes honrar o domingo como o dia de adoração – uma mudança que foi feita pela besta – tem significado profético.

cancelamento:

O papado é retratado por outro símbolo em Apocalipse — a mulher de Apocalipse 17, descrita como “a grande prostituta que está assentada sobre muitas águas” — Apocalipse 17:1. Observe que esta mulher é a mãe de prostitutas. Em outras palavras, ela tem filhas:

“E na sua testa estava escrito um nome: MISTÉRIO, BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS PROSTITUTAS E ABOMINAÇÕES DA TERRA.” — Revelação 17:5.

Essas filhas prostitutas seriam feitas à imagem de sua mãe.

O fato de que a maioria das igrejas protestantes aceita e promove o próprio dia

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

de adoração que a mãe/besta estabelece em violação direta do quarto mandamento as torna filhas fiéis de sua mãe. Essas filhas desempenham um papel proeminente em conexão com a besta de dois chifres de Apocalipse 13:

“E vi outra besta subir da terra; e ele tinha dois chifres como um cordeiro, e falava como um dragão. E ele exerce todo o poder da primeira besta diante dele, e faz com que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal foi curada .” — Apocalipse 13:11, 12.

“Os chifres de cordeiro indicam juventude, inocência e gentileza, representando adequadamente o caráter dos Estados Unidos quando apresentados ao profeta como 'chegando' em 1798. Entre os exilados cristãos que primeiro fugiram para a América e buscaram asilo da opressão real e intolerância sacerdotal foram muitos os que decidiram estabelecer um governo sobre o amplo fundamento da liberdade civil e religiosa [dois chifres de cordeiro]. Suas opiniões encontraram lugar na Declaração de Independência, que estabelece a grande verdade de que 'todos os homens são criados iguais' e dotados do direito inalienável à 'vida, liberdade e à busca da felicidade'. E a Constituição garante ao povo o direito de autogoverno, estabelecendo que os representantes eleitos pelo voto popular promulgarão e administrarão as leis. A liberdade de fé religiosa também foi concedida, sendo permitido a todo homem adorar a Deus de acordo com os ditames de sua consciência. O republicanismo e o protestantismo tornaram-se os princípios fundamentais da nação.

Esses princípios são o segredo de seu poder e prosperidade.” — O Grande Conflito, 441, grifo nosso.

Chifres de cordeiro, mas falará como um dragão? Esses dois chifres foram reduzidos a tocos. Estamos começando a ouvir a voz do arrasto enquanto nossos direitos constitucionais estão sendo corroídos.

Quando a América protestante aplicar as leis dominicais pela legislação do Congresso, eles formarão, por meio desse ato, uma imagem da besta (Apocalipse 14:9). É somente quando este teste final - em relação à lealdade aos mandamentos de Deus (sábado do sétimo dia) versus lealdade aos mandamentos da besta (domingo) - ocorre que alguém será encontrado adorando a besta e sua imagem. e recebendo sua marca.

Para obter mais informações sobre essas profecias, consulte o capítulo 25 de O Grande Conflito e leia o comentário sobre Apocalipse 13 em Daniel e Apocalipse - esses dois livros podem ser baixados gratuitamente em daniel1145.com na guia "Livros".

GARANTIA

DEFINIDA

O que é a fé de Jesus?

Considere a fé de Jesus por um momento. Para Jesus ter sido “tentado em todos os pontos como nós. . .” (Heb. 4:15), a possibilidade de ceder ao pecado tinha que estar lá. Jesus sabia que Sua vida de obediência contínua só seria possível se Ele continuasse a submeter-se momento a momento à vontade de Seu Pai. Ele também sabia que Sua ressurreição como nosso Redentor seria baseada na condição de que Ele permanecesse vitorioso.

Tal era Sua compreensão das condições; mas qual era a Sua fé? “Respondeu-lhes Jesus: O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens, e o matarão, e ao terceiro dia ressuscitará.” (Mateus 17:22, 23). Jesus falou com confiança de Sua ressurreição, indicando que Ele tinha fé que Seu pai O impediria de ceder ao pecado. Jesus tinha alguma Palavra de Deus em que pudesse colocar Sua fé que declarasse que Ele permaneceria vitorioso até o fim? Ele encontrou essa Palavra em Isaías 42:4: “Ele não falhará nem desanimará, até que ponha o juízo na terra. . .” Ele até fez uma promessa a respeito de Sua ressurreição: “Pois não deixarás a minha alma no inferno; nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção.” (Salmos 16:10).

Temos alguma Palavra de Deus na qual possamos colocar nossa fé e que nos dê esperança de que Deus nos impedirá de cair? Podemos crer nisso com a mesma segurança com que Jesus creu? Sim, de fato! “E o Senhor me livrará de toda má obra, e me levará para o seu reino celestial: a quem seja a glória para todo o sempre. Amém.” (2 Timóteo 4:18). “Agora, para aquele que é poderoso para impedir que você caia.” (Judas 1:24).

CALIFADO DE JERUSALÉM E A TERCEIRA JIHAD

Fé é esperar que a própria Palavra de Deus faça o que essa Palavra diz, e depender somente dessa Palavra para realizar o que ela declara. Jesus viveu por toda Palavra que saiu da boca de Deus. Ele colocou Sua fé na Palavra de Deus, esperando que a Palavra cumprisse o que dizia. E de acordo com Sua fé, foi para Ele (Mateus 9:29). Esta é a fé de Jesus, e é por ela que o cristão vive. “E a vida que agora vivo, vivo-a na fé do filho de Deus, que me amou e se entregou por mim.” (Gálatas 2:20).

Uma compreensão correta dos fatos teológicos é importante, mas “esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé”. (1 João 5:4). Jesus tinha fé na Palavra escrita e declarou com Davi: “Inclinei o meu coração para cumprir os teus estatutos sempre até o fim”. (Salmos 119:12). A Palavra de Deus tem poder criativo, e a fé de Jesus na Palavra fez com que isso fosse verdade em Sua vida. Essa Palavra também diz: “Ó, bendizei o nosso Deus. . . que mantém nossa alma em vida e não permite que nossos pés sejam movidos. (Salmos 66:8, 9). Jesus acreditava que Sua alma seria mantida em vida e, de acordo com Sua fé, era para Ele.

Ocorreu-me como um novo pensamento acreditar que minha alma seria mantida em vida. Eu não havia percebido que temos o direito de dizer: “O Senhor me livrará de toda má obra”. (2 Timóteo 4:18). Minha história de ser vencida pela tentação tornou impossível para mim acreditar que não continuaria a falhar. Minha única opção de fé foi negar a promessa de Deus pela incredulidade.

Você está vivendo pela fé do Filho de Deus? Se assim for, você também deve ser capaz de dizer: “Tenho posto o Senhor sempre diante de mim, porque Ele está à minha direita, não serei abalado”. (Salmos 16:8). A fé de Jesus é simplesmente acreditar em cada promessa que sai da boca de Deus.



Definida

An Ancient Bible Prophecy Reveals the Agenda of Today's Determined Islamists

Islamists—followers of the world's second-largest religion—have big plans. Their goal? Nothing less than to bring the nations of this world under the influence of Islam and the rule of its sharia law.

Beginning in A.D. 632, the entire Muslim world was ruled by a single leader called a caliph. But on March 3, 1924, after 1,292 years, the caliphate was abolished. Today, though, many Muslims envision a coming worldwide Islamic Super-state—and they are determined to reestablish the caliphate and vow that it will be planted in Jerusalem.

Twice in its long history, Islam has dramatically expanded its reach in the world through aggressive Jihads—bringing huge areas of earth's territory under Islamic control using all means necessary, including military conquest. Evidence is increasing that Islam is poised to launch a third Jihad to once again expand its dominion.

A Jerusalem caliphate? A third Jihad?

According to an ancient Bible prophecy, the answer to both questions is Yes. A reasonable and commonsense interpretation of that prophecy makes clear that Islam will indeed achieve its Jerusalem caliphate and set in motion its third Jihad: "And he shall plant the tabernacles of his palace between the seas in the glorious holy mountain. . ." Daniel 11:45.

What does this prophecy mean? And what will happen when the Muslim world—now 1.6 billion strong—unites under a restored caliphate in Jerusalem? The answers are set forth in the pages of this compelling book.

John Witcombe, an avid student of history and Bible prophecy, discovered a forgotten prophetic view of Islam in a 19th-century book entitled *Daniel and the Revelation*—a view that has significant relevance for those of us living in the 21st century. "Hidden in plain sight" in the 11th chapter of Old Testament Daniel, the author is convinced that Islam's present and future role is there clearly revealed.

Witcombe is a pastor who has worked in Ireland and in the Pacific Northwest. He and his wife, Sharon, are now experiencing the joys of being grandparents.



©2013 John Witcombe All rights reserved.

